

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO e MONTEIRO LOBATO

SUMMARIO

NO ALTO MAR	Paulo Setubal	289
UMA DECADA FECUNDA	Oliveira e Sousa	296
A CHIMICA ORGANICA NO NO- VO DICCIONARIO DO SNR. CANDIDO DE FIGUEIREDO	Affonso d'E. Taunay	301
CHRONICA PARISIENSE	Sergio Milliet	310
CABELLOS AO VENTO	Pedro Ferraz	312
CLASSICOS E CABOTINOS	Silveira Bueno	318
MEALHAS ETYMOLOGICAS	Francisco Luiz Vieira	324
AS RELIQUIAS DE TUT-ANKH- AMON.	Pery Campos	327

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUISAS — AS CARICATURAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO



Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principais escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . . . 10\$000

Explicações Praticas de Escripção Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. 6\$000

Aritmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . . . 10\$000

Noções de Calculos Commercial e Financeiros. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . . . 6\$000

Problemas de Escripção. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois

trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . . . 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, serve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura . . . 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prelo: *Contabilidade das Empresas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoral; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

Pedidos á

Compãhnia Graphico-Editora Monteiro Lobato
 Praça da Sé, 34
 São Paulo



Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

EDITORES: RENASCENÇA PORTUGUEZA, Porto — RUIZ HERMANOS, Madrid — FELIX
ALCAN, Paris — NICOLA ZANICHELLI, Bolonha — WILLIAMS NORGATE, Londres
WILLIAMS & WILKINS Co., Baltimore — THE MARUZEN COMPANY, Tokio.

“SCIENTIA,”

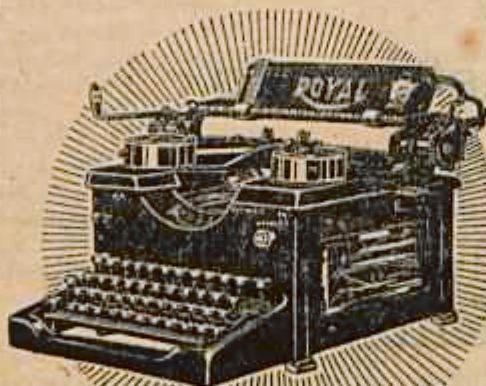
Revista Internacional de Synthese Scientifica
Publicação mensal (Cada numero 120 paginas)
Director: **EUGENIO RIGNANO**

- ✱ a unica revista que tem verdadeiramente colaboradores em todo o mundo.
 - ✱ a unica revista de circulação mundial.
 - ✱ a unica revista de synthese e de unificação da sciencia que trata de todas as questões fundamentais: historia das sciencias, mathematica, astronomia, geologia, physica, chimica, biologia, psychologia e sociologia.
 - ✱ a unica revista que por meio de investigações entre os mais eminentes sabios e escriptores de todas as nações (sobre os principios philosophicos das differentes sciencias; sobre as mais importantes questões astronomicas e physicas do dia e especialmente sobre a relatividade; sobre a contribuição dos differentes países no desenvolvimento dos ramos da sciencia; sobre as maiores questões biologicas e, particularmente, sobre vitalismo; a questão social; as grandes questões excitadas da grande guerra) estuda todos os problemas fundamentais que possam interessar aos sabios e aos intellectuaes de todo o mundo e ao mesmo tempo constitue a primeira tentativa de organização internacional do movimento philosophico e scientifico.
 - ✱ a unica revista que conta com a collaboração dos mais illustres sabios do mundo. Todos os fasciculos levam o nome de mais de 350 collaboradores.
- Os estudos são publicados na lingua nacional de seus autores e cada caderno tem anexo um supplemento levando a traducção franceza de todos os estudos cujo original não é francez. Por isto a revista pode ser lida pelos que conhecem unicamente o francez. (Peçam exemplares gratuitos de amostra ao Secretario Geral da “Scientia”, Milano, enviando a titulo de reembolso dos gastos do correio e envio, 1 peseta em sellos postacs).

Assignaturas: 100 liras italianas.

OFFICINAS DA REVISTA: Via A. Bertani, 14, MILANO (26)

Secretario Geral da Redacção: Dr. PAOLO BONETTI



Em cada ramo de industria, ha sempre um artigo que na lucta renhida de concorrencia conquistou uma posição superior a todos os seus congeneres. — — —

Na industria do Machinas de Escrever é a

“ROYAL”

N. 10
modelo Mestre

que em pouco mais de uma decada subiu á alta posição que occupa. Isso devido ás suas excellentes qualidades, como o comprovam todos os possuidores de machinas **ROYAL**.

AGENTE EXCLUSIVO: **CASA ODEON**
RUA SÃO BENTO N. 62 • TEL. CENTRAL 4608 • S. PAULO

BIOTONICO FONTOURA

FORTIFICANTE EFFICAZ

PARA

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS



Consagrado pelas maiores notabilidades medicas em virtude do valor de sua formula e da seriedade de sua fabricação, de accordo com a mais rigorosa technica scientifica, sendo o remedio indicado para todos os organismos enfraquecidos que necessitam de um reconstituente de acção rapida e segura.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

ESTÁ NO PRELO

PROBLEMAS DE ANTHROPOLOGIA SOCIAL

de OLIVEIRA VIANNA

Os assumptos versados pelos PROBLEMAS estão em plena actualidade, principalmente depois que os paulistas resolveram desinteressar-se da immigração italiana e que o prof. Miguel Couto abriu campanha contra o immigrante japonês. Os PROBLEMAS trazem a solução scientifica da questão.

EDIÇÃO DA
COMPANHIA GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Fundador : SILVIO DE ALMEIDA

Diretor : MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Empresa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone : Central 1681 — S. PAULO



REVISTA DO BRASIL

NO ALTO MAR

Do notável romance de Paulo Setúbal — "A Morqueza de Santos" — que sahirá ainda este mez, extrahimos este capitulo, que dá idéa da maneira segura e empolgante pela qual o auctor desenvolve o interessantissimo thema.

São Salvador, até aquelle momento, ainda não havia assistido a regosijos tão espaventosos. Nem a chegada de D. João VI, que fôra recebido com pompas retumbantes, provocára um entusiasmo tão fremente, como esse com que os bahianos acolheram os dois Soberanos. Foi uma apothese. Tudo embandeirado! Tudo enguirlandado! Tudo recamado de flores! Eram arcos de triumpho, disticos laudatorios, coretos a cada canto, colchas de damasco a despencarem das varandas, um ondear de flammulas e de bandeirinhas e uma alegria larga, ruidosa, esparramada pela cidade em festa!

A galeota ancorou debaixo de ensurdecedores estrondos de morteiros. Suas Majestades saltaram no Arsenal da Marinha. O povo, apinhado no cães, bramindo e delirando, acclamou fragorosamente os Imperadores. Em meio á turba, com o seu estandarte baloçando ao vento, o Senado da Camara, em grande gala, esperava reverente os Imperiaes Visitantes. Foi então que, com pomposa formalidade, o Presidente do Senado entregou ao Imperador, solennemente, as chaves da Cidade. E D. Pedro, entrando debaixo do pallio, cujos varaes os vereadores carregavam, lá se foi, scintillando de gran-cruzes, pela ladéira da *Preguiça* acima, seguido por um cortejo brillantissimo, ao som reboante das charangas, sob uma chuva de rosas que tombavam das sacadas, por entre um frenetico vendaval de palmas e de vivas.

A Imperatriz D. Leopoldina, com o seu faiscante diadema de pedrarias, lá se ia, carregada por escravos, numa cadeirinha de



talha dourada, riquíssima, toda acolchoada de brocado cor de rosa, com as armas do Imperio gravadas em oiro na portinhola. A Princezinha D. Maria da Gloria, mui donairoza e tãful, lá se ia tambem em outra cadeirinha, tão rica e leve como a da Imperatriz, toda estofada de branco, linda como um andor. Os negros que sopessavam esses ninhos de graça, uns negros espadaúdos e solidos, vestiam jaquetas agaloadas, de panno verde, trazendo uns chapelões vistosos, de aba larga, com borla escarlata e armas de prata.(1)

E assim, ladeira acima, a passo lento, por entre o clamoroso jubilo dos bahianos, o sequito imperial alcançou o Largo do Theatro. Ahí, no centro da Praça, erguia-se um vasto pavilhão, todo florido, enlaçarotado de fitões e galhardetes, tendo no frontespicio, como adorno historico, as armas com que os bahianos haviam rechassado os portuguezes. Dentro, com desusada magnificencia, estava armado um altar. O cabido, com o seu pendão branco, onde se via uma cruz negra erguida entre dois cirios accessos, recebeu á porta do pavilhão os dois Imperadores. O vigario capitular, com o seu thuribulo de prata, incensou tres vezes a Suas Majestades. D. Pedro e D. Leopoldina, ambos ao pé do altar, ambos commovidos e respeitosos, beijaram de joelhos o Santo Lenho. Todos os da Côte fizeram o mesmo. Ao terminar a cerimonia tradicional, aquelle extenso cortejo, com o Imperador ainda debaixo do pallio, por entre o estrepito dos morteiros, sob o bimbalar estrondante dos sinos, ondeou novamente por entre as ruelas da cidade enfeitada. E penetrou, enfim, no amplo recinto da Sé Cathedral. Principiou o Te Deum...

Os Augustos Hospedes, finda a acção de graças, recolheram-se ao Paço. Os bahianos, para aposentarem os Monarchas, culminaram em requintes de fidalguia. Tudo grandioso! Tudo magnifico! Tudo regio!

Os aposentos da Imperatriz foram preparados na Relação. Eram amplos, severos, duma austeridade distincta. Os moveis todos de mogno. As cortinas de damasco sombrio. A roupa branca de linho crivado. Havia nelles um luxo ameno. Um luxo medido e discreto.

Os aposentos da Princeza ficavam no Passadiço. O Passadiço ligava a Relação ao Paço. E era um ninho lindo, encantador! Todo branco, fofo de rendas, um mimo de frescura e graça.

Os aposentos do Imperador, rasgados e solennes, alfaiados com esmero, ficavam no proprio Paço. Tudo ahí era grandioso.

(1) D. Leopoldina mandou passar carta de alforria a esses escravos. Todos os detalhes da viagem á Bahia foram tirados da Chronica Geral. Trasladei-os para aqui com fidelidade, chegando a copiar, *ipsis litteris*, certas expressões.

Pratas, ouro, velludos, tapeçarias, brocados, tudo á altura do Regio Hospede!

Mas a maravilha, o deslumbramento, a obra-prima, eram as opulentas installações da Senhora Viscondessa de Santos. Os aposentos da paulista estavam tambem no Paço. Davam para o pateo. justamente em cima dos aposentos do Imperador. Occupavam todo um andar. E era de vel-os! O salão, nobre e largo, fôra mobiliado com magnificencia, todo de jacarandá trabalhado. O quarto de dormir, recoberto de tapeçarias de preço, tinha coisas deslumbradoras: cama riquissima, cortinado de rendas, colchas da India, cortinas de seda, finissimas cambraias bordadas, toucador sortido de todos os enfeites. E não era só. Havia ainda sala de jantar, quartos para seu irmão, quartos para os seus apaniguados, quartos para as suas creadas. E tudo alcatifado! Não se podia imaginar, para vencer o coração do Imperador, gentileza mais finoria...

No dia seguinte á chegada, logo de manhã, estacou em frente ao portico do Paço um elegantissimo coche, puxado por quatro machos puro-sangue, fogosos e magnificos, cobertos de mantas de velludo escarlata, bordadas a ouro. O fraco de D. Pedro era guiar. E Sua Majestade, afim de conhecer São Salvador, quiz elle proprio, naquella manhã, sahir boleando uma sége.

Era o seu primeiro passeio. Grande curiosidade! O povo apinhou-se em frente ao Paço. Que fervilhante borborinho de gente! Todos queriam ver o Imperador!

Sua Majestade pulou agilmente para a boleia do coche. E então, sem pesar conveniencias, affrontando os mais severos preconceitos da Provincia, D. Pedro, escandaloso, com a linda Viscondessa de Santos a seu lado, lá se foi, risonho e triumphante, a ostentar gloriosamente, ante os olhos estatelados dos bahianos, a despudorada felicidade daquelle seu amor adultero! O povo, que enxameava na Praça, ao vel-o partir, moço e galhardo, estalando furiosamente o chicote, numa disparada de mestre, prorompeu em aclamações entusiasticas:

— Viva D. Pedro!

— Viva D. Pedro!

Lá de cima, do alto duma janella, ao contemplar Sua Majestade que partia, victoriado, por entre o delirio da populaça, levando a amante pela cidade afôra, o Visconde de Barbacena, que conversava com o Visconde de Queluz, meneou a cabeça numa grande tristeza... E virando-se para o amigo, com um sorriso amargo:

— Ora veja aquillo, meu caro João Severiano! Veja aquillo... E diga-me um pouco se isto não é um paiz perdido!

.....



Noite. Mar alto. Luar suave... A náó *D. Pedro I* escorrega por entre as vagas espumarentas do Atlantico. Luzes retardatarias, alanternando os oculos dos beliches, pontilham de vermelho a immensidade que rugé. A Bahia, toda estoirante de festejos, ficou lá, muito longe, aninhada no cucuruto do morro, olhando o sinuoso do seu reconcavo azul, engaivotado de velas brancas.

E a náó deslisa... Ha um silencio profundo a bordo. Todos os passageiros recolhidos. O guarda-roupa de serviço, Pedro de Castro Canto e Mello, cabeceia de somno no camarim vasio do Imperador. No convéz, porém, sobre a maca de palhinha, recoberta de almofadões de velludo, conversam dois vultos solitarios. Quem será esse par de romanticos que lá vae, tão aconchegado, sob o luar dormente, num idyllio de noivos em lua de mel? Não é difficil advinhar. E' D. Pedro e é D. Domitila. Ambos, bem rentes um do outro, a mão enlaçada na mão, diante daquellas aguas immensas, onde branqueja a espumarada corcovante das vagas, lá se vão, numa intimidade enlanguesciente, a evocar os dias refulgentes da Bahia, tão bellos e tão bem vividos! E que relembrar delicioso... Era o beija-mão, em que a pequenina Maria da Gloria deslumbrara, com o seu vestidinho de boneca, tufado como os *balões* das grandes damas. Era o espectáculo de gala, no theatro abarrotado de gente, onde esplendéra, scintillando de joias, o collo magnifico da Viscondessa de Queluz. Eram as cavalgadas alegres, trotando por aquellas praias incomparaveis, em que D. Leopoldina, adeante, com o seu veador, ia sempre enfezada e casmurra. Era o baile, o grande baile offerecido á Côrte, em que o Visconde de Barbacena dan-sara a quadrilha com a senhora Condessa de Itapagipe...

— Ah, exclamou D. Pedro ouvindo o nome do Barbacena. Sabes? Vou mandar o Barbacena para o Sul. E' coisa resolvida. Vae como generalissimo das tropas.

— Que milagre, exclamou D. Domitila, que milagre teres te lembrado do Barbacena!

— Milagre? Que ideia! O Barbacena é tão meu amigo!

— E' por isso mesmo. Nunca te lembras dos teus amigos!

E, habilidosa, com muito geito, a paulista enveredou a conversa para um assumpto gravissimo. O assumpto maximo da sua vida. E acrimoniôsa, com um ar de censura:

— Ora, que digo eu! Nunca te lembras de ninguém! Nem sequer de quem tinhas a mais absoluta obrigação de lembrar...

D. Pedro poz-se a rir. Os amôos da Viscondessa eram deliciosos! E logo, com um ar se galhofa, pondo a mão na cabeça, desolado:

— Meu Deus! Que é que estás ahí a dizer? Alguma nova zanga! Qual ha de ser, desta vez, o meu crime? Princípie a accusação...



— Não gracejes, tornou D. Domitila, muito seria, um tom magoado na voz. Não gracejes! Digo e repito: não te interessas por ninguém! Nem sequer pela sorte de quem mais devia interessarte na vida...

D. Pedro intrigou-se. Aquelles modos serios desconcertaram-o. Aquella reprimenda acirrou-lhe a curiosidade.

— Eu?! perguntou vivamente. Eu?! Mas tu me espantas, minha querida Titília! Dize lá duma vez: por quem é que tu queres que eu me interesse?

D. Domitila, sob a claridade da lua, olhou fixamente nos olhos de D. Pedro. Meditou um pouco. Um instante só. E logo após, já arrependida, a voz macia, de velludo:

— Não vale a pena dizer! Não vale a pena... É' um caso meu. Um caso íntimo e melindroso. Nem falemos mais nisso! Foi uma bobice...

E apontando o fundo do horizonte, donde surgia uma grande lua magnífica, D. Domitila mudou bruscamente de assumpto:

— Olha um pouco a lua! Lá vem subindo...

Mas D. Pedro, ferroteado, sempre solícito em satisfazer os menores caprichos da favorita, enlaçou-a carinhosamente:

— Vem cá, minha briguenta! Vem cá! Não gosto de ter ver assim abespinhada... Vamos lá: dize o que tu queres.

— Não vale a pena! Foi uma bobice minha. Não se fala mais nisso. Acabou-se!

— Não sejas ruim, exclamou D. Pedro, curioso e insistente. Não sejas ruim! Dize lá: por quem é que tu queres que eu me interesse? Vamos! Dize...

D. Domitila, diante da insistencia, criou animo. E num impeto, resoluta, como quem se desabafa:

— Queres mesmo saber?

— Naturalmente!

E então, sincera e supplice, juntando as mãos, pondo uma estrangulada angustia no seu pedido, a Viscondessa exclamou:

— Pela nossa filha!

D. Pedro ficou pasmo, estatelado! E tão tonto, que, na sua surpresa, não achava palavra para balbuciar. Mas D. Domitila, cada vez mais supplice, com mais angustia no pedido:

— Pela nossa filha! A nossa filhinha... A Izabel Maria!

— Mas falas serio? bradou enfim D. Pedro. Estás caçoando, Titília! Que desejas tu que eu faça por ella? Tu bem sabes que a quero como um louco! A *Bella* é a minha paixão. Não pôde haver um pae mais extremoso...

D. Domitila cortou-lhe a phrase. É' rude, com um gesto forte, um sorriso amargo:

— Estás enganado, D. Pedro! Estás muito enganado. A nossa filha não tem pae...

— Mas tu enlouqueceste, retorquiu D. Pedro. Enlouqueceste! Que maluquice é essa?

— Torno a dizer, senhor D. Pedro, torno a dizer esta triste verdade: a nossa filha não tem pae! Será sempre, aos olhos do mundo, uma filha de *paes incognitos*! E' como ficou escripto no assento do vigario... Que horror! Filha de *paes incognitos*!

D. Pedro ergueu-se nervosamente da maca. Aquelle palavras doeram-lhe fundo no coração. Mas D. Domitila, que jogava a sua grande cartada, proseguiu certa, cheia de veneno, ferindo a tecla dolorida:

— Todos podem usar o nome de seus paes... Todos! Mas a pobrezinha, não! Nunca usará. E isto porque? Só porque nasceu filha de D. Pedro! E por isso, por esse crime, é necessario sacrificar-lhe o futuro. Sacrificar sem dó. Pois como pôde o Imperador reconhecer uma filha sua. Impossivel! Seria um escandalo! Um escandalo tremendo! As más linguas desandariam a falar...

E dolorosa, com uma ironia pungente, mãe que que pula, rugindo, em prol da filha, D. Domitila bradava:

— Escandalo! Escandalo! Ah, como se fosse um escandalo, como se fosse uma nodoa, vir um pae a publico e confessar desasombrado: esta é minha filha! E' minha! E' meu sangue! E' minha carne!

D. Pedro ouvia succumbido. E pae amorosissimo, tocado por aquellas phrases, exclamava submisso:

— Tens razão, minha Titilia! Tens razão. E' uma injustiça. Uma injustiça que me dóe! Aquillo foi uma fraqueza. Mas que se ha de fazer?

— Que se ha de fazer? exclamava D. Domitila vibrando. Que se ha de fazer? Uma coisa só: reconhecel-a! Nem ha outro caminho para um homem de coração.

— Não é tão facil assim, murmurava D. Pedro. Isso é muito melindroso. Como se ha de modificar o assento da parochia? E' um problema...

— Como se ha de modificar? atalhou D. Domitila de prompto. Ora! Não ha nada mais simples: basta uma palavra ao Bispo! Uma palavra tua, uma só, e o assento se modificará. Affianço que se modificará!

E macia, carinhosamente, entontecendo o Imperador, D. Domitila, numa supplica irresistivel, exclamava enternecedoramente:

— Vamos, D. Pedro! Sê meu amigo... Salva a nossa filhinha! Salva a nossa pobre Bella! Dá-me esse gosto! E' a minha aspiração! O meu sonho! A minha suprema felicidade! Vamos! Sê meu amigo...

Como resistir? A supplica era tão sentida! A voz tão embriagante! O carinho tão doce! D. Pedro não se conteve... E de pé, vibrante, a mão estendida, absolutamente resoluta:

— Fique socegada, minha Titíia! Fique socegada. Eu te juro, pela minha honra, que a Izabel Maria será reconhecida, publicamente, como filha do Imperador!

D. Domitila, como chocada por um raio, tremeu, galvanizada! Estoironou-lhe na alma uma alegria candente, uma alegria allucinante, uma alegria de matar. E louca, e delirante, e suffocada, a Viscondessa saltou, num impeto, ao pescoço do Imperador. E alli, sob o luar, diante da immensidade rugidora, a amante collou á bocca do amante um desses beijos longos, eternos, um desses beijos de sorver a alma, um desses beijos de sugar a vida! E em meio áquella carícia atordoante, enquanto ambos se estreitavam no mais voluptuoso dos abraços, um grito lancinante, um grito selvagem, sahido bruto da alma, cortou de subito o silencio:

— Oh!!

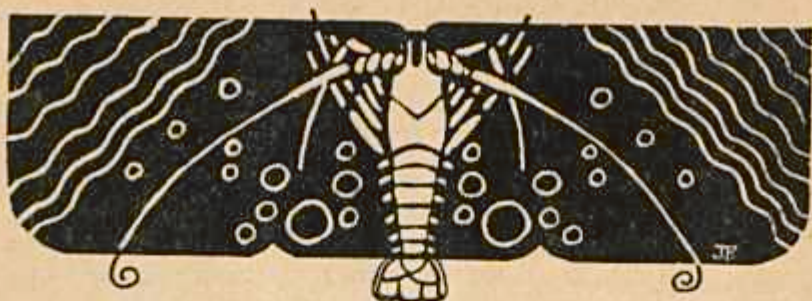
Ambos, com um movimento brusco, desenlaçaram-se rapidos. E tremulos, perplexos, fulminados, com um assombro agonizante, os dois enamorados defrontaram alli, de pé no tombadilho, banhada por um clarão livido de luar, com a figura revolta de D. Leopoldina. A Imperatriz, fremindo, estrangulada, olhos desmedidamente abertos, contemplava aquella scena brutal, apunhalante, que alli topára de chofre, por acaso...

Mas logo, recobrando-se, com uma serenidade esmagadora, Sua Magestade, sem pronunciar palavra, soberba e desdenhosa, imperatriz e não mulher, virando as costas, com um ar de profundo desprezo, voltou orgulhosamente á solidão do seu beliche. Ahí, entre aquelles tabiques alcatifados, sósinha, sem que ninguém a visse, o coração sangrando, um fundo despeito roendo-lhe a vaidade, a pobre D. Leopoldina, chorando aos borbotões, lançou-se, entre soluços, desgrenhadamente, sobre os almofadões do seu leito vasio.

Desde esse dia, durante todo o resto da viagem, a Imperatriz enclausurou-se no seu apartamento. E nunca mais, até que a não ancorasse no Rio, nunca mais Sua Magestade appareceu na ponte, debaixo do toldo, para jogar o seu gamão...

PAULO SETUBAL





UMA DECADE FECUNDA

(Trecho do — "A Renascença Paulista" — inédito)

A jornada romanesca de Cerro-Corá pingara o ponto final no ultimo acto da farça tragica.

Fenecera a flor da civilização paraguaya.

O Paraguay do tempo lembra rapariga a desabrochar para a gloria da Vida a maravilha das formas que cantam como estrophes de um poema, mas que conduzida, loucamente, por um cerebro enfermo, quer o impossivel, immolando-se, de maneira dolente, em holocausto a um capricho de mulher vaidosa.

Cantava, vibrando com o bronze dos sinos, a alma patricia, á chegada dos vencedores. E voava pelos lares paulistas um echo de festas. Tudo vibra, tudo espouca manifestações de entusiasmo carinhoso. E uma ancia de vida mais intensa, um desejo de coisas maiores e melhores inquietam os nervos da Provincia. E' então que começa a tomar nova vida o conjunto dos progressos materiaes, civicos e intellectuaes em S. Paulo.

Ora a evolução mental do povo paulista intensificada mais ou menos por esse tempo, trazendo em seu bojo amplo o evoluir politico, economico, social e intellectual, vinha gestando, pode-se dizer, a acção literaria que no seio della crescia, encorpava, a viver em estado de latencia, anseando por abrolhos á tona desse oceano perpetuamente torturado mas tambem raro irisado pela luz da ventura, que é a existencia de uma collectividade.

Mas, aonde a prova de que vivia incubado á espera do momento propicio para emergir?

Attentae: de tempo em tempo emittia-lhe ella seus signaes de que velava, irrompia suas pequenas erupções assim a modos de vulcão em vespuras de actividade — e appareciam opusculos, revistas, pamphletos, *plaquettes*, livros, tentativas isoladas, algumas anemicas, outras de vulto, serias, pujantes, mas que não logravam o exito merecido porque inda se não fazia nome fóra da rua do Ouvidor — a Consagradora.

Assim se foi passando o tempo.

Presentia-se para logo o surto literario quando se desencadeou a conflagração europea.

Então um ardor pela raça, um desejo de força, um sonho de heroicidade, lindo, uma ancia de vida mais larga e mais bella empolgaram o espirito de toda a nação.

Os paulistas, humanos que são, fremiram no entusiasmo de avançar rumo feito em todos os sentidos, desbastando todos os caminhos, a penetrar por todos os ramos do progresso.



A força dynamic da contagio mental actuou com vigor: vendo, sentindo a melhor porção da Terra desvairadamente a correr no meio das hecatombes em busca de destinos meliores, instruindo o transformar dessa crisalida desmedida que são os povos em agitação estonteante, o nosso povo quiz tambem descruzar os braços. O decantado *perigo allemão* prestou-nos um serviço maior que muita nação amiga, serviço cuja valia percebemos de lance; elle agiu como o agulhão acerado do carreiro no lombo da boiada lerda, serra acima...

Esses factos precipitaram o desenlace.

Dir-se-ia que cerebros e musculos, nervos e carnes e sangue e tudo delirava por agir, por alçar um vôo, por fugir ao anonymato, gritando ao mundo que tambem viviamos, que tambem cramos alguma coisa e que possuamos tambem os attributos das raças superiores que soem vencer.

E o movimento literario, pujante, vencedor, colectivo 'pode-se dizer, que havia de rebentar, mais dias menos dias, rebentou.



Rebentou quando Olavo Bilac, com seu prestigio de poeta primacial, com o fulgor de sua intelligencia, que tinha vislumbrado dum lance toda a pujança que estava meio occulta no cerebro paulista, veio pregar na nossa Faculdade de Direito, revestindo por sobre a roupagem olympica do artista, a roupagem celestial do apostolo, o civismo constructor, jorrando-o por sobre nossas fronte embevecidas, de cambulhada com as raras pedrarias fagulhantes de um estylo nobremente primoroso, entretecido de civismo, amor e fé.

O nosso surto literario antesagrou-o um poeta...

Mal comparando... Oh! Mas o grotesco tambem tem direito á vida, como os vermes! Sem elles, que seria dos satyrisadores que vivem quasi sempre, parasitariamente, da sua feia vida? Viva o grotesco! Mal comparando, comparação de fogueteiro, Bilac foi o tição de fogo; seu verbo candente, o estupim; o auditorio, polvora; imprensa, estampido. E ateou fogo em tudo. Explodiu e deflagrou o movimento literario que parecia á espera desse estimulante.

E' certo que, se o poeta enorme das "Sarcas de Fogo" não fizesse o que fez, São Paulo seria hoje o que é, nada menos. O surto literario, latente, dar-se-ia de qualquer forma. Questão de semanas, mezes quiçá.

Da mesma forma resumariam as outras varias manifestações da nossa intelligencia activa e do nosso civismo nada platónico.

O que se não pôde negar ao maior hardo indigena do seu tempo é a segura intuição da oportunidade, que revelou, não se falando da força magnetica geradora de enthusiasmos que poz no seu apostolado e ainda no brilho inextinguivel que fulgurou, magicamente, na sua oração, não sei se o diga, de thaumaturgo.

Agü no momento preciso.

Pouco mais cedo, talvez não lograsse o successo que auferiu. Porque inda não encontraria aquelle estado de espirito adequado, preparado para digerir, para sentir, seus pensamentos. Estado de espirito resultante da propria evolução mental que se abria num das suas maiores florações, e do conjunto dos acontecimentos externos — internos supervenientes. E então desacordaria, logicamente, com o sentir popular do momento. Pouco mais tarde surgisse o poeta ao palco immortalizador, e quiçá já houvessem brotado algumas das instituições de que sua palavra foi, aparentemente, a varinha magica duma boa fada. Neste caso, não se nos afiguraria ella tão pejada de fructos como parece.



Em todo caso a peça cívica d'aquelle que empunhou o sceptro da nossa poesia no seu tempo foi como que um propulsor dos anseios literarios que se agitavam, esticando, algo indecisos, na psyché do povo paulista. Assim é que, logo depois, vimos irrem-se creando, crescendo, consolidando varias iniciativas e instituições que nos dignificam como povo livre, que nos têm prestado, que certo continuarão a prestar, futuro á fóra, serviços cuja valia inda é cedo para se verificar em toda a sua extensão. Algumas cellas já desapareceram, após vivida a vida ephemera das cousas nobres, como dizem ser lei em nossa terra. Nem por isso perdem de todo o seu valor; deixaram a semente que gerará outras, o que é bastante. As bellas acções quasi nunca valem por si mesmas. Mas pelo exemplo, pelo germen que espalham, pela educação que ministram e pela sandade que deixam.

Entre outras dessas creações, citemos: — a Liga Nacionalista, visando a educação cívica e o aperfeiçoamento social de todas as classes populares; o Escotismo, como o escopo de formar caracteres honestos e viris no seu mais largo sentido, provocando, em torno de si uma literaturinha didactica á parte das correntes então dominantes; a nobilitação da caserna; as campanhas de imprensa em defesa da terra e da raça; os Tiros de Guerra e o ardor popular em prôl delles; os primeiros livros da actividade literaria de que estamos tratando; a "Revista do Brasil" com seus propositos cívicos, literarios e de cultura — expressão do succo dos nossos valores jornalisticos, literarios, scientificos e financeiros; e um longo rosario de iniciativas de menor vulto.

E esse arranco idealista inchou á maneira dos *zeppelins* sob a acção dos gases promptos a largar espaço em fóra, levando a outras regiões a alma palpitante da terra sua nativa, elle irradiou por todo o interior do Estado, pela maioria das cidades e villas e povoações e até fazendas, manifestando-se em varios lugares com maior ardor e intensidade que na propria capital.

A Liga Nacionalista, foi d'uma benemerencia sem par — enviou delegados pelo *interland* estadual a pregar seu evangelho. Seus ideaes consubstanciavam a maioria das necessidades moraes e materiaes do povo, no momento, de accordo com as nossas possibilidades — a necessidade do voto, do serviço militar, do augmento e maior efficiencia das escolas em geral, do civismo, da cultura moral, scientifica ou artistica, de todo o amalgame, afinal, dos problemas vitaes cuja solução concorresse para a força e prosperidade da Nação e da Raça. E não só pregava: agia, com uma visão pratica veramente saxonica. A "Revista do Brasil" alargava o campo e completava essa batalha, continuamente...

As outras instituições recém-creadas, por sua vez, iam agindo sobre a infancia e mocidade, modelando seu character nos principios do civismo, fortalecendo-as, aperfeiçoando-as physica, moral e mentalmente, de sorte a preparal-as para melhor garantirem o futuro do nosso quinhão de planeta.

Essa movimentação restauradora e constructora ampliou-se, intensificou-se notavelmente, attingindo o auge, com a entrada do Brasil na guerra européa.



E sobreveiu, sobraçando um volume, egresso da zona melancholica das cidades mortas, um homem pequeno de corpo, cuja vida começou a ser romanceada — Monteiro Lobato. Era a pessoa talhada para o momento. Aéreo na hora propicia, publicando por conta propria, á falta de editor, os *Urupês*, livro-bandeira, cujas successivas edições (caso até então inédito entre nós, no Brasil) determinaram a fundação da casa editora em

cuja fachada está gravado o seu nome, como um coesto alvicaireiramente lançado aos mundos, rehabilitando as qualidades economicas dos homens de letras. Surgiu com o volumezinho debaixo do braço, canhestamente, na attitude classica dos estreados, metten logo mãos á obra; imprimiu o livro; vendeu-o; tornou-se conhecido; impoz-se; já sem os rapapés dos novatos, mas com as maneiras já desembaraçadas dos que sabem o que valem; e sem chegar ás poses mascaradas dos *parvenus*, fez-se director da "Revista do Brasil", que era o organo mais caracteristico da cultura e pensamento brasileiros. Editou, ao depois, mais alguns livros seus, passou em breve a publicar os de seus collegas, os de autores de varias partes do paiz e, com o correr do tempo, aboletou-se sobre uma das maiores empresas editoras do Brasil, a qual, presentemente, alarga-se sob a pressão de suas alavancas de Hercules... Conta-nos com verve attica Benjamin de Garay essa phase pittoresca da vida do homem que empurrou para o mundo civilizaço, através de gargalhadas e de lamentos, a figura desengonçada de Jeca Tatú. Conta-nol-a em lindo artigo publicado em "La Nacion" de Buenos Ayres, transcripto por varios grandes organs da imprensa da America hespanhola, inclusive "El Mercurio" de Santiago, donde colhemos estes informes.

*
* *

O moço escriptor do "Onda Verde" foi desde o seu apparecimento, um conductor de intelligencias. Terriveis qualidades de mando tem mercê da esphera segura dos seus conceitos, da originalidade equilibrada das suas idéas, e do seu estylo unico entre nós, salpicado de imprevisito e de pittoresco, mas nada embandeirado em arco como costumam ser os estylos por este amado Brasil escravo das bombasticas pompas trovejantes e onomatopaicas das discursseiras ócas como as naves das cathedraes de arcabouços bellos que são monumentos.

Foi talhado para ir na frente.

E vae. Segue-o, lembrando certos *rabbis* nas estradas de Judéa, de outr'ora, a turba dos que elle galvaniza com o seu prestigio, ouvido alerta para não perder a direcção do canto da sereia fascinante...

Sem nativismo influia decisivamente em muitos espiritos que se debatiam na maré literaria, estonteados pelo entrechocar das ondas das escolas, sem saber que rumo seguir. E appareceu essa porção de obras, essa chusma de trabalhos de jornal e revista em torno do caboclo e sua vida, do meio ambiente sertanejo, das cidades e villas do interior, da vida rural, a que foi dado o nome, aliás impropriamente, de regionalismo. E' verdade que varios escriptores brasileiros exercitaram a mesma corrente literaria, tratando o cabocismo sob identico ponto de vista. Nella, deixaram um rasilho luminoso, entre outros, Affonso Arinos e Waldomiro Silveira. Mas, por causas explicadas em outra parte deste trabalho, não lograram influir a opinião como o satyrisador das "Cidades Mortas". Este formou corrente, que tomou impulso, ganho vulto, conseguiu prestigio, impoz-se e consolidou-se.

*
* *

Chamemos nativismo a esta corrente literaria. Esse rotulo, já que é preciso haver um, se não abrange a exacta significação della, justifica-se, ao menos, melhormente que qualquer outro.



Auctores principaes que escreveram obras nativistas, nesse momento, afóra os já citados são: — Leoncio C. de Oliveira, Armando Caiuby, Cornelio Pires, Albertino Moreira, Menotti del Picchia, Veiga Miranda, Paulo Setubal, Godofredo Rangel, Amadeu Amaral, Othoniel Motta e outros que vieram pouco mais tarde na colheita dos annos seguintes. Os citados são apenas os que tem livros, e livros mais em voga, salvo omissão. Não citamos os auctores que, por varia circumstancia, não conseguiram nomeada. Ha, ao lado destes, uma boa porção de outros, ainda apenas com escriptos de jornal, revista, almanack.

O nativismo foi, em literatura, a corrente que maior numero de adeptos conseguiu, porque era a que melhor coadunava com as preocupações nacionalistas e civicas que, de momento, mas de modo intensissimo, empolgavam a alma paulista.

A nossa evolução mental, todavia, de longo tempo iniciada e tenazmente conduzida avante, trazendo em si progressos espirituaes e materiaes inda ineditos nas populações brasileiras, virgens talvez mesmo na vida sul-americana, não permittia, em literatura, messe abundante só nesse campo. Appareceram de toda banda espiritos altos e originaes e independentes, lançando aos povos os productos do seu febreiro embrenhar no encantado dominio das bellas letras. Vieram elles, e traziam obras nos varios ramos da literatura, algumas das quaes dignas de qualquer civilização. Depois, outras ainda, outras figuras foram surgindo, em cadeias, formando lentamente a aristocracia mental, a nobreza pelo espirito, na urbs que começava a revelar maravilhas no seu estirar de ruas e no seu multiplicar da população cosmopolita. Foram surgindo, lucilando de esperança os olhos, sob a myrifica impressão dos sonhos e das utopias, a sorver em largos haustos o ar humido da Paulicea que inchava, crescendo, á semelhança de lago sob a acção de um diluvio. Foram surgindo, encapotados, pelas ruas cinzentas, sob a neblina, como phantasmas feitos da bruma a embaçar a cupula dos altos edificios, furando a garôa poetisadora da minha amada *burgueza nouvelle-riche*...

OLIVEIRA E SOUSA





A CHIMICA ORGANICA NA TERCEIRA EDIÇÃO DO NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA DE AUTORIA DO SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO (1923)

Definições viciosas. Lacunas imperdoáveis. Indeterminação de significados. Obsolescência das fontes informativas do "Novo Dicionário". Inclusão de verdadeiros distates.

Examinemos agora umas tantas definições do *Novo Dicionário* relativas aos hydrocarburetos. E a principiár do princípio principiemos pelo *methano*, cuja exemplificação é fraquinha, mas enfim "serve".

A do carbureto immediatamente superior, o *ethano*, é simplesmente fraquíssima. "Variedade de carboreto do grupo formenico". Mas isto se adapta a uma infinidade de carburetos dirão connosco os que tiverem umas tinturasinhas do assumpto. O mesmo se dirá do *propano*. Mas já em *butano* o "tempo" se enfarrusca, são dous os butanos e o Snr. Candido quer que sejam um; quer talvez a irateni-siamezação dos dous. Peior ainda para os *pentanos* pois estes o Snr. C. de F. entendeu dal-os como inexistentes. "Os Surs. estão prohibidos de existir!" disse-lhes, segundo parece, pois os coitados foram "barrados" do N. D. e só agora surge em seu favor o meu protesto, o meu pedido generoso de *habeas-corpus*.

Dos hexanos que são varios, depois de ter "queimado" os seus antecedentes immediatos, permittiu-se o Snr. C. de F. a liberdade de dizer que só são um e unico! E o mesmo se dá com os heptanos e octanos! O resto foi submettido á celebre lei mexicana da fuga? Quanto carbureticidio praticado pelo Snr. C. de F.!

Não deixarei porem a serie formenica sem um ultimo e innocente reparo.

Lança-me em rosto, severamente, o Snr. Candido de Figueiredo a horrenda heresia de haver escripto *gasolina*. Ensina-me, complacente e compassivo, a escrever *gasolina* porque a palavra

procede de *gas*. Mau grado a minha insufficiencia philologica, comprovada e apregoada, (por mim, a começar) sou forçado a declarar ao douto dicionarista que desta vez me insurjo contra a sua autoridade augusta. Primeiro porque sou brasileiro e toda a gente no Brasil escreve *gaz* e certamente continuará a escrever *gaz* por esses annos âfora, apesar da gritaria do Snr. C. de F., segundo porque dicionaristas illustres, *quasi* tão illustres quanto o autor d'*O que se não deve dizer*, como Caldas Aulette, me ensinam a dizer *gaz*.

Agora, recebida esta lição do meu douto contradictado permitta-me elle que o interpele, (embora arvorado em metedico procurador da verdade) a propósito da definição chimica que de *gazolina* inculca "Gazolina, affirma o Snr. C. de F.: Carbonato de hydrogenio liquido".

Mas que é isto? Que carbonato de hydrogenio é este? Será acaso $\text{CO}^3 \text{H}^2$, como o sulfato de hydrogenio pôde ser $\text{SO}^4 \text{H}^2$? Mas $\text{CO}^3 \text{H}^2$ vem a ser $\text{CO}^2 + \text{H}^2\text{O}$; anhydrido carbonico em dissolução na agua". aquillo que nas confeitarias se chama vulgarmente "*syphão*", e tanto é apreciado pelos *habitués* do *whisky and soda*...

Então serão a mesma cousa *gazolina* ou *gasolina* e *syphão*? Veremos algum dia em algum carburador de automovel, ainda nosso desconhecido, mas não do Snr. Candido, queimar-se *syphão*? e pararem os automoveis á porta das confeitarias em longas filas, para alli comprarem *syphões*? O Snr. Candido é reservado; talvez esteja ao par de alguma descoberta nova, alguma *gazolina* de invenção recente que seja um "carbonato de hydrogenio liquido".

Quicá esteja tambem imminente a revelação de uma destas descobertas que assombram o mundo e tornam a Humanidade estarrecida... *Gazolina-syphão*... quem viver verá...

Passemos agora porém á serie ethylenica.

São-lhe deficientissimas as definições, de propylenio ou propeno, butyleno ou buteno, etc. Na acetylenica não vemos mencionados ethino, propino, butino, etc., etc. (Quanta lacuna! quanta lacuna!) Parece o Snr. C. de F. ignorar a existencia da nomenclatura essencial chamada de Genebra, nascida da famosa convenção de 1892.

Os nomes antigos dos carburetos acetylenicos alguns dos quaes rebarbativos, como allyleno, crotonyleno, valeryleno, etc., estes surgem nas columnas do N. D. Talvez transplantados da celebre *Technologia Rural*, Homero á cabeceira de Alexandre, em materia de chimica organica, para o nosso illustre philologo. Dentre os carburetos terebenicos vemos que o Snr. C. de F. desconhece o *australeno* e o *terebeno*, (Quanta lacuna!) Encaixa o terpeno na serie benzenica e o *terpina* apenas refere que é "um medicamento



diuretico e anti-neuralgico". Da borracha e da gutta percha nada fala sob o ponto de vista chimico, no entanto notavel.

De benzina é-lhe a definição fraquinha. Mas a que não pode ser admittida é a de tolueno "combinação de carbone e hydrogenio". A ser isto sufficiente então tolueno é methano, tolueno é ethyleno, tolueno é acetyleno, é naphthalina, benzina, parafina, borracha, petroleo, é essencia de alfazema, é terebentina, é o diabo a quatro! e se mais mundo houvera lá chegara!! Quem fala em tolueno pensa logo em xylene ou antes nos xylenos. Ah! se sae o Snr. C. de F. menos mal; apenas põe um singular quando devia falar no plural. Da naphthalina nada diz e no entanto dos naphthoes dá um bom significado. De anthraceno nada vale a definição sob o ponto de vista chimico.

Nos ácidos aromaticos vemos um significado desvalioso para o ácido benzoico, o que o N. D. diz do ácido salicylico já se falava muito antes de se pensar em começar a construir a Sé de Braga. Conta-nos o Snr. C. de F. que a sua preparação se baseia na reacção da potassa sobre a essencia de Wintergreen quando hoje se usa da acção do anhydrido carbonico, sob pressão, sobre o phenato de sodio.

Mas basta!

Não quero comtudo terminar esta lenga-lenga sem me referir a duas questões ainda relativas aos ácidos aromaticos.

Dos ácidos phthalicos garante o Snr. C. de F. — suppondo aliás que só haja um — "Diz-se de um ácido produzido pela acção do ácido azotico sobre o bichloreto de naphthalina" — Tetrachloreto aliás, $C^{10}H^8Cl^4$ ousa rectificar um João Ninguém da chimica organica, o Snr. E. Jungfleisch (Cf. *Manipulations de chimie*, p. 771). Mas o melhor dos bons pedaços, deixamol-o para o fim: é o que o Snr. C. de F. consagrou ao ácido mellico. Segundo a lição dos mestres este ácido benzo thexocarbonico e portanto correspondente á formula $C^6(COOH)^6$ se obtém graças á oxydação do carbono pelo permanganato de potassio em solução alcalina ou pela acção do ácido azotico fumante e chlorato de potassio. Em summa provém da reacção $C^6H^6 + 6CO^2 = C^6(COOH)^6$ Contesta-o formalmente o Snr. C. de F.;

"Mellico — Diz-se de um ácido que é o hydrato de calcio!! ???! Que pensar da semelhante descoberta?

O hydrato de calcio é $CA(OH)^2$ assim pois chegamos á seguinte e espantosa equação



que annuncia aos quatro cantos do nosso microcosmo outra e notavel consequencia; Um ácido organico e um hydrato metallico são uma e mesma cousa!...



E adeus! está por terra toda a mole da química moderna...

No rapidíssimo e perfunctoríssimo exame que das definições químicas do *Novo Dicionário* realicei escudado na opinião de alguns dos maiores nomes da química contemporânea nada ha que seja meu. Nada mais fiz do que comparar as asserções do Snr. C. de F. às dos mestres como Berthelot, Jungfleisch, Troost, Moissan, Joannis e outros

Não receio pois a menor contradicta. Respigando, muitíssimo de leve na tecnologia química do *Novo Dicionário* apontei-lhe numerosos erros e falhas.

Serão ellas justificaveis perante um publico algum tanto letrado? Não, de modo algum. Podia o Snr. Candido facilmente ter evitado a critica justissima não fora a incommensuravel vaidade que o domina e o pendor invencivel pelo misonismo.

Porque não recorreu, para a tecnologia scientifica, aos grandes dictionarios encyclopedicos, tão ao sem alcance?

Porque prefere a *Technologia Rural* aos tratados de chimica dos grandes mestres? Para que recorreu a uns tantos livrecos de desprezivel e paleontologica sciencia (?) D'ahi o bello resultado colhido.

Agora que com algum cuidado e demora percorri o *Novo Dicionário*, nitido se me apresenta o seu "quadro clinico" se me é permittida a comparação.

Ao fazer o Snr. C. de Figueiredo a sua primeira edição, a de 1899, lançou mão para a exemplificação da tecnologia scientifica, de uma serie de livros já naquelle tempo muito atrazados, uns compendios equivalentistas holorentos e lacunosos em chimica mineral e organica. Com estes "preciosos" elementos construiu a base do seu *Novo Dicionário*, a trama da sua tecnologia scientifica, que imaginou andar *up to date*. Pensou depois em realizar a segunda edição. Foi pois collectando durante quatorze annos muitos milhares de termos que não haviam apparecido na primeira tiragem. De muitos obteve excellentes definições que transcreveu *ipsis verbis*. Mas nada alterou da parte antiga do seu vocabulario. Assim appareceu em 1913 a segunda edição muito accrescida, mas pejada de cousas velhas, archaicas, pre-archeanas, sobretudo em materia scientifica. E erradas... e erradissimas...

Preparou o Snr. Candido a terceira tiragem a que engordaram largamente muitos milhares de novos vocabulos da tecnologia scientifica. Mas os residuos indesejaveis das edições anteriores continuaram a infeccionar a economia do vocabulario, graças ao emperramento, ao carrancismo e a vaidade do douto philologo e digamos a verdade: a deficiencia da cultura geral.



Tudo isto reaparecerá na quarta- edição que o Snr. Candido annuncia para 1925 ou 1926. Toda esta serie enorme de dislates, de grotescos e de erros, voltará intacta.

Um ultimo argumento quero invocar demonstrando quanto ao editar a sua primeira tiragem já o cabedal scientifico nella utilizado pelo dictionarista datava de priscas éras:

Recorramos ao prefacio da primeira edição do *Novo Dictionario a Conversação Preliminar* que antecede o vocabulario. Depois de se gabar a valer da enorme colheita de termos jámais dictionarizados ainda, em portuguez, e obtidos dos mais recentes ramos das sciencias modernas jacta-se o illustre philologo: "Procurei não omitir os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana — o cinematographo, a icerya, o radioscopia, a melinite, o acetylene e tantissimas outras. E dando ao meu trabalho feição sensivelmente encyclopedica, obedeci ao proposito de basear em novos processos, uma obra que, não podendo ter tudo, tivesse ao menos alguma cousa de tudo e de novo".

Isto de considerar o acetyleno como novidade novíssima, a 10 de março de 1899, data da assignatura da *conversação* bem dá ideia do valor das fontes de que se serviu o douto dictionarista para a parte chimica do seu lexico.

Descobriu-o Davy o acetyleno em 1836! Veja-se bem, 1836!

Wöhler, em 1862, preparou-o pelo processo geral de hoje, carbureto de calcio e agua. Veja-se bem, 1862! Neste mesmo anno deu Berthelot a conhecer ao mundo scientifico os resultados definitivos de sua gloriosa synthese do acetyleno, obtida pelo arco voltaico de electrodos de carvão, chimicamente puros, no ovo electrico por onde passava uma corrente de hydrogenio! synthese esta fecundissima que todos os estudantes da chimica gymnasial conhecem e da qual obteve o immortal chimico a benzina, por polymerisação do acetyleno, o styroleno e o hydrato de naphthalina, tambem por polymerisação, etc. Tudo isto data de 1862!

Pois bem, decorridos 37 annos! em 1899! vem o Snr. Candido de Figueiredo no seu dictionario, apresentar acetylene a catalogar "entre os mais recentes descobrimentos em qualquer esphera da actividade humana!"

E' simplesmente pasmoso!

1836! 1862! 1899!... Acetyleno novidade em 1899!!

Até parece a nossa historia da preguiça convidada para madreinha num baptizado.

Ao mesmo tempo que se jacta do modernismo do acetyleno que acabara de definir exalta o Snr. C. de F. o de icerya; verdadeiro *fin de siècle* em 1899, no seu entender.

Pois bem *Icerya*, data de 1874, tinha vinte e cinco annos quando o Snr. C. de F. imaginava que acabara de nascer!!!



Foi o nome creado naquelle anno por Signoret, entomologista francez para um genero de cochinchas (cf. *Zoological Record* vol. I, 1874, pag. 488, onde se lê uma nota de critica a proposito da valiosa memoria do scientista francez "*Essai sur les cochinchas ou gallinsectes*" resumindo diversas apreciações. Foi ahi que Signoret creou a palavra *Icerya*. Se o Snr. C. de F. duvidar da autoridade do *Zoological Record* ainda lhe aconselho a consulta ao famoso *Universal Index to genera in zoology* de Scudder (Samuel H.): lea á pag. 159 da segunda parte (edição de 1882, 1882! veja-se bem) *Icerya*, Sign. Ham. *Zoological Record* 1874.

E' esta palavra, de 1874 que o Snr. C. de F. vem inculcar-nos como a ultima das novidades scientificas em 1899!! quando já ultrapassara a maioridade, era eleitor e elegivel, fizera o serviço militar e desde muito podia gosar das delicias da paternidade.

O que elle fez foi ainda, e cada vez mais, por ignorancia das regras da nomenclatura dual "enterrar-se" confundindo especies e generos, pois a sua definição de *icerya* refere-se a uma especie, a *Icerya purchasi*, cochinchas australiana do genero *Icerya*, e determinada por Maskell em 1878!

Se o Snr. C. de F. duvidar do que lhe affirmo dê-se ao pequeno trabalho de recorrer ás *Transactions of the New Zealand Institute*, vol. XI, pag. 221, anno de 1878.

E' a informação que me ministra um coccidiologo de universal reputação, o Dr. Adolpho Hempel, que tanto illustra o corpo do funcionalismo scientifico do nosso estado. E' me muito grata esta referencia, prudente além dos mais pois receio sobre modo o perigo de poder vir a ser gralho depennado.

Assim em 1899 entendia o Snr. C. de F. "fazer um bonito" perante a roda dos admiradores lembrando que a essa gente fizera a revelação da palavra *Icerya*, modernidade modernissima.

"*Icerya* ou *icerya*, dogmatiza, especie de cochinchas que é originaria da Australia e ataca as arvores, sugando-lhes a seiva das folhas (*icerya purchasi*, Maskell)" Quantos erros nestas linhas! Inculca o Snr. C. de F. que *icerya* é privativa da especie de Maskell quando o nome é o do genero e escreve *icerya purchasi* quando devia escrever *Icerya purchasi*.

Mas a novidade de 1899 era de 1878!

Como as noticias chegam atrazadas em Portugal, quando precisam da divulgação do Snr. Candido de Figueiredo!

Agora vejamos se *melinite* em 1899, era assim tão grande novidade.

Cremos que não, ou antes affiançamos que não.

E realmente, na biographia do inventor da melinite, Turpin, no *Nouveaux Larousse Illustré*, se conta que o invento data de



1887. Estava velho de doze annos quando o Snr. C. de F. annunciou que era o *dernier cri* da sciencia moderna.

Para a confecção do *Novo Dicionario* mereceu a chimica, do douto dicionarista, o maior carinho, gaba-se elle. A nomenclatura desta sciencia deu-lhe terriveis pesadellos. Não sabia de todo como manter certo equilibrio sobretudo ante a complicação sempre crescente das denominações da chimica organica.

Mas sahio-se admiravelmente de tantos e tão crespas difficuldades. D'ahi a formidavel colheita de termos ineditos da technologia chimica, obtida "pelo esforço proprio, e pela cooperação de alguns dos mais notaveis homens de sciencia". Assim "conseguiu registrar largamente a nomenclatura chimica, em visivel desproporção com o que até agora, a tal respeito, se tinha feito em trabalhos congeneres".

E dando-se ares de quem está perfeitamente ao par do mechanismo dessa nomenclatura tecnologica modernissima da chimica organica ainda nos diz o Snr. Candido de Figueiredo que se viu forçado a se deter ante o emmaranhamento progressivo dos nomes actuaes dos complexissimos compostos organicos.

Precisou abrir excepções porém como no caso de *pentadecyl-paratolylectona*", pela sua estreita relação com a radiosopia" (de 1899 é bom que se o lembre) e da *phanylhydroquinazolona*" producto pharmaceutico amargo e excitante do estomago" (ahi talvez por motivos de gratidão pessoal, as reminiscencias de algum dia de azia). Não se abalançou porém a registrar *paranitrophenyl-de hydrohexonecarboxylico* nem *oxyditrichloroethylidenadiazmina*.

Analysada a sua "fitinha", a sua bancaçõesinha", como tanto se diz hoje, na nossa gíria, ouso indagar do illustre philologo se não seria mais util ao publico estudioso que o N. D. inserisse *cetona* e *nitrila*, *aldose* e *cetose*, *biose* e *hexose*, acido *succinico* e tantos mais nomes vulgares e até bonitos em vez do tal "producto pharmaceutico amargo e excitante do estomago" infelizmente citado sem o acompanhamento util do nome do respectivo boticario.

Como graças a Deus até agora não soffro do estomago e não tenho motivos de gratidão especial á tal *phenylhydroquinazolona*, confesso que esta droga pouco me attrahe. Acho-lhe até rebarbativos os appellidos. Esta desinencia em lona considero-a inestethica.

Mas cada um de nós tem lá os seus achaques e como certa vez me dei muito bem ingerindo umas tantas pitadas de certo sal effervescente quero demonstrar-lhe o meu reconhecimento em publico e rogo, humildemente pedindo, ao meu illustre contradictado o obsequio de inserir na quarta edição do seu importantissimo lexico o nome *sympathico* do alludido sal que é diuretico e muito mais outras cousas (segundo o prospecto). O nome é *sympathico* repito-o, e euphonico; mavioso mesmo:

Methylglyoxalidinaquinodiethylenodiamina.

Seu principal defeito é não poder entrar inteiro num alexandrino. Mas isto hoje já não constitue uma *capitis diminutio* para uma palavra que se respeite desde que Eduardo Garrido (com reprobabilíssima irreverência!) precisando de uma rima para o nome da deusa odysseica da famosa ilha, novamente celebrisada ainda ultimamente por Eça de Queiroz, escreveu, a abrir precedente, notável e futurista:

*Pois bella deusa Calypso,
Nós aqui estamos e p'so-
Almente a comprimentamos*

Não sei se será bem assim mas o caso é mais ou menos isso ou antes "é p'so".

Voltemos porém à *nos moutons*.

Imaginem os leitores o que seria da chimica organica no *Novo Dicionario* se o illustre philologo não lhe houvesse consagrado tanto interesse, sobretudo atravez da notavel *Technologia Rural*... Santa Barbara! São Jeronymo!

E' tempo porém de acabarmos e vamos fazel-o, synthetizando as descobertas que nos proporcinarão algumas das definições da terceira edição do *Novo Dicionario*, em rapidissimo exame.

1) *Alcool* — liquido resultante da destillação de *qualquer* substancia fermentavel.

2) *Alcool propylico* — Só ha um, diz o N. D. quando existem dous.

3) *Alcool butylico* — Só ha um, diz o N. D. quando existem quatro.

4) *Phenol* — o mesmo que alcool, quando tal não se dá.

5) Ausencia dos nomes de funcções organicas de maxima importancia como *cetona*, *nitrila*, etc.

6) *Chloral*, mistura quando é combinação.

7) Ausencia absoluta da referencias a corpos notaveis como as aldoses e cetoses, o acido succinico, etc., etc.

8) Improriedade de definições de glycol, glicerina, chloroformio, alcool methylico, bromoformio, iodoformio, acido formico, acidos oxalico, malico, citrico, acetico, formol, ethano, propano, butano, propeno, tolueno, xylene, naphthalina, terpina, etc.

9) Acido butyrico, um só — são dous.

(10) Acido lactico um só — são dous.

11) Acido tartrico um só — são quatro.

12) Inaudita definição de gazolina — idem do acido mellico! etc.



Assim pois, seja-me permittido reiterar aos nossos gymnasistas que tratem de se precaver contra a tentação de colher definições de chimica organica na terceira edição do *Novo Dictionario*... Cuidado com a infallivel "bomba"! Consinta a rapaziada que mais uma vez como a proposito da chimica mineral já o fiz, a advirta amistosa e desinteressadamente: *Cuidau, Bernau!*

AFFONSO DE E. TAUNAY





CHRONICA PARISIENSE

O governo radical-socialista do sr. Herriot intenta um processo ao escriptor Blasco Ibañez por injurias contra Sua Majestade Affonso XIII. E' comica essa attitude de um ministerio da esquerda a defender corôas vizinhas. Um governo liberal amigo intimo dos Soviets, protector de Miguel de Unamuno e outros revoltosos, erigindo-se contra um pobre livro inutil insultuoso, mal escripto, só porque o pamphleto ataca o queixoso, "habitué", as roletas europeas, é comico ou exquisito. E' de crer que o Sr. Herriot procura, com o processo, a diffusão do livro.

Com effeito, a aureola de martyr sobre a cabecinha ôca de Blasco Ibañez só lhe pôde trazer influencia e auctoridade — A conspiração do silencio parece-me a melhor resposta aos livros dessa laia. Por isso chega sobre o assumpto.

Prefiro recommendar o ultimo Mac Orlan, *Les pirates de l'Avenue du Rhum* (ed. Suion Kra), reportagem excellente sobre os acontecimentos desses ultimos mezes nas costas dos Estados Unidos. Trata-se do contrabando do alcool no limite das aguas territoriaes americanas. Um navio francez, o *Mulhouse*, foi atacado e esvaziado por uma quadrilha de terriveis piratas que vivem dos roubos praticados nos vapores contrabandistas. O perigo dos piratas é duplo — lutam contra os mercadores de alcool e, si os vencem, lutam ainda contra a policia americana. Dizem que o resultado é grande, porém o Mac Orlan conta com graça, com clareza e quasi com sympathia as proezas dos piratas — Quem leu as paginas solidas e vibrantes da cavalieré Elsa, do Nègre Léonard, de Malice, etc., encontrará, nesse novo volume, as mesmas qualidades. E' um verdadeiro romance de aventuras, um genero literario que volta mais uma vez ao gosto do publico.

Temos a prova disso na reimpressão do primeiro livro do Conde de Gobineau, *Le prisonnier chanceux* (ed. Grasset). Gobineau mais conhecido como ensaista e philosopho, auctor do famigerado *ensaio sobre a desigualdade das raças*, é tambem um romancista superior. *Mlle. Irnois*, publicado, ha dois annos ou mais, provou suas tendencias literarias. O novo romance, que é o mais antigo de Gobineau, parece escripto por um Alexandre Dumas genial. A mesma imaginação transposta num estylo admiravel.

Entre os romances do mez convem citar ainda o *Valet de Gloire*, de J. Jolinon (ed. Rieder), um dos meliores livros sobre a guerra, e *l'Oncle Anghel* de Istrati (ed. Rieder). Esse Istrati, que obteve o premio sem nome, novo premio, platónico porque consiste apenas na menção honrosa de um comité secreto, é um arabe, antigo vencedor de cartões postaes e de tapetes nos Boulevards. Romain Rolland, que o salvou do suicidio, apresentou-o



ão mundo literário. E' hoje considerado um dos melhores autores da phalange internacionalista. Não me quero esquecer do romance de Bailly, *Naples au baiser de feu*, estudo de costumes napolitanos, romance de sol, de amor e de morte, cheio de poesia e romantismo.

As obras de critica foram numerosas esse mez. Mais quatro volumes sobre Anatole France (coitado!) cujos titulos seguem: *Anatole France est-il un grand écrivain?* por René Johannet (ed. Plon), *Anatole France philosophe sceptique* por Henri de Noussaune (ed. Peyronnet), *La vie et les opinions de Anatole France* por Jacques Roupon (ed. Plon) e *Conversations avec Anatole France* por Nicolas Ségur (ed. Fasquelle).

Deixemos essa avalanche barulhenta para outro dia de folga. Um livro de maior interesse é o que Pierre Domque publica, intitulado *Quatre hommes entre vingt* (ed. du Divan). São estudos literarios conscienciosos e solidos sobre Cocteau, Montherland, etc... Paul Gsell que, ha tempos, escreveu dois volumes de interviews com Rodin e France, publica seu terceiro livro. Trata-se agora das conversas que teve com Génier sobre theatro, artistas, scenarios.

Remy de Gourmont ainda não morreu, felizmente, na curiosidade publica. Os livros que apparecem sobre sua personalidade tão original são li-dos e commentados e exgottam-se rapidamente. Seu medico de vinte annos, o Dr. Voivenel, publica um ensaio de physiologia literaria: *Remy de Gourmont vu par son Médecin* (ed. du Siècle). E' pena que o autor dessa tentativa digna de interesse não tenha reservado um maior numero de paginas á molestia mysteriosa do mestre. Isso nos era mais util que as interminaveis e fastidiosas considerações literarias que se atropellam pretenciosamente no volume. As poucas paginas em que o medico fala são boas, apesar de um tanto vagas. Afinal de contas de que morreu Remy de Gourmont? Morphéa, syphilis, paralyisia? O Dr. Voivenel não chucida essa questão importantissima. Seu livro é um livro. "à demi râté".

E para terminar essa longa chronica, chamo a attenção dos amadores de Historia para o ultimo trabalho de Jacques Bainville, *Heurs et Malheurs de Français* (ed. Nouvelle Librairie Nationale). E' uma obra original forte, serena e imparcial. Uma historia de França resumida, essencial, que acompanham uns estudos brillhantes sobre a Alemanha, a democracia, etc.

Com a vogã continua da literatura estrangeira temos, esse mez, mais duas boas traducções. *Trois ans de Tchekhow* (ed. Rolon) e *Nocturne de Sweinnerton* (ed. Plon).

Emfim, dentre as melhores edições de luxo, uma menção especial para o *Neveu de Rameau* de Diderot com gravuras de Bernard Naudin (ed. Blazot), a *Promenade avec Gabrielle* de Giraudoux, gravuras magnificas de Laboureur (Ed. Nouvelle Revue Française) e o *Jean Christophe*, de Romain Rolland illustrado com talento pelo flamengo Franz Maaserel.

Paris — Janeiro 1925.

SERGIO MILLIET





CABELLOS AO VENTO

Gente pobre, lí-nilima, sem outro bem que a roupa do corpo. Porém, do corpo, a maleita é dona. Combalidos, inchados, tortos e vergados na lazeira horrível do mal ribeirinho. Rostos empalmeados, num esgar macabro, que é como um grito de dor. Mesmo assim trabalham. Trabalham sempre. Mas lá vem um acesso e eil-os a engoiar-se, a estanguir-se, a hater queixas, tintinabulando o próprio catre, que range e ringe e ameaça vir abaixo... Na alma, porém, toda a série das virtudes. Bons, leaes, caridosos na medida do seu, crentes sem alarde, modestos sem sacrificio do amor próprio. Sobreretudo, resignados, de uma resignação à Socrates. Limpas as bolsas, se bolsas têm. Mas acções também limpas, que valem mais que o recheio daquellas. Orgulham-se disso, não ostensivamente, mas apenas travez furtivas exclamações.

O rio allí ao pé, refeito da cachoeira estrondante, cujo ronco enche extensões enormes, o rio, rico de peixes, é-lhes meio de vida. Canóa amarrada à margem, varas a um canto, tarrafas à parede... O peixe vem, dá para vestir e o de comer. A casa, a choça é delles, em terra de ninguém. A municipalidade — oh! o gesto magnânimo, nunca assaz louvado dos srs. vereadores! — a municipalidade não lhes cobra imposto, nem aluguel pelo baldio terreno. Fincadas as achas, que a caridade de um fazendeiro lhes permittira buscar em demolições na cidade, trançadas as ripas, o barro foi-lhes atirado a mique, em arremessos seguidos, até se fazer parede — quatro paredes mal firmes com abertura de porta e janella. O sol, que as devia seccar, trahiu-os, como sempre: crestou-as, e o barrote, contrahindo-se, deitou barriga e se fendeu em mil veias por onde corre, na verdade, sangue — sugado pelos vibrões malignos, que ali se acoitam como em casa sua.

E' accordar com o sol, é metter-se no bote e rodar rio-abaixo. O peixe cõe aos cardumes. E' lançar o anzol e fregar. E' atirar a rede, o côvo, e trazel-os peçados. E' enfiar a mão na toca e pegar o cascudo de carne tenra. Si a municipalidade deixasse, a rede de arrasto daria num dia para um mez! Não que a lei seja a troncácia, não. Tronqueiro-mór nunca existiu. Existe, sim, a dentuça feroz do "quartirão", sorridente para os que, mais às boas com as finanças, blasonam de cabo eleitoral, e que, por via disso, lá se fartam de infringir as posturas... Mas não se revoltam, não deblateram, não xingam os céos. Supportando estoicamente a injustiça, nem se lembram desse recurso de debilitação. Queixar para que, si é questionar à toa? Para quem, si é clamar no deserto? A Camara fulge lá em cima, no pateo ajardinado, onde o senhor prefeito passeia sua bem nutrida adiposidade, pesada demais para descer até cá e dar-lhes

uma ajuda. Para o governo? O governo para elles é uma entidade utópica que existe não sabem onde. Uma entidade que só se denuncia nas vésperas de eleição, quando, em malta toda denguiques e promessas, os mastins do partido, lhes vão embahir a boa fé. E elles votam com esse governo-fetichê, à espera de que um dia o governo se lembre de que há pescadores pinchados à beira-rio, em tremedades pullulantes de anopheles.

Si a felicidade estivesse no não desejar — vida feliz a delles, pois pouco querer o seu: morrer na graça de Deus...

Um temor, porém — o tempo das aguas... Que tormento! A chuva a cahir em cordões, como si se esboroassem no céu comportas e agudes; o rio a subir hora por hora; o salto a bufar o seu *tantan* medonho, alcançando ouvidos a leguas de distancia... A enxurrada a despenhar-se vermelha, rolando nas sargetas pedronços de musica bulhenta e a se projectar ribanceiras abaixo, num escachoar fragoroso... A caudal, escura, carregada, espumante, arrastando aguapés. E os aguapés à tona, formando trama, que, a girar e girar no poço, era sempre um só, pois, si se evadiam uns ao redemoinho, traziam outros ao movediço tapete de nenuphars a sua cõr verde pintalgada de róxo. Troncos enormes, arvores inteiras, transposta a cachoeira, onde alguns se entrosavam nas rochas formidaveis, a accender entre os ribeirinhos disputas pela falta de lenha — desfastio, derivativo aquella ancia. A pouco e pouco, ribanceiras desapparecidas, moirões sumidos, ilhotas submersas. Ilhando-se as casas, o vasto lençol a desdobrar-se, a descobrir-se subrepticamente. E, eil-a, a agua, que ganha a rua, que se insinua por sob a soleira e, filete esguio, sem larga detença se amplia, se espraia por todo o aposento, por toda a choça. E, então, a gente, evadindo-se ao perigo, a desertar com os cacarecus, a criação a latir, a mugir, a berrar, a cacarejar, a bater azas num desespero. Um tormento, um verdadeiro tormento...

Mas, da vida. Passado elle, que enseja a municipalidade azo de 'acrescentar louros à sua já enorme corôa', voltam á casa, batem-lhe de novo o chão, escoram-na, fazem-na prompta para outra. Vem então a maleita, vem o quinino da municipalidade, vem a miséria, e a vida continua, malgrado a enchente, a maleita, a miséria...

Nasceu ahí João do Porto.

Filho de pescadores, irmão de pescadores, pescador também elle. Creança ainda, já lá ia rio abaixo com o pae, em rodadas que levavam o dia. Varinha de lambarys a sua, quando menos lhe dava para o almoço. Sapateiro é que nunca! Por vezes, chegára mesmo a collaborar na fiera que ia para o mercado, o que era razão de ufanar-se, fazendo inveja aos empalamãos companheiros da mesma idade, que morre-morriam á proa de canoas acorrentadas á margem.

A' volta dos dez annos, quando teve de ir á escola, não conseguiu sopitar a raiva que no seu intimo se viera levedando desde que ouvira a primeira suggestão paterna. Prorompheu em improperios, grimpando para o bom do velho que era cortar acinte sua carreira, que não iria, que queria e havia de ser pescador... Na verdade, tendo aquillo na massa do sangue, indo-lhe tão a gosto aquellas rodadas, era um bellissimo côrte de pir-quara, fadado a proesas de encher bocca e medidas. Não houve, entretanto, fugir á deliberação paterna. Foi á escola. Mas inutilmente. Não tolerava lei, nem rei — e ahí a esquivança, o gazear semanas inteiras, deixando-se ficar na represa, um pouco para cima, onde nadava para gaudio dos mirões de collarinho e gravata, que se empoleiravam na amuraça da piscina.

Annos passaram — pae e irmãos na lida de lhe chamar o reparo para a necessidade do ler e escrever, elle a hoquejar que "são mestre não en-

sina"... Inquirições tiradas, não punham credito na potóca e lá desandavam sóvas e castigos que nada resultaram. Saiu da escola, como na escola entrara, ignorante. Isto é: — tornou-se um nadador de marca maior, progresso que o proprio pae lh'o constatou prazenteiro. E dado que era atôa insistir, acarretou-o de novo na canôa — "Peste, que fique como o pae, sem saber nada. Se arrepende, mas é tarde"...

E era o ultimo.

João, já agora João do Porto — cognome que lhe rendeu a escola — tornou-se braço direito do pae. Já recebia a vara grande, mesmo a rêde. Tambem, com seus quatorze annos, era um rapagão desempenado — amplo thorax, braços forçudos, muito musculo e um sangue sadio a entumecer-lhe as veias, toda uma bella estampa a requerer ingresso nos dominios do film... Não fosse a maleita desarvorar-o — era o temor, a quasi certeza.

Foram crescendo com seu corpo as esperanças do pae. Os mais velhos, mal chegados aos vinte annos, num desejo de sensações novas (elles que até ha pouco julgavam o mundo a sua rua do Porto), lá desertavam os botes, a maleita incubada e era-lhe ao pae um allivio quando se faziam ao largo, a viver outra vida. E os incitava a botar o pé no mundo, que o mundo é grande e câ para todos... Os pequenos — e foram um rosario! sempre um ou outro lhe daria u'a mão, desinteressadamente...

Agora, porém, mudava o caso de figura. João era o ultimo — e a cabeça delle uma só estriga. Si João falhasse, era esmolar.

João não falhou. Sob a canicula estorricante, bucou, entroncou, fez-se homem. Bem fornido de enrijada, poderosa musculatura, a peitaria enfiada a desafiar brigadores, nada ficava a dever aos athletas, que, no club alli ao lado, pompeavam a integridade de seus musculos, trombeteada pelo jornal como "indice biologico da raça que se refaz pela cultura physica". Excepção naquella paluça, onde tudo desmedrava. Trazia, porém, no rosto, uma expressão melancolica, Moreno queimado, a testa ampla sublinhada por negros, cerrados supercilijs, sombreando uns olhos repassados de langôr, que se diria cansaço si não fôra a inverdade, pois tão pouco conheciam do mundo — tambem por esse lado excepção. Não o seduzia o folguedo da cidade. Honradamente ganho o pão de cada dia, ficava-se á porta do tugurio, a descantar para a lua, numa surdina encantadora sobre o escachoar das aguas no salto. Pouco saia, e era para a venda, ou para a roda que, sob a luz vasquejante das esquinas da rua do Porto, conversava coisas do officio, com entremeio de gargalhadas e azoimantes batidas no poste metalico. Ouvia-os a estes, pasmado, sem que lhe occorressem ideias. Os "mais assim", que trabalhavam na fabrica, no engenho, na usina, nas officinas da cidade, o que estudava na escola normal — contavam-lhe coisas nunca vistas, que lhe pareciam de um mundo longinquo, tão affastado que nem poderia aspirar a conhecê-lo. No entanto, era só subir aquelles quarteirões de ladeira. Explicavel, porém, esse desinteresse pela propria attitudo desses companheiros quando lhes vinha á troça um dos da cidade que conhecesse a capital. A' sua loquela de maravilhas, quedavam-se absortos, como si ouvissem conto de fadas. Aquillo era tão longe, tão fôra de mão...

Os irmãos que buscavam a cidade á cata de amores, tão faceis lá, desapprovavam-lhe a calma. Esturdio lhes parecia que um moço alli se embolorasse quando a pouca distancia a noite resoava de risadas femininas. E era um chancear impiedoso, um crival-o de remoqueos. Muito de industria, porém, attentando no desassocego delles, João se mantinha arredo, na paz dos seus dias eguaes, com seus farrapos de alegria...



Em meio do lodaçal impuro, não desahrocham por vezes flores de rara belleza, que olhares humanos cobiçam, invejosos de cuitelos e abelhas que lhes sorvem o adocicado mel? Pois, alli, em meio áquella miseria, floriam por vezes mulheres, que se diriam sereias, si ainda marcassemos passo nos tempos da mythologia. Era fama que os mais bellos typos da cidade alli se haviam modelado, na plena liberdade de uma vida quasi barbara, entre o trabalho que desenvolve as fórmas e a desambição que traz bem estar. Algumas houve, é verdade, que a certa altura se deixaram levar por promessas e lá descambaram para a ignominia. Mas quantas não se fizeram boas, prolificas mães de familia?

Carmen, filha de italianos, que alli mercavam sua pinga a pescadores desde cedo realçou. Botão de menina, saias inch curtas, dando á mãe u'a mão na lida da roupa, ou correndo com outras em brincos innocentes, quando entrava pela venda — e não havia por onde — aguçava olhares aos freguezes, que sempre um ou outro portava. E o pobre pae, percebendo-lhes as intenções, não achava geito de poupar-lhe xingos. Mandava-a para dentro, prohibida de voltar á rua. O crime de ser bonita...

Com os annos, nesse martyrio de vida, fez-se mais bella e, quanto mais bella, menos dona de seu nariz. Já agora, não era só o pae. Era a mãe, eram as visinhas, as comadres. Tinha que ensaboar roupa no rio; metidas as pernas nagua, o vestido pelos joelhos, a tez rosada de sol, cabellos esvoaçantes, debruçava-se por sobre as pedras, lisas já de tantas ensaboadelas, puxava pelos biceps por alvejal-as e já lá ia estendel-as na alcatifa de relva. Deslumbrava devéras. Mas, tambem, os olhares da mãe devéras atemorizavam-na e aos que nella punham olhos concupiscentes.

Descobriu-a alguém alli. A' noticia, alvoroçou-se o rapazio da cidade. Cabulando aulas, desciam estudantes, aos dois e tres, para vela no dispiacente do seu dia-a-dia. Mascotte da venda — diziam-na, que desta sempre levavam elles uma ou outra cerveja, quando menos martellos da bôa. Os cuidados do italiano — não amores de pae, mas receios de que, com o desapparecimento della, rareassem freguezes que taes... Injustiça, que sua dedicação pela filha raiava pelo brutal. A própria physionomia accusava-lhe o soffrimento. E elle bem que não dava trela a moços, muito menos a estudantes. Os rapazes, alli do porto pouco frequentavam a venda, pelo receio de terem que se avir com encrencas. Admiravam-na, é certo, mas platonicamente, que raro ella se lhes mostrava.

João do Porto, porém, com seu desinteresse de gosos, caiu no gôto do velho. De quando em quando lá ia sorver seu trago e dar dois dedos de prosa, por vezes mesmo com a menina, sob as vistas do pae. Conversa innocente, longe de amores. Trefega, palradora, era ella quem falava. E falava e ria, zombando dos que, como elle, não gosavam a vida. Tocar no assumpto, porém, era ensejar reprehensões, que lá vinham com ameaças de couro e ordens para que se mettesse no quarto. A João, doia-lhe fundo aquelle maltratar. Mas não ousava interceder por ella. Não fosse denunciar-se...

E gostou della. A principio, fôra uma admiração respeitosa. Via-a esplendendo a beira d'agua, quando passava na sua canôa. — Bom dia! — Bom dia! Um sorriso della e lá se ia elle, rio abaixo, sem se voltar... Depois, a pouco e pouco foi minorando aquelle respeito. Já agora lhe dizia uma graça, ao que ella amuava. Até que um dia percebeu que se enredára numa trama de amor. Tentou safar-se, que aquillo não era para elle; mas se enredou mais e mais.

Os gaviões da cidade — percebia-o — rondavam-lhe a casa. Pomba innocente, ella lhes iria ás garras aduncas.

A sina delle era cair. Não caiu na troça. Mas um bello dia, após a enchente, com o pae, caiu na cama, de maleita. O anopheles proliferando espantosamente no pantano circumjacente, orquestrava-lhes as noites em tocatas azucrinantes, até que o plasmodio dominou de vez as carnes, na consumpção da febre e da tremura. A tempera de aço de seu rijo arcabouço mingou na seção roaz. Jungido ao catre, numa quebreira horrivel, não passava de vil carcassa afeiçoada à maneira de simio grotesco, num estranho delirio-tremens.

Ainda uma vez interveiu a benemerencia municipal, atuchando-lhes quinino e mais quinino, por vezes falsicado e inócuo. Levantou-se afinal, mais de um mez após. Mas era a mesma muniã: magerrimo, tolhiço, desengonçado, arcado como bodeque, sem pinga de sangue. Engorgitados figado e baço, entranhara-lhe as fibras o germen malefico, num deperecimento que nem quinino, nem rezas e benzeduras conseguiram minorar.

Reduzido a esse molambo, viu-se sem coragem de procurar a venda. Carmen repelliu-o-ia, por certo, tão esmirrado estava. Deixou dias correrem sobre dias, á espera de que lhe recrescessem forças. A medicina official ainda lhe vinha á casa. Mas, um dia, o medico achou-o capaz de subir á cidade. Fosse á casa da Camara, ás tantas. Elle soffreu com a impiedade, mas resolveu. A Camara que economisasse gasolina á custa da miseria.

Foi. Cambaio, um porretinho á mão, alma penada a assustar os contraditórios, chegou á venda. Não podia mais, era preciso descansar. Entrou. Deu-lhe o italiano o braço, ajudou-o a sentar-se. Tremia, tremia. Um suspiro puxado veio-lhe do fundo. Pediu agua. O vendeiro gritou para dentro que trouxessem um copo, do pote. E o pobre impaludado, mal se sustendo no banco, rente á parede suja, tinha a cabeça derrubada como gallo vencido e o queixo ponteagudo dir-se-ia cravado no peito, si o peito não fôra sem carnes. As roupas largas, de que emergiam uns cambitos moftinos e aquella desarvorada cabeça, dançavam ao sopro da brisa, que varejava casa e venda.

Carmen, extranhando-o embora, prestes aviou o pedido, por temor da admonenda e minutos após appareceu na porta. Procurando o pae com o olhar, viu-o acurvado sobre o banco, de costas para ella, como que a amparar alguém. Compreendeu que era um doente; aproximou-se cauta. Mas a cantela foi pouca. Ao reconhecer o pobre do João, estremeceu, a ponto que a agua do copo se entornou. Um olhar do velho, fulminante, fê-la empallidecer mais e um berro empurrou-a para bem perto. Então, ergueu-lhe João olhos marasmados e, não os desfitando, entreabriu lenta e difficilmente os labios, que a febre soldára, deixou que ella vertesse o conteúdo do copo, sorveu-o com delicia. Vagarosamente, de novo a bocca se collou, com um agradecimento, os olhos sempre nella pregados. Nem assim, poupou-lhe o pae berros para que se recolhesse... Carmen desapareceu, lançando-lhe piedoso olhar.

Elle seguiu, tenteando. Mais que a agua, animara-o a presença della, cujos effeitos lhe agiam, porém, como manopla constrictora que cerrasse dedos de aço na guella pelancuda e encordoadá...

Piedade e amor não andam juntos.

Piedade se fez o amor de Carmen. Amor desgarrou-se, já se desgarrára quiçá, durante a doença. Amor descaminhava-a...

Certa manhã, a rua do Porto foi agitada pela noticia cruel: — Carmen abalára com um moço da cidade... Na venda, o italiano tentára matar a mulher, inculcando-lhe o desastre. E a mulher, doida, a descabellar-se,



a imprecicar contra a cidade opulenta, que se não saciava e lhe levava a sua riqueza. Por tudo, por todos um fremito de indignação.

João saíra cedo. Mal nado o sol, botara-se na canoa, rio abaixo, a ganhar o pão. Doente mesmo, era preciso prover à fome da família. Não permittia ao pae esmolar. A sua vara dava menos, mas sempre mais e melhor que o pedinchado...

Companheiros retardatarios, a que a noticia não surprehendera, alcançando-o na corredeira, transmittiram-lh'a e passaram de largo. Ao primeiro não pôz credito; mas, ao segundo e terceiro, confirmando, estarrecu. Derrancou-se-lhe o corpo, tremente, sem forças de remar. Deixou que a canoa derivasse. Passou outra vez por elles, agora fundeados cada qual à altura de seu agrado, inquiriu de novo. Adduziram-lhe pormenores — e elle tremia, tremia.

— Que voltasse — disseram. Aquillo era a recalhida...

— Que não — respondeu.

E rodou.

E tremia e tremia, já agora figura macabra. Os musculos zygomáticos repuxados dilatavam-lhe a bocca até quasi as orelhas, num riso alvar, em que os olhos, de um brilho estranho, fulguravam parados, como si foram farões à canoa maneira... Ruidosamente as narinas fungavam, num arfar de felino aguardando o momento da prea. Todo elle tremia. Mas, a posição não se lhe demudava. E a canoa defluia ao deus-dará, torci-collando com a caudal, ora aproando em baixios de agua-pés, que lá se iam desmanchados, augmentando-lhe a esteira, ora aos solavancos de encontro a pedras e varejões que se fincavam no fundo areento... Viv'alma não encontrou. Era tudo silencio. Ribanceiras acima, por vezes, mugidos de rezes a pascer, latir de veadeiros, trinados de passaros...

De repente, porém — a embarcação a meio da corrente, que se espraíava então — levantadas as mãos num gesto insano, dedos entreabertos e contrictos como garras, a que nem faltavam unhas enormes, freneticamente segurou a escassa cabelleira. Cabellos voaram ao vento. E a mão tremente, fechada, trouxe cabellos, negros cabellos... Elle olhou para a mão. Alvarmente riu. Abrin-a. Soprou os fios, que lá voaram, gargalhou e pareceu cair em si, convencido da fatuidade dos anhelos, esvaídos como cabellos ao vento... Pesadamente, o tronco se lhe dobrou, enquanto a canoa derivava, derivava...

A' noite, nova angustia na rua da pobreza. João não voltára. Pizeram-se-lhe no encalço. Uma diligencia, a lancha, á luz de archotes, rodou inutilmente horas e horas.

Ao amanhecer, em aguas de outro municipio, no mais perigoso dos peraus que se conheciam no rio, uma canoa divisaram circulando atôa, à mercê das aguas que remoinhavam no sorvedouro. Com cautelas mil, approximaram-se. Rijo, o tronco derreado para a frente. João do Porto tinha no rosto um satânico esgar. Nada que denunciasse suicidio. Morte natural, impaludismo — attestou o legista. Desgosto — attestou o povo, na sua alta sabedoria...

PEDRO FERRAZ





CLASSICOS E CABOTINOS

Summo do orgulho humano, parece a muitos que o cabotinismo haja atingido o seu auge, na moderna gente das letras, literatos que excedem na vaidade as mulheres, pois que estas se engrandecem com o fito de se darem a outrem, e aquelles, de se negarem a todos. Tão alto vae e generalizado o elogio em bocca propria, que o termo *cabotinismo* já se transformou em *boccatinismo*, porque outro não é esse mal, sinão um longo, ininterrupto e naturalissimo tinir de bocca, resoando as proprias qualidades. Crê-se geralmente que o peccado é só dos nossos dias e planta a vicejar no canteiro de uma determinada escola zangarreira; no entanto, é mais antigo, tão idoso, como o proprio mundo, quasi eterno, como o proprio Deus. A modestia nunca foi symbolo que brilhasse nos braços da literatura, a não ser aquella modestia chamada de anzol, que põe a isca de uma humildade para pescar o peixe grosso de um louvor, a queima-roupa. O que hoje ha, é um manto menos diaphano do que o de outrora, a envolver as crepitações mal sopitadas da nossa vaidade e, quando surge um grupo sem manto algum, com as labaredas á mostra, o horror é grande e o clamor, immenso. Antigamente não era assim: havia mais sinceridade; o poeta grego e especialmente o romano, por menor que fosse, exhibia-se desvelado, embocando a tuba, mais ou menos, ridicula do elogio proprio. O exemplo vinha do alto Olympo e a casa de Mecenas era o arsenal mais poderoso das novas armas da fama. Não se evitava o contagio e, desde Nero, cantando á lyra nos estadios da Grecia, até o histrião mais infimo, em qualquer bairro da Suburra, todos os comediantes, ao terminar as representações, tinham a mesma phrase, synthese do mais intenso cabotinismo: "Nunc plaudite!"

O mal da egolatria proliferava em todas as escolas classicas e, em Roma, vivia nos labios divinos de Horacio ou de Ovidio, como nas declamações histrionicas de um Plauto ou Juvenal. Nem era prenda exclusiva dos escriptores: vicejava por todas as classes esta flor rubra e hypnotica da propria exaltação e no forum e nas thermas e nos circos e nas reuniões intimas o divino instrumento da lingua resoava, por entre falernos ou jorros de sangue, as qualidades excelsas do seu *ego*. O seculo de Augusto, que foi o de maior elevação intellectual, apresenta-nos Quintus Horatius Flaccus, o maior poeta latino, simples escriba em Roma, depois de haver abandonado a carreira das armas, falando de si mesmo, num cabotinismo tão agudo que deixa ensurdecido o mais eloquente dos nossos egotistas.

Por ter sido apresentado a Mecenas por Virgilio e Varo, escrevia estes celebres versos, rogando ao grande homem que o inserisse entre os lyricos do tempo:

"Quod si me lyricis vatibus inseres,
"Sublimi feriam sidera vertice."

"Por, se entre os lyricos me inserires,
"tocarei com a fronte as mais altas estrelas."

Era um simples início, o primeiro entusiasmo dos seus vinte e seis annos. Mais tarde, já favorito de Augusto e senhor de uma quinta em Tibur, escrevia a Melpomene a sua famosa ode XXIV, em cujas estrophes prophetisa a immortalidade do seu genio que, cantando, construiu um monumento mais perenne do que o bronze, mais elevado que as pyramides, porque as suas poesias resistiriam ás aguas minazes da vida, ao sopro destruidor dos furacões e á mesma fuga dos seculos incontaveis...

"Exegi monumentum aere perennius,
"Regalique situ pyramidum altius;
"Quod non imber edax, non Aquilo impotens
"Possit diruere, aut innumerabilis
"Annorum series, et fuga temporum".

Era tudo? não ainda: o crescendo se avoluma e Horacio, no deslumbramento do seu valor infinito, vê-se immortalizado: "Não perecerei completamente: o melhor do meu ser evitará Libitina, a deusa da morte. Viverei no louvor sempre novo dos meus posteros..."

Serei cantado pela fama, lá, onde o Afauto murmura e celebrar-me-ão a mim, que fui pobre, mas o primeiro lyrico entre os latinos."

A exaltação remonta mais alto ainda e estoura, exigindo de Melpomene a corôa delphica de louros, a maior consagração dos genios, naquelles tempos:

"... et mihi Delphica
"Lauro cinge voleus, Melpomene, contram."

Quem, dentre os nossos poetas, ousaria falar assim? Nem é de se admirar, pois que Horacio foi só esse e, ao clarão do seu genio, extinguem-se, como phosphorescencias brandas, os lumes poeticos dos nossos dias. Entre os seus proprios contemporaneos, nenhum attingiu, de mais perto, o brilho irrequieto das estrelas. Nenhum outro mereceu mais do que elle os louros de Delphos e o monumento das suas poesias vai resistindo a tudo, especialmente ao descaso, á desidia moderna dos que já se privaram o delicioso prazer de, fechando os olhos para as imperfeições do presente, poder abril-os para o esplendor do passado, em Roma, ou Athenas.



Pouco menos do que Horacio, talvez, porem mais elegante e luminoso do que elle, e certamente, mais estimado em Roma e na Corte, Ovidio foi, na sua effeminada compleição de homem moderno, um cabotino esplendido. Este é um poeta que jámais envelhecerá, porque o amor será sempre moço, cheio de meditismos para o coração humano, e, onde uma scentelha amorosa arder, ali se achará Ovidio, o poeta que, em Roma, ensinou amar. Emquanto existir uma mulher que fascine, haverá sempre um cantor para adoral-a e nesse homem palpitará a alma de Ovidio, seja aqui em S. Paulo, ou mais longe, num qualquer recanto, na senectude do mundo.

Nem é só o amor que faz de Ovidio um poeta amado; a tristeza é também eterna e o soffrimento posto em verso tem o prestigio das coisas que não passam. E quem mais triste foi do que este exilado que, em tantos annos, jámais teve um momento de resignação dolorosa e até mesmo, em



sonhos, sempre teve diante de si a recordação amargurada, mas inesquecível, de Roma, a cidade do prazer e do luxo, que elle nunca mais haveria de ver?

Entre os horrores tocos do seu exílio, nenhum outro o atormentou, assim, horrivelmente, como o temor de ser esquecido em Roma. Já no fim dos seus dias, no declínio da esperança do seu perdão, Ovidio, ao terminar as suas "Metamorphoses", escreveu esta pagina triste e amarguradamente cabotina:

"Jam que opus exegi, quod nec Jovis ira, nec ignis,
Nec poterit ferrum, nec edax abolere vetustas.
tum volet illa dies, quae nil nisi corporis hujus
Jus habet, incerti spatium mihi finiat aevi;
Parte tamen meliore mei super alta perennis
"Astra ferar, namque erit indelebile nostrum;
"Quaque patet domitis Romana potentia terris,
"Ore legar populi; perque omnia saecula, fama,
'Si quid habent veri vatum proesagia, vivam.

E' o adeus do poeta a tudo quanto amou na vida, e, plagiando a Horacio, escreveu tambem: "Terminado se acha o monumento que, nem a ira de Jupiter, nem o fogo, nem a espada, nem a velhice roaz poderá destruir. Quando vier o meu ultimo dia, a minha parte melhor subirá aos astros eternos e o meu nome será indelevel. Em qualquer parte da terra, aonde chegar a potencia romana, viverei nos labios do povo por todos os seculos e si é que se cumprem os vaticinios dos poetas, viverei na fama dos meus versos."

E realmente vive este amargurado cantor da graça feminina, o grande mestre da "Arte de amar", sublime arte, infelicissima arte que o exilou nos asperros rochedos do Caucaso e a tantos tem exilado no mesmo tumulto da existencia, pondo-lhes na alma a solidão de quem já foi amado e não poud amar, quando não lhe acena de longe, com os esplendores da corte de Roma e lhe põe no vestibulo a figura cruel de Augusto, vedando a entrar.



Apezar do materialismo do viver pagão, os literatos romanos, não menos do que nós hoje em dia, atormentavam-se continuamente com a morte. Aos proprios comediantes era pertinaz este pensamento e após os tregeitos da comedia e a grita do povo, descia-lhes, amargando o sabor dos applausos, a idéa do tumulto. Então, na presença do mysterio das sombras, a convicção do proprio talento raiava-lhes nas almas, prenunciando-lhes a immortalidade que se concede ás intelligencias. Ante a certeza ingrata e afflictiva do sepulcro, todos elles compunham os seus epitaphios, summulado valor que a si mesmos attribuiam, sem esperar que a critica lhes fizesse o exame das obras e os proclamasse grandes ou pequenos, depois da morte.

Plauto, o magnifico Plauto, imagina como ha de ser o dia em que elle morrer: "Ha de chorar a Comedia; ficará deserta a Scena e o Riso, o Divertimento, a Graça, todos se desfarão em lagrimas".

"Post quam morte da tu 'est Plautus, Comaedia luget;
"Scena est deserta: deinde Risus, Ludus Jocusque
"Et numeri et innumeri simul omnes conlacrimarunt.

Cneus Naevius, quem no theatro substituiu a comedia palliata pela togata, assim compoz o seu elogio funebre: "Si pudessem os Immortaes



chorar os mortaes, as divinas Camenas chorariam o poeta Nevio, porque, depois que elle morreu, ninguem mais, em Roma, soube falar a lingua latina."

"Oblita sunt Romae loquier latina lingua".

Como, às vezes, erra o juiz em causa propria! Morreu Nevio e, em Roma, falou-se ainda melhor o latim: tão melhor que si o poeta retornasse ao bulício dos homens, se horrorizaria dos barbarismos da sua linguagem primitiva. Entretanto, foi-lhe gravação na campa o elogio que, a muito moderno, ha inspirado imitações, mais ou menos infantis.

Quinctus Ennius, o idolo do povo antigo, cuja veneração se projectou até o seculo de Augusto e encheu de louvores os labios de Scipião, despertando um verdadeiro culto em Cicero, merecendo os elogios do proprio Horacio, chegando aos nossos dias, nos numerosos plagios que da sua obra fez o dulcissimo Virgilius Maro, compoz o epitaphio do seu tumulo, pedindo aos que por ali passassem, que o não banhem com suas lagrimas, nem o venerem com seus prantos:

"Neuro me lacrimis decoret, nec funera fletu
"Faxit. Quur? Volito vivo' per ora virum".

Porque chorar-me? Vivo eternamente esvoaçarei nos labios dos homens! Causa-nos estranheza uma tal convicção nas suas proprias qualidades, mas, o passado do poeta lhe permite esse desafogo nas horas enfraquecidas da velhice, quando a vida, como um palco já tantas vezes pisado, lhe apresenta a ultima scena, apontando-lhe o sepulcro.

Bem mais humilde e para mim, mais tristonho, mais artista, Marcus Pacuvius, poeta e pintor da Calabria, escreveu este epitaphio que passa por uma das bellezas latinas de outr'ora:

"Adulescens, tametsi properas, leoc te saxum rogat
"Utei ad se aspicias: deinde quod scriptum'st legas.
"Hic sunt poetae Pacuvii Marcei sita
"Ossa. Hoc volebam nescius ne esses. Vale".

Adolescente, por apressado que passes, pára! Esta pedra roga-te que a fites: depois, que leias o que está escripto. Jazem aqui os restos mortaes, do poeta Marco Pacuvio. Isto queria que não ignorasses. Adeus."

Modesto, Pacuvio deseja, apenas, que não se ignore a sua lousa. Isto lhe basta, porque, certamente, ao tel-a conhecido, evocará o viancante o alto espirito que animou, um dia, aquelles ossos. Dirige-se aos moços, sonhadores e naturalmente poetas pela força da idade, de cabeças tontas ennevoadas de illusões e almas ressoantes da ancia mysteriosa de amar. A elles será mais facil a recordação de um poeta, que aos velhos já lhes vae cançado o espirito, descrido o coração, para ainda pensarem na inutilidade de um ser que viveu sonhando.

•
• •

Quando Nero introduziu em Roma os jogos gregos, onde se travaram lutas de poesia e eloquencia, levou a palma a todos a mocidade esplendida de Lucano, cantando do theatro de Pompeu um poema em honra do principe. O seu triumpho recordou os tempos de Virgilio, quando o povo era o primeiro em applaudir-o nas praças e nos banhos.



O proprio Nero abria-lhe o seu palacio para ouvir-lhe, deliciado, as maravilhas da sua arte. Foi num desses momentos felizes da sua gloria, que Lucano vaticinou, vaidosamente, a immortalidade da sua "Pharsalia":

"Venturi me te que legent: Pharsalia nostro
"Vivet et a nullo tenebris damnabitur aevo."

"Os posteros nos hão de ler, a mim e a ti: tu, Pharsalia, em seculo algum serás condemnada às trevas!"

Eganou-se Lucano: Nero prohibiu-lhe a obra, impoz-lhe silencio e o seu poema chegou aos nossos dias, quasi de todo obscuro, incompleto e alterado pelos raros estudiosos da literatura romana, sem a metade do valor que lhe attribuiu o poeta. Vaidoso assim, na hora da morte se desconcertou Lucano e o pavor de ser esquecido foi tal, que o moço triumphador do theatro de Pompeu, fragil e humano, como nós de hoje, desesperado ao vêr-se extinguir ainda forte, ainda maravilhado pelo seu talento, para assegurar-se de que ficaria immortal no seu poema, na fama do seu estro, recitava, desconnexammente, os proprios versos. Deve ser horrivel morrer assim! Tambem o nosso Casimiro de Abreu, na agonia lucida que Deus concede aos tuberculosos, relia aquellas amarguras poeticas das suas "Primaveras".

Do insignificante poeta Accius, conta Plínio, que mandou fazer a sua propria estatua, em louvor do seu talento e fel-a de grande estatura, quando elle era pequenino e fragil. Este Accius recorda aquelle ecclesiastico paulista, que, ao saber de uma subscrição aberta para erigir-lhe um busto, foi o melhor concurrente, pagando quasi toda a despeza do monumento.

Accius costumava, e era do uso entre os escriptores, convidar, por meio de bilhetes premiados, os ouvintes das suas barbaridades versejadas. Não é raro, entre nós, este uso, trocando o premio dos bilhetes por um banquete ou uma beberagem aos convidados. Foi para todos elles que o velho naturalista escreveu: "*Invituri auditores solebant per libellos et codicillos.*"

Statius era outro cabotino e dos mais parecidos aos nossos de hoje: desprovido completamente do menor talento, pagava a um tal Chrispinus para fazer-lhe a versalhada toda que, ao depois, publicava como sua. Assim compoz um famoso poema heroico — a "*Achilleida*". Interrogado porque escolhera um assumpto já tão remoto, respondeu que era para completar Homero. Gabava-se de, em dois dias, haver composto o epithalamio de Stella, com duzentos e setenta e oito exámetros. Parece-me ver neste pobre Statius, muito poeta nosso, agarrado a varios Chrispinus e, em dois dias, publicando brochuras innumeraveis, rotuladas, pomposamente, de — *poemas*.

Statius e o seu auxiliar Chrispinus não passavam de mediocridades perdoaveis até nos seus maiores excessos; Marcus Tullius Cicero, porém, a mais elevada expressão do intellectualismo do seu tempo, não encontra defeito no seu furioso cabotinismo. Em Cicero, a eloquencia offuscou a poesia, mas foi tambem poeta e, como tal, seguindo o costume da época, celebrou os feitos politico-militares dos seus patronos, e depois, cantou a si mesmo, em dois volumosos poemas: "De Consulatu suo" e "De temporibus meis". Já naquella occasião, ninguém lhe perdoava tal falta de modestia e Quintiliano entristecia-se com a mordacidade dos criticos, ao ver um ramanho orador ridicularizado por todo o Imperio.

Juvenal consagrou-lhe finissima satyra e Martial consola a um pobre poeta, dando-lhe Cicero por companheiro no infortunio do fracasso. Os seis volumes de ambos os poemas celebram os menores e mais insignificantes actos da vida de Cicero.

Mas no seculo aureo de Augusto, nem mesmo o dulcissimo Virgilius se exime ao contagio dessa auforia, o cabotinismo? Nem elle! Lê-se nas "Georgicas", III, 8, a intenção que nutria de a Eneida, para "viar eterna-

mente nos lábios dos homens". Sempre foram iguaes os humanos, modestos ou vaidosos, são sempre aquella argilla pobre, amassada d'este ou de outro modo, mas sempre argilla, com as mesmas qualidades do barro que se esbo-
rôa, quando se quer altear ôco e vasio na sua consistencia fragil e, por isso mesmo, tinindo e retinindo ao menor contacto de um outro barro igualmente vasio e ôco. Flor nativa da vaidade ephemera dos homens, o cabotinismo perfuma as letras, desde a primeira vez que o ser humano ponde fazer um juizo de si proprio e se remontarmos para além do tempo e penetramos na eternidade, veremos, na primeira pagina do Genesis, Jehovah, que se extasia na contemplação das suas obras e maravilhado da sua força creadora, louva-se a si mesmo, o divino artista do mais sonoro poema que se haja escripto no universo: *Vidit que Deus cuncta quas fecerat et erat val de bonat*

Se Jehovah assim falou, que muito ha de ser que nós, sombra da sua sombra, o imitemos tambem e, diante das nossas pequenezas, nos julgemos quasi deuses, creadores de um mundo illusorio, em que nos movemos á semelhança do Espirito fecundo? Mais vale uma illusão doirada, que mil verdades amargas, e depois, neste assumpto do nosso *ego* somos todos uns judeos muito antigos, aos quaes, Jesus já disse outr'ora: "Quem se julgar innocente, arremesse a primeira pedra."

SILVEIRA BUENO





MEALHAS ETYMOLOGICAS

SONDA

Este vocabulo, segundo informa Francisco Solano Constancio (Dicc. Crit. e Etym. da Ling. Port.), suppuzeram-no certos etymologistas derivado de *fundars* ou de *funderc*, ambos de *fundus*.

Não se conformando elle com esta etymologia, porque 'não lhe parece provavel a conversão do *f* em *s*', suppõe que "sonda é formado de *sub unda*, sob às ondas.' (sic).

Não podemos averiguar se, antes de Constancio, já alguém havia concebido a engenhosa ideia de uma tal etymologia; do seu modo de dizer infere-se ter sido elle mesmo o conspicuo auctor de tão memoravel descoberta, e tão memoravel e judiciosa que fez opinião entre os lexicographos que lhe succederam, os quaes a adoptavam como verdade categorica, assente e indiscutivel.

O proprio A. Brachet, um dos mais profundos e circumspectos investigadores de etymologias, define:

— "Sonder, proprement aller sous l'eau (du Lat. *subundare*, dérivé de *unda* eau)".!...

Esta estrambotica definição não pode deixar de ser effeito de poderoso influxo que, no espirito de Brachet, haja exercido aquella invenção prodigiosa de Constancio.

Ora, se *sondar* significasse, como diz Brachet, *ir, andar ou caminhar debaixo da agua*, *sonda* poderia significar *o que vae, anda ou caminha debaixo da agua*, estabelecida entre a significação dos dois vocabulos a mesma, relação que existe entre *guiar* e *guia*, *guardar* e *guarda*, *rondar* e *ronda*, *serrar* e *serra*, etc.

Mas o que vae, anda ou caminha debaixo da agua são os peixes, os cetaceos, as aves aquaticas e, accidentalmente, qualquer corpo que, atirado á agua, é pesado de mais para fluctuar ou boiar á sua superficie.

De sorte que, segundo aquella definição, teriamos de admittir que sob a denominação de sonda se comprehendem os peixes, os cetaceos, os mergulhadores, os barcos submarinos, etc.

Tanto basta para evidenciar a impropriedade da definição, que, aliás, seria muito propria, se exacta fosse a etymologia que Brachet levanamente accitou, baseada, unicamente, numa falsa apparencia morphica.

Parece que, desta feita, pagou Brachet o seu tributo á fallibilidade humana, deixando-se ir na *onda* do Constancio.

Senão, vejamos.

Em outros lexicos encontram-se de *sonda* as seguintes definições:



(*Contemporaneo*) — "Fundo, fundura, profundidade de mar ou rio";
 (*Fr. Dom. Vieira*) — "O fundo em que a sondareza toca e pára, e a materia delle";

(*Constancio*) — "A fundo que o chumbo da sonda toca, v. g. sonda de areia, de vasa";

(*Beschevelle*) — "Instrumento que consiste em um pedaço de chumbo preso a uma corda e que serve, no mar e nos rios, para conhecer a profundidade da agua ou a qualidade do fundo. Esta corda é graduada de braça em braça, e cada uma destas assignalada por um nó. O chumbo, de forma conica, é ôco na parte inferior, onçe se colloca um pedaço de sebo destinado a trazer amostras da natureza do fundo".

Da diversidade destas definições depreheende-se que o vocabulo *sonda* tanto se applica á designação de fundo do rio ou do mar, como á do instrumento que se emprega para conhecer a natureza ou qualidade desse fundo, prevalecendo sempre, em qualquer dos casos, a ideia de fundo.

E' o que, com toda a clareza, se verifica tambem no vulgarissimo *insondavel*, que, tanto no proprio como no figurado, significa — a que se não pode achar o fundo.

Mas este ultimo vocabulo, segundo os mesmos lexicos já citados, significa:

(*Contemporaneo*) — "O leito, vasa, barro ou areia sobre que as aguas correm ou assentam e que se conhece por meio do prumo";

(*Fr. Dom. Vieira*) — "O solo onde estão as aguas dos mares, rios e profundos lagos";

(*Constancio*) — "O pé, a parte inferior e plana, v. g. o fundo do vaso, do mar, do rio, etc.";

(*Beschevelle*) — "Solo que o mar cobre: — encontrar o fundo; tocar o fundo; fundo de vasa, de areia, de cascalho, de rocha, de coral, de conchas, etc."

O confronto destas definições com as anteriores leva-nos á convicção de que ha verdadeira synonymia entre os vocabulos definidos — *fundo* e *sonda* —, visto como ambos exprimem, aproximadamente, uma mesma ideia.

A razão de ser desta synonymia é mais facil da comprehender do que, á primeira vista, parece.

Com effeito, se encarmos a massa de agua que constitue o mar ou um rio como um corpo considerado apenas quanto aos seus limites — superior e inferior —, teremos que o primeiro — o superior — se denomina *superficie*, *tona* ou *flor da agua*; ao passo que o segundo — o inferior — é, geralmente, denominado *fundo*.

Se, porém, encarmos o mesmo mar ou rio como um todo constituido, não só pela massa de agua, que o forma, mas tambem pelo seu alveo, leito ou base, isto é, pelo solo em que assenta, teremos, falando do mar ou de um rio, de discriminar a parte liquida, da parte solida.

Desta coincidência, desta absoluta contiguidade ou intimo contacto do *fundo* da agua com a parte *solida*, em que ella assenta, provém a significação commum attribuida aos vocabulos *fundo* e *solida*.

Nem cause estranheza a differença do genero grammatical dos dois vocabulos, assim emparelhados: ambos derivam do Latim: *fundo*, de *fundum*, (acc. sing. de *fundus*, i, masc.) — *fundo*, base; e *solida*, de *solida* (acc. pl. de *solidum*, e, neutro) — *chão*, *solido*, *firme*.

E' pois, de *solida*, quanto a nós, que proveiu o vocabulo *sonda*, applicada ao caso a *syncope syllabica seguida de nasalção*, como passamos a expôr:

Da queda normal da consoante intervocalica (l) resulta ficarem em contacto as vogaes das duas syllabas consecutivas, formando ditongo (oi).

Deste ditongo cae a subjunctiva (i), nalasando-se, por compensação, a prepositiva.



Por identico processo se formavam; *renda*, de *re(di)ta*; *sentar*, de *re(di)tare*; *arrancar*, de *era(di)tare*; *arrancar*, de *era(di)re*; *tranca*, de *tra-(bi)ca*; *prenda*, de *pra(e)bi)ta*; *mortandade*, a par de *morta(li)dade*, de *de morta(li)latem*; *andar*, de *a(di)tare*; etc.

De *sonda* formou-se regularmente o verbo *sondar*, cuja significação primitiva e propria não pode deixar de ser a que a que indica a sua etymologia, isto é, *tocar o solo*, *encontrar o solo*, etc.

E tanto assim é que ainda hoje, na nautica fluvial da Amazonia e, segundo nos affirmam, tambem na da Africa, o verbo *sondar* é empregado nesta mesma accepção.

Assim, se um navio precisa, pelo menos, de tres braças e meia para navegar, o sondador ou homem do prumo, mergulhando na agua quatro braças da corda (*sondareza*) e verificando que o prumo não attinge o fundo, canta, em voz alta e clara: — 'quatro braças e não *sonda*!'

Evidentemente tem aqui o verbo *sondar* a significação natural de *attingir*, *tocar* ou *encontrar o fundo*, isto é, o *solo*, a parte *solida* em que a agua assenta; a menos que algum adepto da etymologia de Constancio e de Brachet, baseado na definição deste, possa demonstrar que o homem do prumo, assim dizendo, annuncia que a *sondareza*, apesar de mergulhada na agua até quatro braças abaixo da sua superficie, — *ne va pas sous l'eau!*

FRANCISCO LUIZ VIEIRA





AS RELIQUIAS DE TUT-ANKH-AMON

Dos factos da Historia, aquellos que se perdem nas noites profundas da Antiguidade Oriental, são os que mais nos seduzem, quer pela exiguidade destas fontes de estudo, como e principalmente por desvendarem a exotica civilização das épocas primitivas. Perante a immensidade assombrosa dos seculos que passaram vertiginosamente, até a vida do Christo nos parece um facto recente, quasi hodierno.

E quem não ficará estupefacto ante a sciencia mysteriosa das inscrições hieroglyphicas, ou em face de uma mumia horrorosamente livida, cujos labios entreabertos parecem rir orgulhosa e sarcasticamente das dores do mundo?!

Valle do Egypto! Jardim plantado ás margens poeticas do Nilo, rio das aguas que riu murmuram doce e infindavelmente, como si fossem os soluços reconditos dos antigos deuses desthronados! Como os seculos te mudaram, ó paiz dos Pharaós! Como estás estranho com esses palacios ottomanos dos khedivas e mesquitas musulmanas consagradas a um deus estrangeiro, ao filho de Abdalla! Como differes do Egypto pharaonico, cujos dias de esplendor não voltarão jámais!

A impiedade dos homens tirou-vos o poderio — ó divindades de Thebas e de Kutáton, ó pharaó de todas as dynastias — tirou-os as 530 leguas quadradas de terreno uberrimo e deu-vos em troca os salões silenciosos e severos do Museu das Antiguidades Egypticas do Cairo.

E' num dos departamentos deste musen que repousam agora, em mostradores de crystal, ao lado de outras preciosidades egypcias, as reliquias do pharaó Tut-Ankh-Amon, arrancadas ás entranhas ardentes do Valle da Cadeia Lybica, por dois valorosos egyptologos britannicos.

Mas, para melhor rememorarmos os tempos aureos em que Thebas era a rainha do mundo, para sentirmos essa inexplicavel saudade do desconhecido, dos seculos longiquos, que se desfazem na cerração mysteriosa da Historia Antiga, é bastante conhecermos alguns dos principaes factos que as reliquias do referido pharaó nos podem ensinar.

Antes, porém, devemos dizer duas palavras sobre como foram postas á luz do dia taes preciosidades.

Em fins de 1922, os audazes egyptologos Howard Carter e Lord Carnarvon descobriram o tumulo do pharaó Tut-Ankh-Amon, que foi, segundo o quadro chronologico de Flinders Petrie, o penultimo rei da XVIII dynastia. O local é proximo á margem direita do Nilo, em Luksor, uma das quatro cidades edificadas pelos arabes sobre as ruinas da magestosa Thebas das Cem Portas.

Só depois de alguns annos de perseverantes e arduas escavações nos torridos areaes do Valle dos Reis é que os notaveis egyptologos inglezes conseguiram attingir á méta desejada. As reliquias que se apresentaram a seus olhos, nas duas salas da ante-camara que precede ao sepulchro do pharaó, são tão preciosas que o seu valor intrinseco, segundo calculos de archeologos peritos, attinge a 15 milhões de libras esterlinas.

A ante-camara é prececida por uma escada de 25 degraus descendentes, que terminam junto a uma porta fazendo face para o oriente. Encostadas á parede opposta, no fundo da ante-camara, vêm-se duas estatuas de tamanho natural, uma á esquerda e outra á direita da abertura murada, que conduz ao sepulchro regio. Talhaças em madeira e cobertas de bitume, essas estatuas symbolisam o pharaó a vigiar os seus proprios despojos. Os ornamentos da cabeça, os braceletes e o vestuario são chapeados a ouro; as pupilas e iris feitos de pedra vitrificada, as orbitas e os supercilios de ouro puro; á fronte sobreleva-se um magnifico ureus, a serpente symbolica da soberania do Delta. Além dessas duas effigies pharaonicas, a ante-camara continha o mobiliario e as provisões com que Tut-Ankh-Amon deveria sustentar-se durante a viagem ao tribunal de Osiris. Notavam-se principalmente um cofre de madeira, pintado e ornado de incrustações, representando, entre outras cousas, o rei sob o aspecto allegorico de duas esphinges calcando aos pés os inimigos; um outro cofre, de uns dois metros de comprimento, pintado de branco, com molduras e supporte de ebano, contendo as roupas brancas do pharaó; tres leitos regios talhados em madeira, polychromados e dourados, testemunhos vivos do admiravel progresso da architectura nos tempos de Tut-Ankh-Amon e que ainda mais se evidenciou na dynastia seguinte. Um dos leitos tem a cabeceira ornada por dois leões de olhos e focinhos de lapis-lazuli; o outro por typhons, animaes fabulosos representando o principio das trevas, o implacavel Set, e o ultimo por novilhas ostentando enormes chifres pontegudos. Notavam-se tambem uma caixa semi-cylindrica de madeira, com incrustações de ouro e marfim, tendo uma inscripção symbolica sobre a união do Alto e do Baixo Egypto; umas trinta caixetas ovas, contendo quartos de gazella e de outros animaes destinados a alimentar o "ka" ou duplo do pharaó; uma arca de alabastro com ornamentações polychromas e applicações de obsidiana; um porta-joias de uns sessenta centimetros, com incrustações de porcellana azul, contas de vidro e lapis lazuli; quatro amphoras de alabastro contendo ungentos sagrados que, sob a influencia do sol, recobriram parte de sua fluidez.

Richard Skinner, director da Estrada de Ferro que vae do Cairo a Assuan e auxiliar de Lord Carnarvon na expedição ao Valle dos Reis, affirma que este explorador morreu em virtude de ter aspirado o perfume intenso de um destes vasos e não devido á picada de um insecto venenoso como geralmente se suppõe. Seja como fór, a morte de Lord Carnarvon, justamente na occasião em que se achava no auge da sua gloriosa missão, não deixa de ser bastante singular.

Voltemos, porém, á ante-camara do sepulchro. Notavam-se finalmente, uma urna de madeira chapeada a ouro, sobre a qual, primorosamente cinzeladas, varias scenas da vida intima de Tut-Ankh-Amon; tamborettes de ebano com os pés em fórma de X, armas reaes, tecidos preciosos, collares, vasos, guarnições e um numero de pequenos objectos, tudo amontoado em desordem pelo chão.

Vê-se na parede, á esquerda e por detraz do leito em fórma de typhons, uma brécha de uns sessenta centimetros de comprimento por outros tantos de altura, praticada por saqueadores de tumulos. Deve-se a taes visitantes a grande desordem que se nota na ante-camara. Não só pillharam os cofres, roubando as reliquias do pharaó, como arrancaram pedras preciosas ao throno e até mesmo algumas placas de ouro ás carruagens. E' nossa opinião, aliás



sem nenhum valor e oriunda da analogia que que ousamos estabelecer entre o throno de Tut-Ankh-Amon e o de outros pharaões do Novo Imperio, que os ladrões roubaram também as placas de ouro que ficam entre as pernas da poltrona real, logo abaixo dos braços. Demais, esta analogia é confirmada pelo throno de Tut-Ankh-Amon que vemos esculpido em baixo relevo no espaldar do seu proprio throno.

Sabe-se, também, que os saqueadores esconderam as preciosidades roubadas em uma sepultura proxima, para depois as procurarem. Felizmente, taes reliquias pertencem hoje ao Museu do Cairo, pois foram encontradas, ha poucos annos, no logar em que os ladrões as deixaram.

Não devemos malquerer a esses roubadores, pois foi justamente devido aos vestigios do furto que Lord Carnarvon e Carter tiveram a ideia de buscar o tumulo do pharaó, prestando, com a sua descoberta, um inestimavel auxilio á historia do Egypto.

Voltemos á ante-camara.

A um canto, proximo á porta de entrada, ha restos de um carro: quatro rodas de seis raios e a caixa desmontada.

Digna de especial menção é a carruagem principal de Tut-Ankh-Amon, encontrada pelos archeologos inglezes no hypogeu real. A caixa, de elegante estylo Novo Imperio, chapeada a ouro em toda a extensão, apresenta admiraveis baixos-relevos, cinzelados com a esplendida intuição artistica dos esculptores de Thebas. Para se fazer uma ideia pallida da magnificencia dessa escultura e muro, basta dizer-se que os realces estão cobertos com prata laminada e as guarnições de vidrilhos polychromos ornadas de pedrarias preciosissimas. Das imagens esculpidas, a principal representa o pharaó sob a fórma de uma esphinge de garras enormes e aduncas a espinhar um grupo de prisioneiros da Ethiopia e semitas, provalvemente da Syria que, desde os tempos de Tutmosis III, tentava libertar-se do dominio egypcio. Este baixo-relevo, não só pela riqueza inconcebivel dos materiaes de que se compõe, como pelo raro valor artistico alliado a uma admiravel, meticulosa documentação hieroglyfica, é, inquestionavelmente, uma das mais extraordinarias raridades archeologicas descobertas no Valle do Nilo.

Ante esta carruagem, que atravessou trinta e dois seculos sob os torridos areas de Luksor e que ainda conserva a magnificencia das éras pharaonicas, parece vermos Tut-Ankh-Amon — o soberano dos Dois Diaedemas, a irradiação do divino Horus — em trajes de grande gala, sumptuosamente adornado com pedrarias e esmaltes multicôres, a conduzi-la sob os portaes do templo de Amon.

De todo o mobiliario real, o que mais maravilha é, entretanto, o estuendo throno sobre o qual o pharaó se assentou no dia da coroação. Trata-se de uma ampla poltrona de pés de leão encimados por duas cabeças do mesmo animal, tudo esculpido em ouro; braços em fórma de serpentes aladas e coroadas, por detraz das quaes se vêm dois ureus reaes. Sobre a face externa do espaldar, uma almofada de ouro incrustada de vidrilhos, faianças e pedrarias multicôres. Tut-Ankh-Amon, cinzelado em baixo-relevo nessa almofada, acha-se no palacio real, em trajes de grande cerimonia, assentado no throno e com os pés sobre um escabello. De pé, á sua frente, a rainha Ankhesenamon, também em trajes de grande gala, traz á mão esquerda um frasco de balsamo aromatico, ao passo que com a direita, num gesto affectuoso, perfuma a gola do pharaó. Sobre os reis scintilla Aton, soberano dos dois horizontes, "um deus vivo que não tem igual", representado por um disco solar cujos raios terminam em fórma de aureas mãos. O pharaó traz á cintura o avental curto de gaze frisada, guarnecido com a cauda de chacal e passamanaria de ouro e esmalte; ao pescoço, a gola de contas de porcelana polychroma e sobre a cabeça a enorme e complicada corôa dos soberanos egypcios.

Esta obra de labor, executada com notavel sentimento esthetico a par do profundo realismo de uma scena ao mesmo tempo intima e magestosa — que se deu, provavelmente, logo após a coroação — é um dos quadros mais completos da vida privada do pharaó, Lord Carnarvon, gloriosa victima de sua dedicação á egyptologia, declarou que jámais a humanidade contemporanea conceberia que artistas de uma época anterior á do pharaó que perseguiu Moysés, fossem capazes de executar obras tão artisticas, as mais perfeitas de toda a hisoria do Egypto.

Tentaremos, agora descrever o "ka" ou duplo de Tut-Ankh-Amon, encontrado na ante-câmara sepulchral. Antes, porém diremos duas palavras necessarias á boa comprehensão do assumpto.

Os egypcios suppunham que a alma possuísse um envoltorio fluidico perfeitamente semelhante ao corpo humano. A esse corpo astral, que reproduz o individuo com a mesma physionomia, tez, estatura, voz, etc., chamavam "ka", ou duplo, segundo a versão de Maspéro. Quando uma creança nasce, seu "ka" é igualmente um recém-nascido, invisível aos olhos dos mortaes. O duplo acompanha o individuo em todas as vicissitudes da vida terrena e, com a morte, vai residir no tumulo, ao lado da mumia. Possui, entretanto, o dom de abandonar, de vez em quando o sepulchro, manifestando-se aos iniciados nos mysterios de Isis e Osiris, pela luz pallida que irradia.

Sem querer entrar em materia theologica e tão sómente por achar azada a occasião, lembramos que o dogma do duplo tem atravessado os seculos até os nossos dias. Vemol-o figurar nas doutrinas kabalísticas, indús e gregas e ainda hoje não só é um dos assumptos capitães da theologia oriental, como tambem se manifesta nas mais modernas doutrinas espi-ritualistas do occidente.

Segundo Herodoto (Historia, liv. II, cap. CXXIII), os egypcios acreditavam que, com a morte, a alma humana passasse, successivamente, para o corpo dos animaes terrestres, aquaticos e volateis, de todas as especies, durante um periodo de tres mil annos, findos os quaes voltasse a se reen- carnar num corpo humano. Ora, como a alma só podia affastar-se do corpo depois do apodrecimento deste, operavam a mumificação, evitando assim, que a alma abalasse para o corpo de algum misero reptil. Mas, como a mumia poderia desfazer-se durante o enorme prazo de tres mil annos, os egypcios, sempre attentos á felicidade espiritual dos pharaós, collocavam no tumulo uma effigie de madeira, um "ka" material, para, em caso de necessidade, substituir ao corpo mumificado.

A mumificação dos pharaós não era feita, como affirmam alguns historiadores, para impedir a extinção da alma, ou para que esta pudesse regressar ao corpo, na volta do tribunal de Osiris. Servius manifesta-se categoricamente a esse respeito: *Aegyptii periti sapientia, condita diu servant cadavera, scilicet ut anima corpori sit obnoxia, nec cito ad alios transeat* (1)

O "ka" de Tut-Ankh-Amon é uma admiravel effigie talhada em medula de sycomoró, madeira cuja durabilidade desafia os seculos e cujo amertume afugenta os vermes. Apesar de sujeito, quanto aos principaes caracteristicos de posição e vestuario, ao tradicional estylo da escultura osiriana, o "ka" apresenta notavel semelhança physionomica com o busto de Tut-Ankh-Amon adornado com as insignias do deus Khonsu, da triade thebana, busto este que os egyptologos, inclusivé Meyer, attribuiam ao pharaó Morembebo. A' frente do "ka" sobreleva-se a serpente ureus, soberana do Baixo Egypto, ao lado do abutre Nekebt, a deusa tutelar do Sul. De braços cruzados sobre o peito debíl, Tut-Ankh-Amon, soberanamente placido, olhos pintados a artimonio e absortos na contemplação do divino Amon, dir-se-ia a imagem viva dos seculos impassiveis aos esplendores e ás miserias da Historia do

Egypto. Ante a effigie do joven soberano, cujo rosto emmagrecido levou o erudito Maspéro a prognosticar-lhe a tuberculose, sentimo-nos invadidos por um sentimento indescritivel de profunda veneração. Mais de 3.200 annos pesam sobre este maravilhoso "ka" ornado de ouro e marfim! O exodo dos israelitas, o captiveiro de Babilonia, as conquistas de Alexandre, o assassinio de Cesar, o estoicismo do Christo, enfim toda a historia da humanidade passou vertiginosamente no turbilhão dos seculos! Pois este pharaó prodigioso, petrificado pelo dedo de Osiris, quedou immutavel às leis do tempo! Na sua impassibilidade, Tut-Ankh-Amon, a *imagem viva de Amon*, não nos parece um morto, não! Dir-se-ia que possui uma alma immensa, maior do que a nossa: a Alma da Historia! Seus olhos languidos voltam-se para nós e os labios descorados se entreabrem para nos contar, num suspiro, o romance da sua vida.

Houve, nos meados do Novo Imperio, um pharaó piedoso e sabio, que se chamou Amenophis III, a quem os gregos cognominaram Memnon, Filho da Aurora. Era tão grande o seu zelo pelo culto dos deuses, que não se offertou um obelisco e um templo a Amon de Karnak, como construiu, dedicado á deusa Mut, o templo de Acherú e ainda em honra de Amon, o famoso templo de Luksor, ao sul de Karnak. Ruas ladeadas por estatuas de deuses e carneiros, symbolo de Amon, ligavam entre si aquelles monumentos. Amenophis III estava de tal fórma fanatisado pelos principios religiosos da época, que não hesitou em construir um edificio de formosa pedra calcarea, no qual a sua propria effigie era adorada como Nebmáre, deus nacional da Nubia. O rei apparece nas esculturas, em respeitosa adoração deante de si proprio. Casou-se com uma dama, provavelmente de origem lybica, chamada Ti, que nas inscripções (Meyer) figura como filha de Jua e de Túa. Desse matrimonio nasceu o celebre pharaó Akhnaton, que promoveu a reforma monotheista. Amenophis canonisou tambem sua esposa, que durante a vida gosou das honras de deusa, no templo de Sedeinga, na Nubia. Finalmente, o pharaó restaurou o grande templo de Amon, na "montanha sagrada" de Barkal, perto de Napáta.

"E' difficil fazer-se uma ideia approximada, — considera Meyer — das colossaes dimensões desses edificios, do trabalho e do dinheiro que se gastou para satisfazer os deuses".

O sentimento religioso dos egypcios desenvolveu-se de tal fórma que se tornou necessario inventar-se um sem numero de divindades, de demônios e de amuletos, que realizassem a todas as aspirações populares. Os deuses tornavam-se submissos aos homens si estes praticassem os mysterios da doutrina secreta, dos quaes nos fala o "Livro dos Mortos". O fanatismo e a magia desenvolviam-se a passos gigantescos sob a protecção de Amenophis III.

Quando Amenophis IV, ou Akhnaton, como mais tarde se chamou, subiu ao throno pela morte do pharaó seu pae, a questão religiosa era o problema que requeria mais urgente solução.

Desde a infancia, o novo pharaó, suggestionado pelas ideias religiosas de sua mãe, affastou-se do culto polytheista de Amon e adorou o deus do sol, Aton, do qual se fez summo-sacerdote. Substituiu seu nome Amenophis, derivado de Amon, por Akhnaton, que significa "esplendor do disco solar". O novo culto não admittia a representação zoomorphica ou anthropomorphica da divindade. Adorava-se simplesmente o disco solar cujos raios terminavam em mãos segurando a cruz symbolica da vida. O monarcha mandou destruir os nomes e as imagens de todos os deuses da corte de Amon, inclusive os de Mentú, Hathor, Osiris, Set, Uazit, etc. Foram perdoados somente os deuses solares, como Horus, Ra e Tum. Akhnaton abandonou Thebas, rica de monumentos em honra do odiado Amon e fundou uma capital consagrada ao deus do sol, na planicie de Tell-el-Amarna, Egypto

Medio. A nova cidade chamou-se Kutáton, que significa "residência do disco solar".

Como, para o povo, as deliberações do pharaó, quaisquer que fossem, mereciam o mais respeitoso acatamento, a reforma monotheista foi geralmente adoptada, embora com intimo scepticismo. Lemos, nos fragmentos do livro hermetico "A Virgem do Mundo" as seguintes palavras que exprimem fielmente a consideração em que era tido o monarcha nos tempos das dynastias pharaonicas: "O rei é o ultimo dos Deuses e o primeiro dos homens. Desde que vem á terra, deixa de ser uma divindade absoluta; ha nelle, entretanto, algo que o distingue dos homens e o aproxima de Deus. A alma real surge de uma região muito superior á de onde se originam as almas dos mortaes". Todavia, os sacerdotes de Amon, salvo raras excepções, negaram tal divindade a Akhnaton, permanecendo fieis á religião orthodoxa. Originou-se dahi uma convulsão religiosa, cujos effeitos perniciosos não tardaram a se manifestar em todo o paiz, arrastando para a miseria os innumeros funcionarios que usufruam o lucrativo culto de Amon. Os dados historicos que, a tal respeito, nos fornecem inscrições monumentaes são tão escassos que nada sabemos ácerca das lutas dos dois partidos rivaes. Como toda reforma religiosa não se faz sem o derramamento de sangue, é de se suppôr que luctas titanicas assolassem o paiz, desde o Delta até as fronteiras da Ethiopia. O deus Aton conseguiu imperar na corte, durante o reinado de Akhnaton e os egypcios, submissos ás imposições do pharaó victorioso de seus inimigos religiosos, condescenderam, hypocritamente, em admittil-o, embora Amon de Thebas vivesse mais do que nunca nos seus corações.

Kutáton, a nova capital do Egypto, floresceu rapidamente, construindo-se templos e monumentos dedicados a Amon. Com a reforma monotheista progrediram tambem as artes, principalmente a literatura, que encontrou no poetico symbolismo do novo culto do Sol, inspirações quasi isentas do pernicioso orthodoxo. A melhor prova dessa evolução literaria é o celebre "Hymno ao Sol", que se conservou até os nossos dias. Traduzimos um dos seus fragmentos, da versão ingleza de Flinders Petrie, e confiamos a sua metrificacão á poetisa D. Clara Santos:

Quando, além, te alevantas, sobre a serra
e surges d'entre as nevoas do arrebol,
illumina-se a terra,
ó Sol!

Desfaz-se a escuridão, fogem desmaios,
ha fremitos nos ares e nas plantas,
quando vens com teus raios,
quando além te alevantas!

Aos teus lampejos,
brilhando como Aton durante o dia,
ambas as terras se enchem de alegria,
de vida e harpejos!

Os homens se alevantam, diariamente,
sem atrazo,
erguem as mãos, adoram-te no oriente,
e adoram-te no occaso,
porque te alevantas
e a tudo encantas!

Quando amanhece,
o gado que no campo permanece,
onde medram as arvores frondosas
e as flores perfumosas;



os passarinhos,
 gorgendo sobre os ninhos,
 tudo, tudo te adora,
 desde o surgir da aurora
 até o declinar do dia
 — filho da tua magia —
 ó Sol!
 divino crisol
 purificador,
 que dás frio ao inverno e ao verão dás calor,
 que eternamente crias e supplantas
 desse alto céu para onde te levantas!

Com a morte de Akhnaton, a doutrina monotheista, perdendo o seu maior sustentáculo, teve sómente mais alguns instantes de vida. O segundo ou terceiro pharaó a substituiu dentro de bem poucos annos, o magnifico Khupiru-Nib-Ri, cognominado Tut-Ankh-Amon, não demorou em restaurar o antigo culto dos deuses. Foi esse, ao que parece, um dos principaes feitos do novo monarcha.

As inscripções da columna de Tut-Ankh-Amon, usurpada pelo pharaó Horemhebo e que se acha no Museu do Cairo, explicam-nos que aquelle soberano era filho de Amenophis III, como Akhnaton, mas nada nos dizem sobre a identidade de sua mãe. Suppõe-se que esta fosse alguma das muitas concubinas reaes, ou então, como é mais provavel, uma dama syria de Berytus ou de Byblos. Assim, Akhnaton e Tut-Ankh-Amon eram irmãos por parte de pae. Khupiru-Nib-Ri tornou-se rei devido ao casamento com sua sobrinha Ankhesenapaton, "a que vive do sol", terceira das sete filhas de Akhnaton e de sua esposa, a rainha Nofrititi. Educado nos principios monotheistas de seu sogro e irmão, Tut-Ankh-Amon não podia deixar de ser fervoroso adorador do disco solar, como, aliás, muito bem o indica o nome que usou enquanto viveu na corte de Kutáton: Tut-Ankh-Aton — "a imagem viva de Aton". Devido, talvez, à grande influencia que os sacerdotes de Thebas readquiriram depois da morte de Akhnaton, Tut-Ankh-Amon não só abjurou as idéias religiosas do seu sogro, como foi compellido a voltar á doutrina orthodoxa, transferindo a capital do paiz para Thebas. Obteve, tambem, que sua esposa, a rainha Ankhesenapaton, trocasse de nome, passando a chamar-se Ankhesenamom — "a que vive de Amon". O monarcha mostrou-se, provavelmente por motivos exclusivos de ordem politica, zeloso partidario da doutrina orthodoxa, de sorte que no seu governo floresceram novamente os dias memoraveis de Amenophis III. Dentrê as provas que forneceu ao sacerdocio da sua submissão a Amon, salienta-se a de ter embellezado o magnifico templo de Karnak, restaurando as inscripções de Amenophis e terminando a decoração mural.

Teria Tut-Ankh-Amon emprehendido guerras de conquista, como os pharaós que o antecederam? Nada podemos affirmar, por emquanto, a esse respeito. Igualmente desconhecemos os monumentos que o monarcha deveria ter edificado durante os annos que governou em Thebas. E o seu reinado, foi longo como o de Amenophis, ou sómente de nove annos como consta do quadro chronologico de Flinders Petrie? Teria Tut-Ankh-Amon morrido de alguma affecção pulmonar, como o suppôz Maspéro, ou envenenado por conspiradores politicos, como se imagina hoje em dia?

Todas estas importantes questões serão solvidas quando o Sr. Pierre Lacau, director do Museu das Antiguidades Egypticas, do Cairo, auxiliado por seus collaboradores, decifrar as inscripções das preciosidades encontradas no tumulo do monarcha e que já se acham nos mostradores das espaciaes salas daquelle estabelecimento. Acrescentamos, dado o grande numero

e as optimas condições dos hieroglyphos dessas reliquias, que se tornará necessaria uma completa revisão da Historia do Egypto, desde as conquistas de Tutmosis III até o inicio da XIX dynastia.

Saberemos então qual a verdadeira situação chronologica de Tut-Ankh-Amon na XVIII dynastia, si reinou antes ou depois do sacerdote Ay, etc. Meyer declara mesmo que, devido ao facto do pharaó Horembebo, possível successor de Tut-Ankh-Amon, não mencionar nas inscrições o seu cognome real, não se sabe si se deve identifiçal-o com o sacerdote Ay, com Tut-Ankh-Amon ou com qualquer outro soberano. Isso prova quão obscura se acha ainda a historia do Egypto nos fins da XVIII dynastia. Na nossa insignificante opinião, o sacerdote Ay teria governado o Egypto, em successão a Tut-Ankh-Amon, visto que, numa das paredes da camara funeraria deste pharaó se acha pintado o veneravel sacerdote, ataviado com a hieratica pelle de panthera e presidindo às exequias de Tut-Ankh-Amon. Além disso, Howard Carter chegou mesmo a reconstituir a scena dos funeraes, durante a qual aquelle sacerdote dirigiu os obreiros tumulares.

A respeito de Ay, o "divino pae", só se sabe que, na Córte de Kutáton, fôra partidario declaracão das ideias monotheistas, tendo conquistado os elevados cargos de "secretario effectivo" de Akhaton, "porta-leque", "confidente do rei para todo o paiz" e "escudeiro real". Com a decadencia da coutrina monotheista, Ay, optimo politico, tratou de se harmonisar com a religião dos deuses, tornado-se zeloso sacerdote de Amon. No seu annel de coracão, intitula-se vaidosamente "divino soberano de Thebas".

As reliquias do pharaó, depois de analysações pelos egyptologos em todas as suas minudencias, deverão confiar-nos dados de notavel importancia historica. E, desde já, pela sua simples presença, ensinam-nos que no tempo de Tut-Ankh-Amon, a escultura progrediu extraordinariamente no Egypto. De facto, nos reinados anteriores ao de Akhnaton, o estylo da escultura estava de tal maneira sujeito á tradicional monotonia das fórmas, imposta pelas convenções hieraticas, que os mais esmerados lavores tornavam-se tão faltos de naturalidade, de expressão, que hoje só nos, admiram pela antiguidade e pela riqueza material.

O exemplo typico é o das pyramides que, além de serem, no Antigo Imperio, o sepulcro invariavelmente preferido pelos reis, figuravam nos edificios e até nos obeliscos. A sua conformação era sempre a mesma; as dimensões é que variavam, de accôrdo com o poderio dos pharaós. Afóra a pyramide truncada de Dahchur, de conformação especial (pois as paredes em vez de serem perfeitamente planas como as de Cheops, Chefren e Mycerinos, consistem em duas faces dispostas em sentido obtuso-angular) são raras no Antigo Imperio as pyramides de conformação variavel. Deve-se aquella excepção ao facto do pharaó constructor da dita pyramide de Dahchur (Snofru, segundo Meyer) ter morrido antes da conclusão da obra, o que obrigou os edificadores a terminarem-na ás pressas, dando-lhe conformação que exigisse menos tempo e trabalho. Não seria esta a origem das pyramides truncadas, que se tornaram tão populares no Egypto?

Citamos, tambem, como exemplo da influencia anti-artistica da pragmatica religiosa na escultura, as medonhas estatuas das divindades elephantinas ou crocoçilinas.

E' claro que os artistas egypcios poderiam idealisar imagens que os dispensassem de construir sepulcros geometricos e estatuas hybridas. "Mas, como diz Cantú, a arte deixará de ser espontanea para se subordinar a um canon religioso invariavel e que não tolerava individualismo".

Akhnaton, revoltando-se contra a orthodoxia, incutiu no animo de seus artistas gosto menos apegado á tradiçào, mais humano e emotivo. Tut-Ankh-Amon soube desenvolver a obra daquelle pharaó, de sorte que, mesmo depois de regressar á orthodoxia, abjurando as ideias monotheistas de Akh-



naton, os artistas reaes produziram esculturas tão magnificas como as da XIX dynastia.

Vejamos agora os principaes acontecimentos occasionados pela abertura da camara mortuaria e do sarcophago real.

A 18 de Fevereiro de 1923, os eruditos exploradores Carter e Carnarvon, acompanhados pela rainha da Belgica, pelo príncipe Leopoldo, Lord Allenby e pela sultana viuva, penetraram na camara sepulchral, tendo descido por uma abertura praticada na parede do segundo aposento da ante-camara. Em contraram-se, maravilhados, perante enorme catafalco de madeira, ornado de incrustações de faiança azul e bellissimos relevos a ouro, que luziam esplendidamente á luz violacea do reflector electrico. O calor excessivo de pleno verão, que reinava no hypogeo, verdadeiro forno construido sob a areia torrida do deserto, não permittiu que os exploradores pudessem continuar as suas pesquisas, abrindo as portas do monumental catafalco. Assim é que o tumulo permaneceu fechado por muitos mezes, até a 12 de Fevereiro proximo passado, foi novamente aberto. Como Lord Carnarvon já havia fallecido, Carter teve o desgosto de dirigir sózinho os trabalhos da abertura tumular. Por determinação expressa do governo do Cairo, esta cerimonia foi feita reservadamente, o que desapontou os archeologos de todos os paizes civilizados, que se achavam presentes. Tornaram-se tão intoleráveis as exigencias e restricções, descortezmente impostas pelo Departamento das Obras Publicas, prohibindo até a visita ao sepulchro pela viuva Carnarvon e sra. Carter, que Howard Carter se revoltou, fechando o tumulo e declarando não mais proseguir as pesquisas encetadas.

A respeito dessa divergencia, o governo do Cairo declarou que havia tomado aquella attitúde extrema, "afim de serem satisfeitas as obrigações que assumira perante a sciencia a a humanidade". Desconhecemos as particularidades, necessarias para se fazer um juizo criterioso a respeito desta questão. Todavia, é evidente que foi o erudito cientista Sr. Carter, quem assumiu, pela sua sabedoria e admiravel força de vontade, grande responsabilidade scientifica. Quanto ao governo do Cairo, não sabemos em que tenha concorrido para o progresso das Sciencias, inclusivé da propria egyptologia! Quer-nos parecer que a chave da questão é o colossal valor intrinseco das reliquias do pharaó, muitos milhões de libras esterlinas, que bem podiam não se achar garantidos nas mãos de um subdito da poderosa Grã-Bretanha...

O Sr. Carter e a viuva Carnarvon intentaram immediatamente um processo contra o governo egyptico, reivindicando seus direitos sobre o tumulo, mas, como era de se esperar, nada conseguiram. Carter foi levado a desistir do processo, ao passo que um mez depois, os tribunaes mixtos negavam provimento ao recurso interposto pela viuva Carnarvon. A sentença declarava que a annullação dos direitos sobre o tumulo, concedidos aos dois exploradores inglezes, era acto incensuravel de caracter estritamente administrativo.

E' lamentavel, entretanto, que o cientista Carter, apoz tantos annos do mais perseverante e arduo trabalho archeologico, não tenha a satisfação de levar a cabo o seu admiravel empreendimento.

Com a demissão do explorador britannico, o governo mandou proceder a rigorosa inspecção no tumulo, naturalmente para se certificar de que Carter não se dispuzera a enriquecer o Museu de Londres com as reliquias de Tut-Ankh-Amon. Nomeou, depois, o francez Pierre Lacau, director do Museu do Cairo, para continuar as pesquisas tumulares. Assim é que os aposentos funerarios do pharaó foram reabertos por este administrador e na ausencia do Sr. Carter, que recusou o convite para assistir á cerimonia.

Vejamos, entretanto, como o Sr. Carter havia effectuado a abertura do sepulchro, antes de todos esses contratempos:

Auxiliado pelos seus collaboradores Srs. Mace e Callander, aquelle explorador, tendo desentulhado novamente a abertura que conduz á camara sepulchral, deu início á desmontagem das vinte e três riquíssimas peças que, embutidas umas nas outras, constituíam uma especie de catafalco exterior, protegendo o sarcophago real. Essas peças foram cuidadosamente guardadas em caixas forradas a lã, para serem, depois remetidas ao Museu das Antiguidades, com as demais reliquias tumulares. Apoz a desmontagem do catafalco exterior, Carter e seus auxiliares, acharam-se ante outro catafalco, coberto com um grande panno negro constellado de rosetas de ouro e bastante damnificado pela acção do tempo. Na face anterior da nova peça tumular via-se uma porta de duas folhas, seguras por uma corda fortemente trançada entre alças de metal e coberta com um grande sello symbolico, que alli fôra collocado pelo proprio sacerdote Ay. Por detraz desta porta decorada em relevo, que Carter não hesitou em abrir rompendo a corda, appareceram successivamente mais duas portas, cada qual de um novo catafalco, as quaes foram immediatamente abertas. Surgiu, afinal, o sarcophago propriamente dito, que é, pois, o quinto envoltorio tumular da mumia de Tut-Ankh-Amon. Trata-se de uma grande peça de fôrma rectangular, tendo em relevo, nas quatro quinas lateraes, as imagens das poderosas deusas Isis, Nephtis, Neith e Selk estendendo affectuosamente longas azas protectoras sobre a mumia do grande monarcha. Notamos que este sarcophago apresenta grande semelhança com o do sacerdote e rei Ay, não só no que diz respeito ás decorações, como no material de que se constitue, isto é, granito roseo. Na face anterior do sarcophago de Tut-Ankh-Amon, acha-se esculpido em baixo relevo o deus-chacal Anubis, guia da morte.

Finalmente os exploradores levantaram a pesada lousa do sepulchro e appareceu a mumia do divino filho de Horus e soberano dos Dois Diademas.

Acharam-na magnifica e admiravelmente conservada. A physionomia do pharaó se lhes apresentou tão placida, tão magestosa no seu indifferentismo á luz intensa do projector e aos olhares atônitos dos visitantes, que mais parecia profundamente adormecida pelo encanto inconcebível de trinta e tantos seculos. Os olhos do pharaó, brilhantes, conservam tal expressão de vida, que se tem a impressão assombrosa de que se movem nas orbitas e de que Tut-Ankh-Amon começa a se acordar... Ha no rosto delicado do joven monarcha tanta sympathia que em nada o podemos comparar com as physionomias arrogantes das outras mumias pharaonicas.

Parece mesmo uma allucinação o facto da humanidade hoçierna encontrar-se face a face com o corpo quasi perfeito, de um rei que viveu ha 1200 annos antes de Christo! Não se trata, pois, de uma figura lendaria, de um heroe mythologico creado pela fantasia de um povo primitivo. E' graças ao zelo com que os egypcios consideravam a perpetuação do corpo dos mortaes, que podemos hoje contemplar as mumias de muitos pharaós, como Amés, que expulsou os hyksos para a Syria; Tutmósis I, que invadiu a Asia; Tutmósis III, o conquistador da Palestina e da Syria, ao qual Ninive pagou tributo; Seti I que, segundo algumas inscrições, teria penetrado até na Armenia; Ramsés II, o celebre Sesostris dos gregos, e muitos outros que nos são hoje tão familiares como aos egypcios de então.

A respeito da mumificação, sabemos que eram varios os processos empregados no Antigo Egypto para prevenir a putrefacção dos cadaveres, contra a acção dissolvente dos seculos. O mais popular desses processos, que se applicava aos cadaveres dos pobres, consistia no emprego do sodio (*natron*) como substancia prima. O *natron* dos antigos é o *sesquicarbonato de sodio*, sal alcalino que se deve encontrar em solução nas aguas dos lagos, ou crystallizado em suas margens. Alguns chimicos abalizados contestam, entretanto, a existencia dessa substancia. Na opinião de Bertholet, trata-se



de um composto oriundo da reacção do carbonato de sódio e do cloreto de sódio, que se acham em certos lagos a vinte leguas do Cairo. O preparo completo de uma múmia exigia mais de dois meses de trabalho. Herodoto descreve da seguinte maneira alguns processos de mumificação:

"Extraem primeiramente o cérebro pelas fossas nasales, em parte com um ferro curto, em parte introduzindo no crâneo certas drogas. Abrem depois o peito com uma pedra da Ethiopia, muito aguçada, e tiram o ventrículo; bem limpo este, banhado com vinho de palmeira e polvilhado com perfumes, enchem o ventre de pura myrrha pisada, de cassia e outros aromas, à excepção do incenso macho, e cosem tudo. Feito isto, seccam o cadáver, deixando-o immerso em soda durante sessenta dias, passados os quaes não é ainda permittida a dissecação. Depois lavam o defunto, envolvem-lhe todo o corpo em faixas cortadas num lençol de linho, impregnado pelo lado inferior de uma gomma de que os egypcios fazem uso. Neste estado recebem-no os parentes, que mandam construir uma caixa com a effigie humana e nella o encerram. Em seguida é collocado em posição vertical e encostado à parede, sendo conservado como um thesouro na cellula sepulchral. E' assim que preparam sumptuosamente os mortos. Mas as pessoas que não querem sahir do meio termo e evitam o luxo, praticam de outra maneira: depois de terem introduzido em seringas oleo de cedro, enchem com elle o ventrículo, sem incisões nem extracção de intestinos. Introduz-se tudo pelas partes inferiores do corpo, e fecham-se depois os conductos pelos quaes o liquido poderia escoar-se. O cadáver é em seguida dissecado durante certo tempo, e no ultimo dia vasa-se o oleo de cedro nelle injectado. A acção deste oleo é tão intensa, que com elle saem os intestinos e as visceras maceradas. As carnes são tambem maceradas pela soda, de modo que o morto só fica com a pelle e os ossos. Terminada a operação, o cadáver é entregue à familia, sem se lhe fazer outra cousa. O terceiro modo de embalsamamento, usado pelas pessoas de pouca fortuna, consiste em derramar-se no ventrículo um liquido medicinal; o cadáver é dessecado durante os sessenta dias e depois entregue aos parentes".

Para que o finado não soffresse os tormentos da fome ou da sede, extrahiam os orgãos internos do corpo que, durante a vida, experimentavam taes sensações. Guardavam essas entranhas em quatro vasos, cada qual ostentando, em effigie, a cabeça de uma divindade protectora.

As múmias, depois de perfeitamente dissecadas, eram envolvidas em uma especie de caixa de cartão ornamentada, com dois orificios na altura dos olhos, para que o pobre morto pudesse apreciar as reliquias do sepulchro e ouvir o que se dizia da sua pessoa no mundo dos mortaes. Esse envolturo costumava ser collocado dentro de uma série de caixas de madeira, ricamente adornadas e contendo as rezas fúnebres e os papyrus que elucidavam o morto sobre as pragmaticas do tribunal de Osiris.

Quanto aos funeraes, faziam-se com grande pompa, principalmente si o fallecido era pharaó. O pintor Forestier executou, sob as indicações do illustre Flinders Petrie, uma excellente composição a crayon, representando o cortejo fúnebre de uma pharaó da XVIII dynastia. Os portadores de palmas e das insignias reaes, as carpideiras, os escribas, os sacerdotes e neophytos, ahi figuram acompanhando, em cortejo, o sarcophago pharaonico depositado numa especie de carro em forma de barco, que quatro bois arrastam vagarosamente para a tumba.

Em 1828 procedeu-se em Paris, perante uma commissão de sabios, à autopsia da múmia de um sacerdote de Amon, cujo relatorio pedimos venia para reproduzir em parte:



"Notou-se logo o minucioso cuidado com que os egypcios arranjavam as suas múnias. O desenrolar successivo das faixas que envolviam o cadáver permittiu observar as diversas operações praticadas pelos embalsamadores. Pareceu, pois: 1.º) que depois da dissecação por meio da soda, o corpo, envolvido num panno, tinha sido mergulhado em betume derretido que havia penetrado nos membros, de modo a formar, arrefecendo, uma camada de betume solido que revestia o panno e o cadáver; só a naca não tinha emergido; 2.º) que depois desta operação, cada membro fôra embrulhado em faixas: primeiro os dedos, depois os braços e cada perna em separado, e afinal todo o corpo, o qual por meio de grandes pannos collocados sobre o pescoço, o peito, os rins, o abdomen, a parte exterior dos braços, das coxas, etc., e seguros por innumeras voltas de faixas, retomára a fôrma do corpo vivo, com as devidas proporções, corrigindo-se assim a extrema magreza de cadáver, reduzido pela soda a pelle e ossos. Desembrulhado o corpo, viu-se que tinha a cabeça rapada como era uso dos sacerdotes, os dentes no seu lugar, e um exame attento persuadiu de que a múnia era de um homem de cerca de quarenta annos. Cobria-lhe a bocca uma lamina de ouro, o peito uma folha de prata. Dos hombros pendiam correias de couro colorido. As cavidades dos olhos foram preenchidas por pequenas méchas de trapo, as quaes, assim como todas as faixas, pareciam haver sido embebidas em oleo de cedro, efficaz preservativo contra a corrupção. O interior da cabeça estava vazio e a caixa craneana conservada integralmente. Sobre o peito, entre as pernas e noutras partes do corpo, havia camadas de um betume muito lúcido. A preparação mostrava remontar a mais de vinte e cinco seculos".

Não nos admiramos, assim, que escriptulosamente preparada pelos embalsamadores egypcios, a múnia de Tut-Ankh-Amon se conservasse perfeita até os nossos dias. Acreditamos, entretanto, que o clima estavel do Egypto tenha concorrido para que essa preciosidade historica conseguisse vencer a acção dissolvente dos seculos.

Sobre as reliquias de Tut-Ankh-Amon, cujos hieroglyphos não se acham ainda divulgados, já não nos resta mais nada a acrescentar. Procurámos descrever-as succintamente, com o fim de despertar maior interesse por tão notavel descoberta archeologica e, sobretudo, pela Historia do Egypto. Herodoto, referindo-se ao Paiz dos Pharaós, chamou-o de "presente do Nilo". E é de facto, uma offerta inapreciavel a que faz este rio; offerta de um solo uberrimo aos torridos areaes que se estendem do Delta ás fronteiras da Nubia. Maravilhoso pela fertilidade do seu solo, o Egypto é ainda mais encantador pela sua historia, impregnada desse sublime mysticismo, que só se encontra nas plagas orientaes.

O Egypto é a patria dos exemplos. Pela sua antiguidade, é exemplo da magestade da Historia e da insignificancia da vida humana no infinito do Tempo. Pela sabedoria do "Livro dos Mortos" e da literatura hermetica, exemplo da superioridade philosophica dos primeiros seculos. Pela grandeza indescriptivel das suas pyramides, exemplo da perseverança e do trabalho humanos. Pela belleza dos seus monumentos, exemplo vivo da arte, dessa arte admiravel que tão grande influencia teve sobre a civilisação grega.

O Egypto, cuja grandeza historica não conhecemos perfeitamente, foi o berço das artes, das sciencias, enfim, da propria humanidade.

Os primeiros poços artezianos originaram-se do Egypto. Segundo Eisenlohr deve-se a este povo a invenção da algebra. Affirma Hoefer que o acido cyanhydrico era conhecido dos antigos padres egypcios, que d'elle se serviam para matar os iniciados, quando trahiam os segredos do culto de Isis e Osiris.



Desde a representação gráfica dos sons até as mais sumptuosas obras architectonicas, tudo se originou da maravilhosa Terra dos Pharaós, Moysês, Herodoto, Strabão, Plutarcho e Eratosthenes instruíram-se com os egypcios, solveram a sabedoria de que se achavam impregnadas as aguas marulhentas do rio Nilo. E nos nossos dias, Tut-Ankh-Amon, ainda mesmo na sua impassibilidade de mumia, vem contar-nos cousas tão surprehenderes que nos quédamos ante a mysteriosa sabedoria egypcia!

PERY CAMPOS





BIBLIOGRAPHIA

A PASSO DE GIGANTE — Helio Lobo — Imprensa Nacional
— Rio de Janeiro — 1925.

O sr. Helio Lobo, o operoso escriptor patricio das *Coisas Americanas e Brasileiras* dá-nos agora um novo livro, no qual ainda mais se affirmam os seus raros dotes de observador arguto e profundo dos problemas sociaes e politicos, quer da vida americana, quer da nossa, com os quaes o põe em immediato contacto a sua qualidade de diplomata.

A par desses dotes de observação e analyse, levados a grau não commum, o auctor de *A Passo de Gigante* dispõe de um vernaculo da melhor lei e de notorios predicaos de estylista, que fazem com que o livro seja lido com extremo prazer, tanto mais que um feliz cuidado presidiu á escolha dos assumptos versados.

Nessa obra crystallizam-se em forma definitiva de livro excellentes trabalhos, antes vindos á luz destacadamente, porém obedientes todos á mesma orientação e ao mesmo plano.

Um rapido apanhado dos titulos melhor dará ideia do interesse de que esse volume é merecedor. Abre-o o estudo *Yankees e nippões*, relativo á conferencia do desarmamento, de Washington e ao problema do Extremo Oriente, seguindo-se *O Brasil e seus ideaes internacionais*, na quinta conferencia internacional americana, *Materias primas, Commercio exterior e imperialismo*, estudo referente ao intercambio brasileiro-americano em 1923, *Seguem-se-lhes Abstemios á força*, tentativa de apreciação do regimen prohibitivo do alcool nos Estados Unidos da America, *Reforma pela evolução*, comprehendendo o regimen operario, sua legislação, suas tendencias e aspirações nos Estados Unidos e *Seculo e meio de evolução politica e constitucional nos Estados Unidos*, a proposito das eleições presidenciaes de 1924.

Como se vê, leitura attrahente no mais alto grau, vindo reforçar os altos creditos do auctor, quer como estylista, quer como estudioso e observador de aguda perspicacia.

A obra nitidamente impressa em excellente papel, é edição da Imprensa Nacional, do Rio, constituindo um alentado volume de cerca de 380 paginas.

HOSTIA ENVENENADA — Cid Franco — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — São Paulo, 1925.

Terra de poetas, não existe a menor duvida, mas ha poetas e poetas... E' a nossa natureza, tropical e exuberante, que lhes instilla nas veias e na alma essa ansia irreprimivel de cantar, cantar... Unicamente como, no fundo, todos esses temperamentos poeticos são outros tantos instrumentos

músicas, ali temos uma singular orchestra, que vai da harpa e do violino ao piano martellado e até mesmo à rustica sanfona dos bailes roceiros...

O sr. Cid Franco, de quem já tínhamos o livro de estréia, excepcionalmente promissor, *Musica Extincta*, dá-nos agora um poema, *Hostia Envenenada*, em que vantajosamente se affirmam todas as premissas que se poderiam inferir do auspicioso debut.

Hostia Envenenada é, indiscutivelmente, dos livros que sobrenadam e ficam. O seu auctor, a par de uma sensibilidade apuradissima e vibratil, na realidade extraordinaria em annos tão verdes, quando sõe caracterisar-se por surtos pouco equilibrados e carecedores do senso do justo equilibrio, joga com uma technica já perfeita e um vocabulario opulento e do melhor quilate.

De posse desses dois preciosos instrumentos, possivel foi, ao seu temperamento de genuino poeta, de poeta nato, dar azas ao pensamento em estrophes que se lêem, já não apenas com agrado, mas até com profunda emoção.

Como é natural em poeta brasileiro e tão moço, a tecla sensual — e mesmo a da sensualidade morbida é, mais de uma vez, ferida. O auctor de *Hostia Envenenada* fal-o, porém, com tal delicadeza, com tacto tão apurado e leve que o gosto mais delicado por ali perpassa sem sentir o contacto da menor aresta.

A edição, essa é um primor de bom gosto e de elegante simplicidade.

OS VERSOS QUE EU NÃO DISSE — Lobão Filho — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — São Paulo, 1925.

Um só poeta bom, que o seja na realidade, que como poeta sinta e se exprima, é bastante. Dois livros de versos, simultaneos e bons, é muito, é caso de se admirar.

Bom é, por igual, o livro do sr. Lobão Filho, — *Os versos que eu não disse*. Paira por sobre elle todo o perfume de um lyrismo delicado e docemente embalador, que acalenta suavemente a leitura.

O auctor não é o poeta das emoções fortes, menos ainda dos contrastes chocantes. É um sensitivo, de impressões ao de leve esfumadas e que sabe expol-as por uma fórmula encantadora. Lêem-se os seus versos como se ouve uma musica afastada, a que a distancia amacia as estridencias em proveito da melodia.

Não quer isso dizer que o sr. Lobão Filho seja, unica e exclusivamente um lyrico. Tal não é e de outras cordas dispõe na sua lyra. O seu poder evocativo brilha em algumas estancias descriptivas, que as tem e da melhor agua.

Ademais, forma cuidada e metro variado, o que impede o livro de descambar para a monotonia, alguns sonetos de excellente inspiração e burilados a primor. Atravez da sentimentalidade que os seus versos requeam, percebe-se que o auctor busca amoldar o seu temperamento de poeta nato ás modalidades de poesia mais em fóco e cumpre confessar que o consegue com felicidade.

O livro conserva de principio a fim um equilibrio que não é commum, eliminando os motivos para que tal ou qual producção seja posta em destaque. Si um soneto, como *Dea Palmaris*, de feição accentuadamente parnasiana, fulge por todas as facetas, *Cabellos Curtos* é um primor de leveza e graça.

Em summa, 230 paginas, mais ou menos, de um poeta que o é e o sabe ser.

A' MARGEM DA HISTORIA DA REPUBLICA — A. Carneiro Leão, Celso Vieira, Gilberto Amado, Jonathas Serrano, José A. Nogueira, Nuno Pinheiro, Oliveira Vianna, Pontes de Miranda, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, Tristão de Athaide e Vicente Licínio Cardoso — *Anuario do Brasil* — Rio, 1925.

Uma pleiade de brilhantes escriptores, nascidos com a Republica, resolveu realizar um inquerito sobre ideias, crenças e affirmações, obra de patriotismo sadio e disso a resultante foi o bello livro que temos em mãos.

Escriptores especializados e dos de maior destaque entre as gerações que surgiram com o advento do novo regimen, tratando carinhosamente os pontos de que se incumbiram, facil lhes foi produzirem um livro attrahente e suggestivo, cujo interesse se conserva vivaz das primeiras ás ultimas paginas, empolgando a attenção do leitor.

Em um prefacio, de notavel originalidade e franqueza, são expostos a genese e o fim collimado, estendendo-se depois a obra por 350 paginas de formato grande.

A COMEDIA SOCIAL — Carlos Ribeiro — *Companhã Graphico-Editora Monteiro Lobato* — São Paulo, 1925.

O sr. Carlos Ribeiro, como bem o disse Monteiro Lobato no brilhante prefacio que escreveu para este trabalho é um espirito sincero que se não conforma com o caminho que vão tomando as coisas. Idealista, quer ver sua patria de melhores rumos e seus patricios de melhores sentimentos. Dahi, o profundo pessimismo que o caracteriza e dá o tom geral da sua obra.

Os vícios sociaes, os de agora e de todos os tempos são estudados e estigmatizados com vigor e com evidente convicção. Isso dá á obra do sr. Carlos Ribeiro um tom geral de sinceridade, que a faz sympathica e attrahente. Allie-se a esses predicaos bom vernaculo e não vulgares qualidades de stylistta e está explicado o motivo pelo qual o livro agrada.

Edição elegante e de gosto apurado.

A MULHER DOS CABELLOS AZUES — Arnaldo Tabayá — *Typographia Nacional* — Rio, 1924.

Os poetas, nestes fertilissimos Brasis, não são pleiade, nem sequer phalange: — são legião. Lyras brotam a cada canto e, apenas brotadas, começam logo a desferir os seus carmes. Será um mal? Será um bem? Que outros respondam ás perguntas...

Dahi mais um livro de versos — *A mulher dos cabellos azues* — do sr. Arnaldo Tabayá, livro de estreia do vate espirito-santense.

Si é certo que o auctor, nesse poema, não attinge a perfeição extrema e desejavel, apresentando certos deslises de fórma e de fundo, em todo o caso patenteia notavel inspiração e bons predicaos de composição, que fazem com que o livro seja lido sem enfado.

O PROBLEMA DA MORTE — *Falsos conceitos rectificados pela Theosophia* — C. W. Leadheater e Annie Besant — *Companhã Graphico-Editora Monteiro Lobato* — S. Paulo — 1925.

Os mysterios da theosophia sempre exerceram uma pujante attracção, tanto sobre os leigos como sobre quantos possuem perfunctorias noções da



materia. E' a eterna suggestão do desconhecido, sinão do incognoscivel, que a humanidade quereria desvendar, ainda quando dahi apenas colhesse farta messe de desillusões.

Em verdade, tudo quanto nos vem, no assumpto, desse oriente mysterioso e tão pouco penetravel á nossa mente, moldada pela civilisação occidental, incomparavelmente mais aspera e utilitaria, é dotado de um dom de fascinação realmente singular.

Dos auctores, nada ha a se dizer. São astros de primeira grandeza no firmamento theosophico e inteiramente familiares aos iniciados. Versam o empolgante problema pela forma a mais atrahente e as 230 paginas da obra são das que se lêem com intenso interesse.

A traducção, de H. Sena, é das melhores, em linguagem correnteia e do melhor quillate e o trabalho graphico é de molde a nada deixar a desejar.

MAU OLHADO — Veiga Miranda — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo, 1925.

O operoso escriptor sr. Veiga Miranda, que, com o seu livro de estreia, *Redempção*, viera demonstrar a supervivencia do rarissimo caso da politica não matar o homem de letras ao primeiro contacto, dá-nos hoje um novo romance: — *Mau olhar*.

As qualidades reveladas no precedente volume apresentam-se por igual neste, quicá mais maturadas e aprimoradas, com um maior senso de equilibrio e proporções, trazendo maior unidade ao conjuncto.

O auctor compraz-se nas descripções de nossa vida e meio ruracs, que, evidentemente, conhece a fundo.

A acção, que se desenvolve em um crescendo de interesse, gyra em torno das paixões creadas pelo ambiente, brutal e violento, da existencia sertaneja, onde o bandoleirismo campeia ás soltas e os crimes de sangue são de todos os dias. Ahi, a faca e o bacamarte têm sempre a ultima palavra e pingam o ponto final de todas as questões a derimirem-se.

O meio é estudado com carinho e typos e caracteres, apanhados com felicidade, dão margem a que o auctor ponha, em acção os seus dotes de evocador e de analysta de sentimentos.

Em synthese, um alentado volume, de mais de 300 paginas, que se lê com prazer.

MEU — Guilherme de Almeida — Edição do auctor — São Paulo, 1925.

O sr. Guilherme de Almeida, de cuja operosidade nada ha a se dizer, cada vez mais se integra na escola modernista ou futurista, seja qual for o nome que lhe dêr. O seu presente livro, *meu*, é dísso uma prova concludente. Possui todas as originalidades e todas as excentricidades do credo novo, as graphicas inclusive, pois o livro, impresso a negro intenso em paginas largamente barradas de um verde vivo, é de molde a chamar a attenção ao primeiro golpe de vista.

Quanto ao merito dos versos, muita coisa haveria a se dizer. Os passadistas, os de outros tempos naturalmente sentirão calafrios de pavor ao lê-los; pelo contrario, os correigionarios do novo credo permanecerão em extase perante as suas bellezas ignotas e transcendentales...

Questão de gosto, em ultima analyse.



LE HEROS VOLUPTUEUX — Louis-Jean Finot — Bibliothèque Charpentier — Paris, 1925.

O sr. Louis-Jean Finot é um dos nomes de maior relevo nas letras francezas da actualidade. Romancista de talento e agudo psychologo, os productos de sua penna são festivamente acolhidos pelo publico leitor. Além disso, brilha tambem no jornalismo, como director da Revue Mondiale, uma das melhores publicações no genero.

O romance que agora temos presente e cujas scenas se desenrolam durante os ultimos momentos da conflagração, vem confirmar os seus altos creditos.

LA VILLE MERVEILLEUSE — Francisco Contreras — La Renaissance du Livre — Paris, 1925.

O auctor, neste volume, que constitue um romance excellente, propõe-se a estudar a vida da America hespanhola, principalmente a do Chile. E cumpre confessar que o faz com felicidade, pois que a um real talento de romancista junta excellentes dotes de observador e de critico atilado.

INSOMNIAS — Luiz Amaral — Edição do Centro da Boa Imprensa — Petropolis, 1924.

Sob o titulo *Insomnias*, o sr. Luiz Amaral, nome vantajosamente conhecido nas nossas letras, enfeixou em volume uma série de contos e narrativas, em que dá expansão ao seu apreciavel temperamento de cultor do genero.

Conservando um elogiavel nivel moral, que põe o seu livro ao alcance de todas as mãos, indistinctamente, o auctor explora, com felicidade identica os filões da vida urbana ou rural, sabendo, opportunamente, aligeirar a narrativa com uns grãos de humorismo de bom quilate, que vêm a ser mais um attractivo na sua obra.

Effectivamente, sem exhibir pretensões exaggeradas, *Insomnias* classifica-se como um livro de amena e variada leitura.

FRUCTAS VERDES — Roberto Lyra — Editora Brasileira Lux — Rio de Janeiro, 1925.

Sahido das officinas da Editora Brasileira Lux, da Capital Federal, recebemos *Fructas Verdes*, livro da lavra do sr. Roberto Lyra.

Como, á guisa de prologo o diz o auctor, são trabalhos de imprensa, aos quaes, carinhosamente, quiz dar menos ephemera existencia. Natural é, pois, que lhes falte tal ou qual nexo e senso de continuidade; em compensação, o estylo é vigoroso, nervoso e os assumptos são escolhidos e versados com felicidade, de modo a constituirem um bello volume.

Realmente, essas chronicas eram dignas de mais longa vida que a proporcionada pelas columnas da imprensa diaria.

ALMA — Lauro Montanari — Typographia Cupolo — São Paulo, 1925.

Mais um livro de versos e este em portuguez, de auctor italiano. A estreia, porém, é das mais auspiciosas e si alguns senões ainda transparecem, aqui e alli, não têm gravidade e são meras arestas que o tempo se incumbirá

de desgastar. Em compensação, o auctor possui inspiração e poder de transmittir a sensação provada, bem como musicalidade no verso.

Como é natural, a mulher e o amor são os themas predilectos do vate, que revela, na sua auspiciosa estreia, marcada predilecção pelo soneto, modalidade em que é frequentemente feliz.

MOVIMENTO LITTERARIO EM CAMPOS — Mucio da Paixão — Typ. do Jornal do Commercio — Rio de Janeiro — 1925.

O conhecido polygrapho sr. Mucio da Paixão, cuja bagagem litteraria não é das menores, nem menos ponderaveis, dá à estampa, em volume de 400 paginas, um minucioso e bem ponderado estudo sobre o movimento litterario em Campos, analysando, com proficiencia, a obra e personalidade de varios poetas e prosadores campistas.

O auctor inicia o seu extenso e cuidado trabalho estudando a imprensa em Campos desde os seus primordios, em 1830. O livro, de acurada factura é illustrado com exemplos numerosos de poetas e prosadores de destaque e constitue leitura muito attrahente.

CONTE FRANCESCO MATARAZZO — Vincenzo S. Blancato — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — São Paulo, 1925.

O sr. Vincenzo S. Blancato, polygrapho vantajosamente conhecido e possuidor de farta bagagem litteraria, dá-nos, em mais de 500 paginas, um minucioso e bem elaborado estudo, tomando por thema a personalidade do conde Francesco Matarazzo, o notavel industrial que São Paulo inteiro conhece.

Começa por examinar os grandes vultos da industria moderna, como sejam Carnegie, Rockefeller, Stinnes e outros, possuidores do genio dos negocios e prosegue depois no exame dos factores ethnicos determinantes da existencia de taes predicaes.

Passa a seguir ao exame do meio em que se desenvolveu a acção para depois entrar na minudente analyse da personalidade estudada, trabalho no qual se aprofunda longamente.

Embora se trate de um genero litterario pouco vulgarisado entre nós e escripto em lingua estranha, o trabalho do sr. Vincenzo S. Blancato constitue uma obra digna de acurada leitura, tanto mais que o aspecto graphico é excellent, como a generalidade dos sahidos das officinas da mesma casa editora.

SEARA MORTA — Jayme Ballão Junior — Typographia do Annuario do Brasil — Rio, 1925.

O sr. Jayme Ballão Junior, nome que tem assumido notavel relevo nas letras brasileiras, enfeixou, sob o titulo *Seara Morta*, uma serie de 10 novellas em que, como elle proprio o diz, estuda paysagens sentimentaes e almas humildes.

Os seus dotes de escriptor e poder evocativo de meios e personagens são bastante conhecidos para que nossa insistencia se faça necessaria. Ora levemente lyrico, ora dramatico e até tragico, sabe variar os seus recursos, de modo que o volume actual, de aspecto graphico agradável, apresenta variada e interessante leitura.



COISAS DO MEU SERTÃO — Francisco Lopes de Araújo —
Typographia Teixeira — Maranhão, 1923.

O nordeste que, com os seus asperrimos e característicos aspectos, já tem dado tanto nos ultimos tempos, forneceu ao auctor assumpto para mais um livro de versos.

Embora regionalista e inquinado, aqui e alli, de um ou outro deslize de fôrma, o livro fornece leitura razoavel.

CONTOS REGIONAES — José Carlos dos Santos — Typo-
graphia Minerva — S. Carlos, 1924.

O regionalismo continua a tentar os nossos homens da penna. O sr. José Carlos dos Santos, por exemplo, em quem o escriptor se dobra em aducador, dá-nos, com os seus *Contos Regionaes*, mais um especimen do genero e de leitura agradável e suggestiva pelo meio e personagens que evoca com felicidade.

RELATIVISTAS CONTEMPORANEOS — Adriano Tilgher
— Typo-Lithographia do R. Instituto dos Surdos Mudos —
Genova, 1924.

Dos maiores relativistas contemporaneos, Vahinger, Einstein, Rougier, Spengler, faz o sr. Adriano Tilgher um estudo tão profundo quão perspicuo nas cento e poucas paginas do volume que nos é presente, vertido para o hespanhol e com um appendice, pelo sr. Emilio de Matteis, da quarta edição italiana.

O CARNAVAL — A. J. Veiga dos Santos — Edição do auctor
— S. Paulo, 1925.

O Carnaval, do sr. J. Veiga dos Santos, tem, realmente, qualquer coisa de carnavalesco. O asphalto do Viaducto do Chá, poema, satyra, romance de um amor vulgar...

RECEBEMOS MAIS:

Scientia — Revista internacional de synthese scientifica — Via A. Bertani, 14, Milano.

Mercure de France — Quinzenario litterario — Rue de Condé, XXVI, Paris.

La Revue Mondiale — Revista litteraria — Rue Jacob, 45, Paris.

Revue de L'Amérique Latine — Revista Politico-Litteraria — Chez EXPRINTER, 2, Rue Scribe, Paris.

Revista de Revistas — Semanario nacional — Apartado 12° bis, Mexico.

La Reforma Social — Revista mensal de costumes sociaes — Aguiar 71, 5° piso, Havana, Cuba.

Hispania — Organ da The American Association of Teachers of Spanish — Stanford University — California.

Vozes de Petropolis — Revista Quinzenal religiosa, scientifica e litteraria — Rua Nunes Machado, 225, Petropolis, E. do Rio.

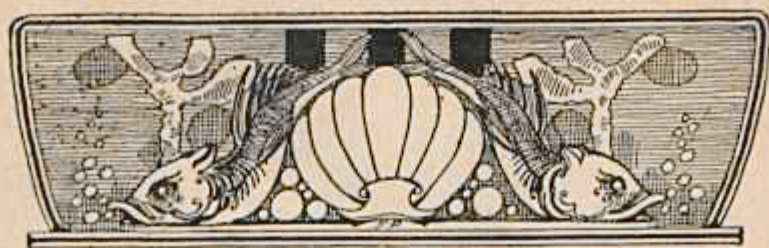
Brazilian American — Rua S. Bento, 50, 6th. — S. Paulo.

ABC — Revista Portugueza — Rua do Alecrim, 65, Lisboa.



- La Revue Hebdomadaire* — Librairie Plon — 8, rue Garancière, Paris (6-a).
- Revista do Centro Mattogrossense de Letras* — Publicação semestral.
- Revue Bleue* — Revista Política e Literária — 286, Boulevard Saint-Germain, VII — Tel. Fleurus, 02-29.
- Vida Capichaba* — Rua José Marcellino, 56, Victoria, E. Santo.
- Boas Estradas* — Publicação mensal — Rua Líbero Badaró, 90, 2º andar, S. Paulo.
- Biblios* — Boletim da Bibliotheca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.
- D. Quixote* — Caixa postal, 447, Rio de Janeiro — Semanário humorístico.
- Romance-Jornal* — Edição de A Eclectica — Rua da Boa Vista, 24, S. Paulo.
- Criador Paulista* — Revista da pecuária brasileira — Rua Direita, 8-A S. Paulo.
- Radio Educadora Paulista* — Boletim Quinzenal — Praça D. Pedro II, S. Paulo.
- O Itiberê* — Revista mensal ilustrada — Caixa, 14, Paranaguá, Paraná.
- Journal des Débats* — Hebdomadário político e literário — Rue des Pretes — Saint Germain — L'Auxerrois — Paris, 1er.
- Gazeta Clínica* — Publicação medica paulista — Rua S. Bento, 34, S. Paulo.
- Boletim de Serviços de la Asociacion del Trabajo* — Orgam de informação, estudos sociais — Florida, 254, Buenos Aires.
- Le Strade* — Revista mensal — Touring Club Italiano — Corso Italia, 10, Milano.
- A Crítica* — Revista mensal — Rua S. José, 82, Rio de Janeiro.
- Bulletin de la Maison du Livre Français* — Publicação mensal — Rue Félibien, 4, Paris (VIe).
- Revista do Imposto Único* — Rua José do Patrocínio, 29, Porto Alegre.
- Babel* — Revista Bibliographica — Iriarte, 1664, Buenos Aires.





RESENHA DO MEZ

FORD

O livro em que Henry Ford contou a sua vida e a sua obra é por tal forma interessante que o leitor, intensamente distraído chega a esquecer de observar se elle é ou não bem escripto. E conclue depois, por isso mesmo, pela affirmativa, comprehendendo retrospectivamente, que a clareza das affirmações ouvidas exigia de facto uma exposição honesta e simples. Ford não produziu evidentemente nenhuma obra litteraria. Fez, porem, mais traduzindo em linguagem escripta o seu *pensamento em acção*. Os verdadeiros homens de acção cultivam sempre a clareza, possuem, em geral, a característica commun de pensarem unicamente com suas proprias cabeças. Não citam, não invocam, não recorrem ás palavras de outros homens. No livro de Ford, por exemplo não ha referencias ou citações.

De resto, a observação é deveras interessante, visto como a reciproca não deixa tambem de ser verdadeira: os escriptores claros e limpidos indicam sempre temperamento de autores capazes de acção. E, isso fez, muitas vezes, o encanto dos livros gregos e romanos, povos ambos esses que não, cultivam por assim dizer, o *artificialismo litterario*, só mais tarde desenvolvido com carinho dentro da civilização européa. Julio Cesar, como Napoleão, foi escriptor admiravel. Tacito, tanto quanto Suetonio ou Cicero, escrevia com limpidez denunciadora flagrante de sua capacidade de acção na vida. Voltaire nos tempos presentes é uma excepção, como fôra antes d'elle Mon-

tesquieu. Faguet disse ser a obra do primeiro "um cabos de ideias claras". Do segundo poderia ter dito ser a sua "a ordem feita sobre um cabos de ideias até então confusas". E não foi por acaso que ambos foram bons administradores, um de uma fazenda real, outro de uma propriedade rural privada. Rousseau como administrador de qualquer coisa haveria de ser sempre lamentavelmente desastrado. Diderot, ao contrario, talvez pudesse ser um bom chefe de governo. O escriptor que abusa da logica, do sophisma ou do paradoxo é sempre um timorato na realidade da vida de acção. Pensar claro, nitido e incisivamente é, antes de tudo, um desejo vehemente de vontade de acção. Os verdadeiros estadistas são sempre sobrios: pensam com ideias e não com palavras.

O interesse que dá o livro de Ford é justamente o da vitalidade estampada em todas as suas paginas, sem nenhuma emphasis, é bem de ver, mas com tal vigor e tal naturalidade, que o leitor logo se apercebe do typo extraordinario do autor, seguramente uma das energias mais formidaveis que a humanidade tem produzido.

Ha mais de um seculo, desde o invento de Watt, está o homem em pleno regimen da machina, entrozadas que estão as sociedades no machinismo cada vez mais complexo das industrias modernas. Mas até agora não havia sido ainda possivel a eclosão dos verdadeiros *homens representativos* dessa phase de evolução social. A

Europa formou, em verdade, typos pequenos ou mediocres, como representantes do regimen industrial do seculo passado. Apresentou, porém, como maior vigor, o typus das grandes banqueiros; representantes fidedignos da subordinação em que tem andado o trabalho ao dinheiro, ou a industria ao banco. Os Estados Unidos reagem porém agora, e depois da formação dos millionarios fartos enriquecidos à custa dos caminhos de ferro, da industria das carnes, do aço e dos combustiveis, apresentam, neste primeiro quartel do seculo XX, a verdadeira figura nova do industrial moderno.

Ford, o maior productur de riquezas, o homem cujos capitais maiores sommas de ouro rendem annualmente, synthetiza essa reacção vehementemente notavel. Elle revolucionou a industria dos automoveis, — uma das mais serias e complexas organizações do trabalho humano — mas, não contente com a victoria parecillada alcançada como mecanico habilissimo, elle insiste em provar o erro basico sobre que assentam todas as industrias do homem no planeta, subordinada que foi a *intelligencia do trabalho à força bruta do capital*.

Ford, o homem mais rico da terra, não faz nenhum caso do dinheiro como ouro... e justifica honesta e opulentamente o seu pensamento, mostrando o interesse constante de seu espirito pela melhoria possível da humanidade, pelo beneficio immenso que as machinas trazem de facto ao homem vivendo em sociedade no planeta.

Ford vê em summa na industria o maior propulsor do progresso da collectividade humana. Dahi o seu interesse vivo pela melhoria continuada da produção, pelo augmento de novas fontes de energia, pela criação de novos órgãos propulsores de trabalho, levando ao homem melhores condições de vida e bem estar na terra.

Ford crê em Deus, mas acredita talvez ainda mais na melhoria do homem, entendendo que todos os esforços devem tender a augmentar as condições de conforto e bem estar no planeta. Pensa, em summa, ser mais facil fazer de uma creatura bem alimentada e bem nutrida um homem bom, do que inalistir apenas na melhoria espirital, sem recuar aos meios materiaes que podem modificar o nivel de conforto da collectividade.

E nisso reside, principalmente a novidade de suas *idéas socias*. Certo, pensamento analogo está em Saint-Simon, está em A. Comte, já que ambos viam na grande industria do seculo XIX elementos decisivos de exito em beneficio do proprio homem. Dahi a idéa de *syntematização subordinada*, que deveria ser toda a industria à sciencia. Alguma coisa em summa do verdadeiro pensamento de Karl Marx que queria subordinar a industria ao Estado. Ou, ainda, analogia com o pensar de Spencer, que via na industria a salvação unica dos proprios povos europeus, extenuados em pagarem impostos pesadissimos para a manutenção estúpida dos grandes exercitos e das grandes armadas.

Ford, porém, contrariamente a todos esses pensadores citados, *viveu as suas proprias idéas*. Elle venceu primeiro em toda linha os seus concorrentes. Sem nada ter herdado, sem haver recorrido aos banqueiros e realizando a victoria immensa de subir de simples operario ao maior productur do planeta, elle veio — depois das realizações opulentas de sua energia — dizer o seu pensamento honestamente, sem nenhum exaggero de optimismo hilaritante e sem nenhum amargor de pessimista desiludido.

Tudo nelle resoa bom senso do melhor quillate. Impressiona e infunde respeito.

Ford não combate o regimen capitalista actual. Julga não ser o que deveria existir, mas logo accrescenta que convem respeitá-lo, por isso que elle offerece — contra todos os seus erros e prejuizos — a *vontagem inestimavel de estar de pé*, a circumstancia notavel de existir, o facto emfim de ser uma *realidade*.

Não ha pois na idéa magna de Ford nenhuma utopia. Elle não pensa em reformar a sociedade integralmente, como o sonharam fazer Platão, Thomas Mornas, Rousseau, Fourier, St. Simon ou Auguste Comte. Elle não tem nenhuma *sympathia* pelas escolas de *resistencia patriota* que pregam a humildade de submissão dentro de seitas e igrejas. Nem, tampouco, pela violencia aggressiva dos communistas russos que em tempo diminuto desorganizaram o pouco que havia organizado na Russia immensa. Ford conhece por certo o insucesso pratico de varias experiencias communistas agricolas tentadas nos Estados Unidos, com accentuado mysticismo

religioso, durante a primeira metade do século passado. Elle sabe, de outro lado, da catástrophe integral do trabalho russo, encabeçada pelos mysticos visionarios que se disseram discipulos de Karl Marx, observando então com intelligencia sadia: "A Russia acaba de nos ensinar que é das minorias e não das maiorias que procede a força de destruição. Ella nos ensina, porém, ainda mais, que quando os homens estabelecem leis sociaes contrarias á da natureza, a propria natureza oppõe a isso o seu veto, mais inexoravelmente ainda do que todos os Czares juntos o poderiam fazer".

Num ponto concretiza Ford com espirito a imagem que o banqueiro tem em geral de um negocio industrial: um melão, de que lhe deverá tocar a maior fatia. Neutro, synthetiza a razão de ser de seu ataque ao systema monetario presente, pelo facto de tender esse systema a adquirir uma existencia propria, emperrando, dificultando e encarecendo a produção e as industrias, ao invés de incentiva-las, ampará-las e fomentá-las. Não hostiliza o emprestimo em geral, nem tampouco os banqueiros directamente, mas condemna o *regimen capitalista actual*, que faz com que o industrial procure auxilio junto ao banqueiro que o acorrenta pelo juro; em vez de procurá-lo no proprio trabalho que o libertaria pela efficiencia augmentada quando intelligentemente dirigido. "O dinheiro applicado em industria é tão sómente um instrumento; elle é apenas uma parte dos machinismos", acrescenta, refutando a idéa contumaz de que o dinheiro tomado de emprestimo deve dirigir o trabalho e a propria industria em que foi applicado.

Enveredando por esse ponto, sustentando uma luta intensa com os banqueiros de Nova York, que o julgaram perdido (se tivesse de lhes caber nas mãos) depois da guerra, quando foi da transformação de suas industrias de guerra para as industrias antigas — de paz — comprehende bem o leitor até onde teria ido o interesse de Ford sobre o assumpto. Esse antagonismo de vistas em relação ao regimen capitalista, levou-o, muy naturalmente, ao *problema judeu*, sabido como é que são os banqueiros em sua maioria de origem semitica.

A habilidade e o bom senso de Ford foram então notaveis. Basta dizer que o

seu livro escripto em 1921 não diz sobre o problema judeu uma unica palavra. Ford estudou antes de combater, e procurará *explicito*, por certo antes de tentar atacar. Tudo quanto existe no mundo possui fundadas razões de ser. E não é por nenhum acaso que 14 milhões apenas de judeus possuem no mundo a força de que dispõem em todos os grandes países de raças e religiões que não as suas. São banqueiros, dominam as industrias e o commercio, os transportes e, muitas vezes, a propria imprensa. Nos Estados Unidos, além disso, dominam o cinema, as fabricas de discos e de musica em geral, os theatros e as revistas. Em duas palavras: além de possuírem os capitães que subordinam as industrias em geral, são também accionistas poderosos das companhias (jornaes, cinemas, theatros), que possuem os meios materiais necessarios a qualquer campanha anti-semitica vigorosa. (1) Ha em toda essa organização, evidentemente, uma grande intelligencia organizadora. Penso, porém, que os judeus terão sempre uma desculpa formidavel a seu favor. O regimen capitalista actual — alimentado por excellencia pelo espirito semita — não é senão o resultado de varios seculos de perseguições dos christãos soffridas pelos judeus, quando em todos os países da Europa, depois da Renascença, foi-lhes permitida a permanencia, mas sem capacidade de aquisição de bens immoveis (terras e predios). Data dahi a origem do forte capitalismo judeu: capitães que se accumu-

(1) Leio na revista "E'tudes" (29 VII, de 1922), um artigo por J. Boubier, em que Ford é apresentado como o iniciador de uma campanha violenta contra os judeus nos Estados Unidos, exaggero com que o articulista expande, como catholico, as suas iras contra o elemento semitico. Refere-se, porém, o autor aos dados estatísticos colhidos nos inqueritos, mandados organizar por Ford e relata a influencia decisiva do capital judeu sobre as industrias norte americanas do cinema, para mostrar com um exemplo daquelle capital. Cerca de 90 % da produção dos "films" pertence a empresas de N. York e de Los Angeles, das quaes 85 % são propriedades de judeus. Paramount, Goldwyn, Fox, Famous Players são nomes que acobertam capitães e gerencias semiticas. Nos theatros a penetração do capital judeu é semelhante. Do mesmo modo nas empresas editoras de jornaes e revistas. Em summa, como symptomatico, em uma reunião de 500 proprietarios de cinemas em Nova York um unico era christão.

lam à custa de empréstimos; dinheiro que vive da especulação e não do trabalho; capitais que escravizam e não libertam.

Não sei o que pensará Ford a respeito dessa explicação histórica que aceito como honesta e verdadeira. Como disse, em seu livro, não tocou sequer no assumpto relativo ao problema judeu nos Estados Unidos (3 milhões apenas dos quais cerca de um terço habita N. York). Sei porém, que, desde 1920 faz estudar cuidadosamente a questão grave e perigosa, pois que havendo comprado o "*Dearborn Independent*", transformou esse diário num grande órgão, onde o problema judeu está sendo devidamente ventilado por escriptores especialmente contratados, a ponto de já haverem sido publicados alguns volumes compendiando os primeiros inqueritos realizados.

Ford não hostiliza, não aggride, não ataca. Inteligente bastante, quer antes de tudo conhecer os termos da questão, verificar as zonas de penetração do capital judeu, circumscriptar a sua influencia, fixar em summa os limites até onde se exercem os seus efeitos sobre a economia e produção geral do país.

* * *

A maior descoberta social feita por Ford foi a de que, se durante todos os seculos vividos pela humanidade, o animal foi beneficentemente escravizado pelo homem na era actual da machina e do combustivel relativamente facil, *o homem está sendo escravizado pelos animais...* Dahi o seu empenho maximo em fornecer cavallos dynamicos ao homem. Em 1924 as suas usinas haviam já construido 10 milhões de automoveis. Em 1921 haviam sido completados os primeiros 5 milhões. A velocidade de produção tem sido pois simplesmente phenomenica, attingindo recentemente a base de 7.000 unidades diarias, sem contar os tractores agricolas orçados em 1 milhão para o anno passado. Ford já apresentou, pois, a humanidade com mais de 200 milhões de cavallos vapor, numero nobremodo alto quando se attende a que a população actual cavallar é muar do planeta e proximoamente a metade apenas dessa cifra.

Subordinado a esse pensamento magno de que o homem carece de ser liberado do trabalho animal, as esperanças de Ford são

ilimitadas. E ali apparece, precisamente, o vigor de sua victoria. Ford, filho de modestos agricultores, era antes de tudo um homem do campo. Dahi o seu interesse inicial pelas machinas para os campos e não para as cidades, como confessa largamente no seu livro, dizendo que o seu pensamento inicial foi sempre voltado para o *tractor agricola*, machina que só agora produz em larga escala (introduzida por elle victoriosamente durante a guerra na Inglaterra, constituindo um dos grandes beneficios colhidos pela humanidade em consequencia da hecatombe europeia) por isso que a população norte-americana pediu sempre o *automovel* (solução para a cidade) não o *tractor* (solução para os agricultores).

Entende Ford que a organização industrial agricola está ainda em plena infancia. Diz isso sobre os Estados Unidos, onde a agricultura é, sem favor, a mais adiantada e melhor apparelhada do planeta. Insiste, porém, Ford no desmesurado tempo de trabalho perdido pelos agricultores norte americanos, sem possuirem ainda a noção nitida, da eficiencia do trabalho mecanico. E por não falar sem agir, montou uma fazenda modelo (5.000 acres) onde conseguiu que todos os trabalhos agricolas fossem realizados, a custa de instrumental adequada, durante menos de um mez. Reproduzo as suas proprias palavras: "O automovel realizou de facto uma revolução na vida agricola, não como vehiculo propriamente, mas como aparelho de força motriz. E' preciso que a agricultura seja de facto uma industria produtora de alimentos, e quando essa transformação for operada, o trabalho effectivo exigido por uma exploração agricola de dimensões médias será limitado a 24 dias por anno".

Desse modo, tem, pois, Ford robustas razões para acreditar em uma humanidade revigorada, graças aos recursos ineditos que lhe estão reservados quando conseguir sahir dessa phase preliminar de uma organização industrial perfeitamente infantil.

Dos Estados Unidos, a nação do planeta que com a Alemanha e a Inglaterra maiores proveitos tem tirado das machinas, elle diz displicentemente: "apenas agora começamos a tirar partido dos recursos de nosso país. Apesar do orgulho com que vemos as maravilhas do nosso progresso, não deixamos ainda de esgaratear apenas a superficie do solo. Os nossos progressos são sem duvida admiraveis. Mas comparando o que

está feito com o que resta ainda realizar, os resultados apparecem aos nossos olhos simplesmente minúsculos."

Contrariamente aos poetas (exceptuado Victor Hugo), escriptores (inclusive Carlyle) e philosophos (exceptuados Diderot, Spencer e Comte) que durante todo o século passado escreveram com vehemencia contra a "machina" e contra os perigos da "era mecanizante" ingenuidades medrosas e acanhadas, Ford affirma com muita propriedade: "Eu creio inteiramente possivel supprimir ao mesmo tempo a miseria e os privilegios, e nenhuma duvida existe sobre a vantagem dessas duas suppressões. O privilegio e a miseria são igualmente contrarios á natureza, mas é ao "trabalho" e não á "lei" que convem pedir uma acção efficaç". E noutro trecho completa o seu pensamento: "Os socialistas extremados enganaram-se affirmando que a industria esmagaria inevitavelmente o trabalhador. A industria moderna traz ao contrario ao trabalhador e á sociedade um allivio cada vez mais efficiente. Faltam-nos apenas ainda um conhecimento sufficiente da verdadeira organização methodica".

E, convencido da verdade do seu proprio pensamento, montou Ford, ao lado de suas maiores usinas, uma escola onde são admitidos rapazes de 12 e 18 annos, para que aprendam com professores e operarios os ensinamentos relativos ás organizações industriais modernas.

Em resumo, pensa Ford — sem detalhar o seu pensamento, talvez por considerar inoportuno — que a "salvação da humanidade" não está nem na "palavra", nem no "livro", nem na "lei": o segredo do progresso do homem constituindo collectividades sociaes está antes de tudo na "machina", numa efficiencia indefinidamente accrescida de producção, e nos recursos infundáveis de fontes novas e ineditas de energia por utilizar que nos offerece a terra.

Ford não é de nenhum modo um espirito romantico, sentimental ou visionario. Elle sabe das misérias sem fim em que se debate estrebuchando uma grande parte da humanidade, apesar de habitar elle proprio o paiz do mundo onde mais alto foi tornado o indice da vida, aferido pela moeda ouro de circulação universal. Acredita pouco no exito das associações de beneficencia publica ou privada como solução definitiva do problema do pauperismo, applaudindo sem nenhuma emphase os movimentos collectivos

de protecção aos desvalidos e enfermos. Para Ford a solução unica e verdadeira do problema reside integralmente no "trabalho". E como só comprehende trabalho como cousa intelligente e efficientemente organizada, subordina a essa propria idéa a noção de "justiça" que lhe apparece sempre como a unica moeda verdadeira na troca de relações entre individuos vivendo em sociedade.

Em suas usinas não ha propriamente patrões, directores, chefes ou quaesquer cargos pomposos. "A maioria dos homens desempenha bem as suas funções, mas um "titulo" é geralmente pesado demais para os seus hombros". Ha "operarios maiores" e "menores", todos relacionados pela noção fundamental de justiça. "O chefe de industria não deve ser julgado senão por sua propria capacidade". Não ha heranças de titulos nem de cargos. Manda quem pôde, quem subiu conquistando postos e serviços. Ford começou como mecanico b'conho. Todos os chefes actuaes das suas grandes usinas "vieram da rua": um começou como modelador, um outro como ajustador e um outro ainda como varredor. Não ha tuteia, nem protecção. As portas estão abertas para a entrada e para a sahida. Entre patrões e operarios ha apenas ligação do trabalho e, dentro della, como alma, a noção de justiça. As usinas Ford constituem em summa o laboratorio formidavel em que 80.000 homens "vindos da rua" — da prisão de Sing-Sing ou de qualquer Universidade — demonstram as suas capacidades de trabalho, animados pela compensação garantida dos melhores ordenados possiveis em retribuição aos seus esforços prestados.

* * *

Expostas assim, summariamente, as idéas de Ford, parecerá talvez ao leitor que seja elle um entusiasta dos escriptos de Nietzsche, o homem que com maior cynismo falou dos direitos de victoria dos homens fortes esmagando os humens fracos na luta pela vida. Ford não disse o seu julgamento sobre o pensador allemão. De resto o seu livro, como assignalei, não contém apreciações nem de homens nem de obras. Não contém nem mesmo referencias. As excepções são escasas. Ou melhor, a unica é sobre Edison, a quem Ford chama maior sabio actual do mundo, pensando nmi naturalmente na efficiencia maravilhosa com que



a seu cederão trabalhou criando invenções utilíssimas em benefício da humanidade. Aliás Ford — sem nenhuma insistência em seu livro — não poderia deixar de ser senão um reacemário contra a "educação livresca" moderna (o grande imposto pago pela humanidade em consequência da descoberta da imprensa). tão grandes são os inconvenientes trazidos pelos livros que dizem como são feitas as coisas em vez de officinas e de escolas que devem ensinar como de facto são ellas executadas. "O objecto da instrução não deve ser o de encher os cerebros de factos, mas sim o de ensinar ao homem a melhor maneira de se servir do seu cerebro."

Ford não é um nietzscheano e por isso erra incapaz de pensar nos meios de alliviar a sociedade dos invalidos, dos fracos, ou dos desherdados de saúde. Tampouco, por não ser o seu humanismo religioso, seria capaz de aconselhar aos ricos que despendessem uma parcella de suas fortunas para construção de aylos e casas de beneficencia (1). Ford descobriu processo novo — melhor, mais sadio e mais honesto: descobriu com bom senso louvavel que todas as cousas da natureza são "uteis", e que desse modo os invalidos e os estropiados também podem ter a sua utilidade: elles carecem não de "desprezo" ou de "tutela", mas simplesmente, como todos os homens sãos, de "trabalho". O trabalho é a alegria da vida, a unica das alegrias nunca desalheada no espirito do homem. "No trabalho está a salvação de todos os homens", acrescentou.

Ford não exprimiu por escripto as suas idéas. Então teria composto um "evangelho do trabalho". Fez, porém, mais. Mostrou

largamente que quanto mais organizada é uma industria, maior a somma de officios que podem ser realizados por individuos debéis, doentes, invalidos ou mesmo estropiados. E o que obtive nesse sentido é de veras interessante.

Desde 1914 foram de facto admitidos nas officinas Ford homens invalidos e estropiados sem que com isso tivessem havido qualquer prejuizo no trabalho ou qualquer diminuição de salario. Trabalham efficientemente como homens sãos e robustos, desde que sejam as suas capacidades applicadas onde convém que o sejam. A excepção foi feita apenas para operarios victimas de moléstias contagiosas. Todavia, mesmo os tuberculosos trabalhavam reunidos em officinas especiaes. Homens deleis, manetas e pernetas ganham honradamente o lucro do seu trabalho efficienter. Ford cita ate mesmo o trabalho de um cego que na sua especialidade era mais proficiente que um homem sãõ que o precedera na mesma occupação por largo tempo. (2)

O segredo da melhor produção do operario reside na evitar que elle pense em alguma coisa durante a sua occupação, ou melhor, especificadamente, que pense nas difficuldades de sua propria vida ou dos seus. Dahi a razão de ser do salario alto (em substituição ás gratificações annuaes e instituido por Ford em 1914 com lucro duplo para o operario e a officina).

(2) Divulguemos os detalhes interessantes do caso.

Em 1914, as 5000 peças de que se compõe um automovel "Ford" eram obtidas por meio de operarios dirigindo machinas, umas por tal forma distribuidas nas officinas, que representavam 7.882 occupações diversas.

Observou Ford, então, que destes operarios 949 apenas exigiam homens robustos; 3.336 outros podiam ser occupados por homens de força média; e os 3.595 restantes por homens de todo debéis e ate mesmo por mulheres e crianças. E mais ainda. Havia 670 officios que podiam ser executados por homens sem as duas pernas, 2.637 por pernetas, 715 por manetas, 10 por cegos e 2 por homens privados dos dois braços. Por aquella época, aliás, a propria estatística do pessoal das grandes officinas de Detroit registrava nada menos de 9.563 homens abaixo da valider média.

Além disso, a divisão extrema do trabalho nas officinas facilitava o engrajamento de operarios, por isso que 43 % dos officios podiam ser aprendidos num só dia, 36 % entre um dia e uma semana; 14 % apenas de um mez a um anno e 1 %, tão admente, exigindo aprendizagem entre um e seis annos.

Ford confessa, aliás, a asserção de que a monotonia do trabalho embrotece e anima.

(1) Todavia Ford montou em Detroit um serviço hospitalar modelo, cabendo-lhe todos os encargos e despesas da construção, depois de haver restituído o capital de varios subscriptores que haviam em 1914 tentado realizar em conjunto o grande emprehendimento.

Partindo do ponto de vista de que os hospitais são geralmente "mais confortaveis para os medicos do que para os doentes", melhorou o tipo de installações hospitalares, empregando ao todo a bella somma de 9 milhões de dollares, que não vence juros, sendo toda a despesa de manutenção custeada pelos proprios doentes. Já que lhe é sempre antipathica a idéa de beneficio gratuito. O operario doente paga para poder exigir, e recebe em troca o melhor conforto possivel alliado ao minimo de custo.

Em 1921 o salário mínimo era de 6 dólares por dia de trabalho de 8 horas, sendo que 60 % dos operários ganhavam acima desse mínimo. (3)

O patrão deve ver no operário um mero associado. A sua vitória depende das victórias individuais de todos os seus socios. Dahi o cuidado para que possam viver folgadoamente à custa de bons salarios, e o zelo para que possam trabalhar nas melhores condições possíveis de rendimento.

Ford orgulha-se em poder dizer que as suas officinas são as melhores não só em organização como em hygiene, limpeza e condições de salubridade. Pensa aliás que a "produção industrial é a melhor mina que tem sido posta até hoje em exploração no mundo", julgando, porém, que para isso é mister ter em cada operário um associado devotado. O patrão não é independente, por isso mesma que elle carece do auxilio dos operarios. São socios indispensaveis ambos e sem esse espirito de associação não podem vencer e dominar o capital de especulação que os procura esmagar e subjugar por toda parte. Grandes capitais sem organização tecnica de nada valem. Boas machinas sem operarios habéis pouco podem valer; machinas más tornam, porém, más quaisquer operarios.

Até ha pouco havia a noção de que o operário dirige a machina. E assim é, de facto, porque é elle quem a põe em movimento ou em repouso. A organização moderna exige, porém, que o operario seja dirigido pela machina, enquanto ella estiver em movimento sem que, todavia possa elle

liza o homem. Diz que o operario evita em regra geral a fadiga do pensar quando em trabalho manual, razão pela qual procura as operações simples sem se preocupar com os esforços musculares seguidos que lhes são menas exaustivos do que os que exigem acção conjunta de musculo e pensamento. Os operarios podem sempre mudar de officio; é só pedirem. Em geral não podem, e aborrecem-se quando são mudados sem pedido previo. Isso fez com que Ford observasse que os autores fazem communmente "supposições falsas sobre a natureza humana e o que deveria ella ser, sem se preocuparem sufficientemente em procurar saber o que ella é realmente".

(3) Textualmente: "A fixação do salario por dia de trabalho de 8 horas a 5 dollars foi uma das melhores economias que tenho feito, mas elevando depois esse minimo a 6 dollars eu ainda fiz uma outra maior. E não sei até onde irei seguindo essa mesma norma tão grandes têm sido os beneficios alcançados".

mesmo comprehender a inversão dos papeis. E' o que Ford chama "andarem as peças adiante do operario", como processo de evitar que o homem faça outra coisa senão completar o serviço realizado pela machina que lhe é solidariamente conjugada.

* * *

O segredo da victoria estrondosa alcançada por Ford decorre insophismavelmente em grande parte, do respeito com que elle encarou sempre o trabalho alheio fazendo mesmo da profissão industrial, convém acrescentar, um verdadeiro sacerdocio. "O verdadeiro fim da industria não é fazer ganhar dinheiro: o industrial deve se preocupar antes de tudo em fabricar objectos uteis". Noutro trecho especificou o seu proprio caso: "Eu não considero as machinas que têm o meu nome, simplesmente como machinas; se ellas fossem só isso, eu me iria occupar de outra coisa; mas eu vejo ao contrario nelas a realização concreta de uma theoria que tende a fazer deste mundo um lugar de habitação melhor para o homem".

Aliás, não ha nenhuma confusão em suas idéas mestras: são claras e precisas e, por isso mesmo, podem ser enunciadas e resumidas em poucas palavras. Ouçamos. "As funções primordiales da vida são a agricultura, a industria e os transportes, constituindo a verdadeira armadura do proprio mundo social". "A ordem das coisas actual, confusa, muitas vezes estúpida e cheia de imperfeições tem, porém, uma vantagem segura sobre qualquer outra ordem que viessemos a imaginar: é que ella funciona". "O systema social actual, continúa, possui de facto mil defeitos, mas todavia está de pé, graças, porém, ao facto de estar apoiado em dois principios fundamentais: um economico (o trabalho), outro moral (o direito de cada um ao seu proprio trabalho)".

A salvação do homem, individualmente considerado, está no trabalho. Sobre elle tambem, assenta a salvação da familia como cellula da sociedade, e, ainda, a da propria collectividade encárrada como susceptivel de melhoria evolucionista.

O trabalho é em summa a fonte maxima, maravilhosa e perenne, unica e segura, a que deve o homem buscar recurso. E confiante, observa com bonhomia discreta, censurando todavia o povo que tem talvez menos abusado da palavra es-

cripta, tornada lei: "Enquanto ficarmos à espera da legislação para fazer desaparecer a miséria ou para abolir os privilégios haveremos de ver a miséria alargar-se e os privilégios se fortificarem. Temos esperado demais nos recursos do Governo; temos legisladores demais (mesmos todavia que outros países) que nos têm prometido realizar pelas leis aquilo que as leis não poderão nunca realizar".

Lutando contra o *capital*, Ford procurou sempre apoio exclusivo no *trabalho*. Dahi a evolução ascendente de toda a sua organização industrial. O unico capital que lhe merece respeito é o do comprador, visto como é a somma desses pequenos capitais de aquisição que mantém de pé toda a engrenagem industrial. O grande erro da industria actual, acrescenta, decorre do facto da interesse dos productores ser maior do que o interesse pela produção. Ford chama até mesmo de *immoral* e *estúpido* o regimen industrial hodierno. *Immoral*, porque o industrial enriquece à custa dos compradores para os quaes não tem a attenção e o respeito que seriam de desejar. *Estúpido*, por não ser o mais lucrativo. O interesse das industrias é geralmente o dinheiro e não o producto. Ora, documenta Ford, o caminho mais curto para alcançar maiores resultados é o do trabalho intelligente, aquelle que exige a melhor organização technica e, consequentemente, que permite auferir os melhores rendimentos.

"Tras proveito dos operarios pagando-ma mal, ou dos compradores vendendo-lhes caro, é a peor fórmula de dirigir negocios industrias". "Não difficulteis o vosso producto, não avilteis o salario, não sobre-cargueis o vosso cliente! Mas empregai intelligencias, em vossos methodos de trabalho, intelligencia, sempre intelligencia, procurando produzir em cada dia melhor do que o obtido na vespera."

Ford evitou as *tristezas*, os *conchavos* com os concorrentes nesses processos torpes e debonestes em que os productores roham ao mesmo tempo, aos operarios e aos compradores. Nunca os temeu por não ver nelles organização industrial que pudesse competir com a sua.

Tão pouco soffreu represalias de operarios. Em suas officinas nunca houve *parada*, *convém* acrescentar. Nem teve jamais embaraços de qualquer sorte com os *syndicatos*, visto como geralmente os

seus operarios nem mesmo pertencem às associações obreiras, já que as vantagens obtidas nas officinas Ford são superiores às aspirações pugnadas em conjunto por taes associações de operarios.

* * *

Evidentemente o meu interesse pela obra de Henry Ford não surgiu por mero acaso. Encontrei o seu livro desejoso que estava de expandir toda a minha admiração por algum homem que representasse de verdade a victoria da *intelligencia* tentando revolucionar a *humanidade pela industria*. Desde 1916, quando vieste os Estados Unidos, esperava que esse homem surgisse de facto naquella grande democracia onde o trabalho é — mais do que em qualquer outra nação — o elemento primordial na victoria e no exito dos mais capazes, o seleccionador em summa de individualidades, o arremetedor victorioso das energias mais bem dotadas.

Ford, congregando 80.000 operarios em suas industrias providas das machinas as mais intelligentes que têm sido erradas pelo homem, em mantendo uns e outros em *efficiencia maxima*, dado o grau de organização em suas officinas magnificas e formidaveis, Ford realiza nada menos do que uma miniatura apreciavel, daquillo que deverá ser um dia a verdadeira organização social democratica no planeta: uma *organização social politica em que seja feita a selecção dos capazes dentro de um regimen de ordem, esterilizado, pela lei, de quaisquer preconceitos sociais; uma retora social, por assim dizer, em que se individualizem, por crystallização livre e espontanea, as capacidades de acção, as guias de commando e os expoentes mentaes de um povo*.

Tudo inditava pois que o representante do inicio dessa nova phase industrial tentada pela humanidade haveria de surgir nos Estados Unidos. Lá já não era raridade que os altos cargos de directores de industrias fossem exercidos por homens de descendencia humilde, e cujas profissões inicias houvessem sido as mais modestas e menos cubigadas. Directores de empresas ferro-viarias iniciaram alguns a vida como graxeiros, e directores de altos parques industrias penetraram, outras vezes, na officina com o officio in-

grato de simples varredores. Foi aliás esse combale arduo na luta pela vida, exigindo a vitória dos mais capazes e dos mais energicos, um dos factores que mais impressionaram o espirito sadio de Fraser, aquelle honesto industrial inglez que no começo do seculo visitou os Estados Unidos com o intuito de descobrir e explicar qual a razão de ser da victoria da machina norte-americana sobre a ingleza na luta desenfreada das indústrias em conquistar mercados mundiaes.

Ford, mais ainda do que Taylor, é em verdade o representante genuino desse novo estado de cousas. Elle levou, melhor do que qualquer outro homem, o espirito scientifico a cada um dos cantos de suas usinas e officinas. Elle alargou o campo da sciencia como observou, com propriedade justa, Victor Cambon, o traductor da edição franceza. Systematizou o trabalho do homem e mostrou ser uma usina intelligentemente dirigida a mina mais rentosa da superficie do planeta. Elle venceu enfim, o capital, por isso que construiu todos os seus parques industriais imponentissimos com o lucro apenas dos productos anteriormente manufacturados. Elle serviu com honestidade os consumidores, respeitou com dignidade o trabalho do operario. Educou-o, instruiu-o, e fez com que elle proprio acreditasse no valor da industria, vende no patrão o seu alliado natural na luta perigosa contra o capital entesourado nas mãos dos argentarios que geralmente monopolizam o ouro sem movimentá-lo em obras dignificadoras da especie humana.

Ford, sem nenhuma humilhação para os homens debéis e estropiados, pediu o seu auxilio, a sua cooperação efficiente em troca do trabalho honesto que lhes offerecia. Elle abriu perspectivas e horizontes novos vislumbrando uma humanidade revigorada, opulentamente servida pela industria, magnificamente sustentada por trabalho humano melhormente organizado.

Ford acredita em Deus, como lembrei, mas acredita admiravelmente no homem e acredita, mais ainda, que a salvação da humanidade reside apenas no trabalho. Cabe, pois, ao homem resolver os seus proprios problemas, as suas grandes difficuldades, até então inabordadas, exigindo soluções cada vez mais complexas, laboriosas e efficientes.

A parcella mais adiantada da humanidade engatinha apenas sobre a superficie da terra, esgravatando-a medrosa e incontinentemente.

Essa é a mais ousada das affirmações humanas. E, por isso mesmo é talvez a mais intelligente de todas.

As religiões cultuadas no planeta ensinaram sempre o contrario, partindo geralmente de um homem inicialmente puro e bom, ceilo transviado e castigado pelo proprio Deus. A Edade Média inteira viveu apenas para alcançar depois da morte um mundo superior melhor. E assim ainda hoje os milhões innumeraveis de seres espiritualmente alimentados pelas religiões orientaes, Grecia e Roma haviam vivido um momento historico fugaz, brilhante e sumptuoso, em que a saúde do corpo tornara o espirito humano leve e engenhosamente arguto. Quando Roma decahiu extenuada da obra impossivel de civilizar todos os barbaros que delimitavam a gloria dos cidadãos do imperio imponente, Paulo trouxe, então, com o rigor de uma fé nova, o lenitivo espiritual immenso do sacrificio magnifico de Jesus, que tem servido até hoje de conforto e de consolo a parcella mais adiantada da humanidade.

O Renascimento fez depois o homem artista, navegador e colonizador. A revolução franceza ensinou mais tarde a humanidade que os povos possuem os governos que bem desejam. O seculo passado na Europa trouxe ao homem a ideia da relatividade das cousas. A sciencia, sob varias formas balbuciou os ensinamentos sobre a formação dos mundos, das especies e do proprio homem. Fixou em summa o dogma evolucionista e, posta em duvida a ideia antiga do homem primitivo melhor, começaram alguns philosophos a acreditar num futuro de glorias excelsas reservadas a propria humanidade. Come a affirmou, repetindo e ampliando, o pensamento de St. Simon, Spencer teve duvidas, Schopenhauer negou. Goethe vivera anteriormente um momento esplendido e fugaz, como ainda antes d'elle haviam feito Shakespeare, Cervantes e Camões.

E, desse modo, no balanço do fim do seculo passado que contém o proprio balanço de toda a civilização europeia, a America não recebeu nenhuma palavra clara e persuasiva de verdadeiro conforto espiritual dos descendentes daquelles ho-

mens que haviam descoberto, fecundada e colonizada as novas terras americanas.

Bem pensando, a guerra europeia apparece como resultado do cabos que continúa a ser o calos apenas. E, dess'arte, o mundo continúa a esperar a palavra nova e salvadora que não chegou ainda a ser proferida.

As intelligencias europeas estão em verdade acorbardadas. Muitas dellas evitam falar aos homens vivos, interessadas nas confabulações soturnas com o além mysteriosamente inabundável. Não ha directores espirituais. Nenhuma palavra de creença, nenhuma attitud de verdadeiro respeito pela humanidade, nenhuma affirmacão de esperança de coisas novas que hão de vir. Spengler insinua a decadencia da civilização europeia depois de attingido um *ponto máximo*. Mussolini e Primo da Rivera tomam phantasias de Napoleão fora de época. Anatole France, já decadente, applaude o communismo russo. Os generaes vencedores sonham com guerras novas na perspectiva de novos louros por conquistar. A Inglaterra insulta diariamente a humanidade pelo telegrapho com as represalias violentissimas na India e a crise da fome da Irlanda. Ghanai e Tagore são traduzidos e importados na Europa christã inteira, como refugio espiritual exdruxulo de um mundo incendiado. Os revolucionarios russos continuam a enpestear a atmosphaera socialplanetaria, e abafam a chama tremejante da luz mortifica deixada por Tolstoi.

D'Annunzio conta as victorias guerreiras impado de orgulho esteril, antes de adormecer num arrependimento conventual. Ilanetz desafia Afonso XIII para um duello. Bernard Shaw mergulha o seu espirito no passado e remove no theatro com successo inopinado a tragedia do sacrificio de Jeanne d'Arc.

Nenhuma creença robusta nos destinos da humanidade, nenhuma palavra nova de esperanças e de conforto. Nenhum echo. Nenhuma luz. Nenhuma energia nova que procure agitar com o sopro maravilhoso das creenças humanas as cinzas quentes que revestem ainda o solo requemado pela metralha destruidora.

Nessa atmosphaera espiritual, unificada pelo telegrapho que universaliza diariamente todas as ideias entre todos os povos a palavra de Ford é admiravelmente confortadora. Eminentemente confortadora, antes

de tudo, por não haver sido nem mesmo proferida.

Em verdade, Ford não falou. Prevendo o descredito em que cahiria o seu optimismo sadio de homem victorioso, elle exortou violentamente, audaciosamente, a sua propria obra. O homem começa apenas a engatinhar, pensou como mesmo. E então, crendo em a sua intelligencia as officinas mais formidaveis da terra, presenteou a humanidade com discentes milhares de cavallos mechicanos para que melhor pudesse o homem comprehender a sua situação lastimavel de escravo ainda dos proprios animaes do planeta.

O idealismo dos versos espolentos de Whitman e da prova harmoniosa de Emerson surge transfigurado de chefe. Inopinadamente, nas officinas de Ford, *o era mecânico* que tanto amedrontara o espirito de Carlyle começa a offerecer perspectivas luminosamente esperanças, e, mais ainda do que aquellas palavras propheticas e pragmaticas, a *machina americana* afirma de facto que a humanidade está dividida por dois ideis extremamente diversos. A Europa vive e renova as glorias de seu passado heroico, enquanto a America vislumbra um futuro inedito de glorias esplendidas.

Ha um contraste vultoso. Dentro de um só mundo, unificado pelas communicacões radiographicas, o Oceano Atlantico separa de facto dois mundos que se differenciaram por evoluções organicas diversas: um dellas formou da humanidade uma imagem de ancianidade, compativel com o numero grande de seculos de sua evoluçao social historica; o outro procura formar della uma imagem bem diversa, em que se reflecte a mocidade de sua propria vida de quatro seculos apenas de existencia.

A palavra maravilhosa de Goethe, lastimando o *peso morto* das heranças da civilização europeia, resurge agora como uma prophesia esplendente de realidade. O verbo austero de Spencer na prophesia audaciosa de que os americanos forjarão no futuro uma civilização superior a tudo quanto o mundo conhecera até então, começa talvez a ser acreditada por aquelles que comprehenderam, através da palavra de Ferrero, que ha de facto um mundo em face de um mundo europeu envelhecido.

A *Atlântida* surgirá provavelmente banhada pelas próprias águas do Atlântico. Não como um sonho como pensaram os gregos artistas reverenciando no symbolo admirável um passado melhor da humanidade, não como uma illusão enganadora como aprenderam os nautas ousados que a procuraram em vão quando desvendaram as terras todas do planeta. A *Atlântida*

será talvez um dia a própria America. Bacon tinha por certo razão: A verdadeira *Atlântida* não é o que foi, de duvidosa existencia, mas sim, o que está ainda por vir a ser na propria face da terra.

Vicente Licínio Cardoso

Rio, Fevereiro de 1925.

("O Paiz", Rio)

FRANCISCO ESCOBAR

Realisou-se no dia 4 proximo passado, no salão do Jardim da Infancia a homenagem prestada pelo Gremio Euclides da Cunha à memoria de Francisco Escobar.

A's 8 e meia, o dr. Eliseu Guilherme, do Tribunal de Justiça, a convite do Gremio, abriu a sessão, a que compareceram amigos e admiradores de grande amigo de Euclides, dando em seguida a palavra ao sr. Francisco Venancio Filho, que pronunciou o seguinte discurso:

"Minhas senhoras e meus senhores,

Lembra-me sempre a impressão causada ao meu espirito de menino, que aprendera a historia de reis e de guerreiros, guerras e batalhas, a primeira vez que li aquella lyra de Gonzaga, conhecida de todos nós, que termina assim:

E tanto pôde ser heróe o pobre,

Como o maior Augusto.

Mais tarde o perfil de Tautphoeus, esculpido pela penna scintillante de Joaquim Nabuco, fez-me ver que existe além daquelles que surgem ao sol da praça, algumas ignaes, ás vezes maiores que se encontram na obscuridade consciente e desdenham a gloria e a publicidade.

Foram, entretanto, uma e outra, impressões literarias. Parecia-me que ao instincto de immortalidade, ao prazer do applauso poucos resistiriam e esperava sempre encontrar quem as confirmasse.

Diante da personalidade de Francisco Escobar, a quem o Gremio Euclides da Cunha presta, nesta hora de saude, sua homenagem de admiração e gratidão, aquéllas impressões se firmaram e talvez excederam. As figuras como a delle que desaparecem sem um traço visivel apparente, deixam contudo reveladas, quando as oportunidades exigiram ou permitiram, as marcas precisas do seu valimento,

fortes para se interpollar toda a curva continua deste valcr.

Porque ha, entre nós, tanta gente perpetuamente inedita, de grande merecimento occulto, de quem se espera a ultima, que é muitas vezes a primeira palavra, e quando esta vem ha tanta desculpa que se fica a esperar para sempre. Esta especie Eça de Queiroz fixou em um modelo inesquecivel.

Por toda a parte em que Francisco Escobar passou lá está o signal de sua acção bem feita.

Administrador em S. José do Rio Pardo, fez melhoramentos para a linda cidade euclydiana, como mais tarde prefeito em Poços de Caldas.

Em todos os ramos do Direito, no exercicio da profissão, que exerceu com notabilidade, sua palavra era de mestre. E ali nem sempre deixou de encontrar obli-cz. Disse, a proposito, certa vez, com melancolia que se esquecera da formalidade de um diploma... Mas, o traço que lhe domina toda a personalidade, tornando-a depositaria da admiração vultuosa dos que o trataram e conheceram de perto é sua excepcional cultura. Quando alguém assim affirmava, como a mim Basilio de Magalhães, e depois se o encontrava de estatura mediana, magro, esquivo e despreendido, não se tinha para logo a revelação. Desde porém que o tempo e a intimidade dessem margem a uma palestra mais longa, era um deslumbramento e a pouco e pouco a sua palavra simples, sem reboços nem atavios, prendia e dominava, a cada momento timida como a pedir desculpa de tanta erudição.

Cabe-lhe com um molde aquelle perfil do barão de Tautphoeus, feito por Nabuco:



"Era um homem que sabia tudo. Sua conversação era inesgotável, e raro elle mesmo a dirigia. O assumpto lhe era indifferente, e até o fim, annos seguidos, dia após dia, nunca elle se encontrou senão com interlocutores curiosos de ouvir-o sobre os pontos que mais lhes interessavam. Era literariamente como um dicionario que a cada instante alguém manuseasse, ou uma encyclopedia que se abrisse no artigo *Babylonia*, logo outros nos artigos *Invasão dos Barbaros*, *Adam Smith*, *Luthero*, *Hieroglyphos*, *Logarithmos*, *Amazonas*, *Architectura Gothica*, *Liberdade de Testar*, *Raizes Gregas*, *Papel-moeda*, *Culturas tropicaes*, *Alberto Durer*, *Divina Comedia*, ao acaso. Era somente ferir a tecla, pôr a pergunta no apparelho e esperar o desenrolar da resposta, como a que daria o *Lexicon de Mayer* ou a *Historia Universal de Cesar Cantu*."

De facto, occorre-se uma vez, em roda de amigos meus que o admiravam por minha referencia, uma destas palestras. De tudo elle falou, com profundidade, com personalidade, com uma leitura extraordinaria. De questões do dia tudo lhe era familiar: — *Einstein*, no seu aspecto philosophico geral, as doutrinas de *Freud*, a nova esthetica de *Croce*, o neo-positivismo de *Ostwald* e *Mach*, como a philosophia de *Bergson* ou *William James*, os movimentos sociais da *Russia*, como o *feminismo* ou a *libertação da India*, tudo lhe era conhecimento assimilado. Em um dos seus livros de resurreição de São Paulo, *Afonso Taunay* cita um trabalho seu de decifração paleographica de documentos dos primeiros tempos paulistas. Tinha-se, diante d'elle, a impressão de um destes humanistas da *Renascença*, de que *Leonardo da Vinci* é o modelo mais perfeito. E tanto mais exata é a impressão quanto accrescia ainda rara sensibilidade artistica, tendo sido um dos primeiros criticos musicaes de São Paulo, pois era, como se sabe, exímio pianista. Retenho ainda em meus ouvidos disphonicos uma composição de *Rachmaninoff* que lhe ouvi ha annos. Foi uma curiosidade inextinguível, desperta a todas as manifestações do espirito humano. E isto sem o proposito expresso ou occulto de revelar toda essa cultura. Referiu-me ha pouco *Vicente Licínio Cardoso* que indo procurar-o em *Caldas* assombrou-se da *Bibliotheca* que encontrou e ainda mais da sua erudição a

proposito de historia da arte, falando-lhe até de livros que elle, que estudara o assumpto, desconhecia.

Tal foi á sua surpresa que o interpellou por que não escrevia, por que não aproveitava toda esta massa de conhecimentos profundos e variados. Sorriu, com aquelle sorriso em que havia tanto de *melancolia* e de *bondade*...

E foi esta bondade, não na banalidade com que se barateia esse sentimento, mas bondade que se desvela e se não cansa de agir pelos outros, que o prendeu a tantas amizades boas, que por gratidão e justiça têm a obrigação de não deixar que se apague a sua memoria.

Da divida contrahida pela de *Euclydes*, vamos humildemente, aqui na terra de S. Paulo, onde elle, como *Euclydes*, viveu pelo espirito, procurar iniciar o resgate, com esta pequena sessão de saudade, por isso que apenas inicio, realisada desvaliosamente por nós.

• • •

As relações de *Euclydes* e *Escobar* nasceram em São José do Rio Pardo quando elle foi aquella cidade para reconstruir a ponte que ruira com estrondo e cuja obra lhe fôra confiada. *Escobar*, presidente então da *Camara Municipal*, procurou-o logo, e em pouco affinidades mentaes e moraes tornaram-nos amigos, que o tempo em pôs faria intimos.

Póde-se affirmar, sem receio de exaggero, que não fôra a acção d'elle e não teriamos talvez *Os Setteões*, ao menos por aquella epoca.

Se, de facto, foi a *Julio Mesquita* que coube perceber no joven revolucionario republicano o genio capaz de ser o symbolo grandioso dessa terra e retratá-la com exactidão, a ponto de envia-lo ao scenario da guerra de *Canudos* para descrevel-o, antes que a propria guerra, pois, conforme dois artigos seus no "*Estado*", sob o titulo a "*Noaa Venda*", e mais tarde summario completo publicado no "*Jornal do Commercio*", para lá partira com a idéa toda do livro vingador, não o é menos que o foi adiante successivamente, nos entrechoques de sua vida agitada e sustavel. A pausa de relativo repouso nas responsabilidades technicas de sua missão, não teria bastado para que compuzesse a sua obra não fosse o ambiente de carinho,



de admiração criado por Escobar. Em uma de suas cartas há esta referência expressiva:

"Apresso-me em dar-te a notícia, porque foste o meu melhor collaborador neste erro de S. José do Rio Pardo..."

Reunia Escobar ali, em geral aos domingos, vários dos seus amigos para ouvir a leitura dos capítulos que se iam escrevendo. Vinham Waldomiro Silveira, Laffayette de Toledo, de Casa Branca, Adalberto Pereira, José Honório e Jovino de Syllos, Humberto de Queiroz, e com a sua grande e sincera modestia, procurando apagar-se dentre todos, mas expondo-se mais que todos, Francisco Escobar, dando sempre a última palavra, a definitiva, a que Euclides acatava, sempre que alguma dúvida surgia, alguma elucidação se fazia necessária.

A Casa Branca foi para buscar com Laffayette de Toledo a collecção dos artigos do "O Estado", enviados por Euclides, de Canudos, e que este não possuía; trouxe de lá a Flor de Martius, e traduziu-lhe o latim, que lhe era estranho; emprestara-lhe varios livros, suggeriu-lhe idéas, animando-o sempre.

Por fim, concluídas as duas obras, uma a ponte reconstruída toda, num trabalho titanico realizado com uma energia indomável, só esta capaz de levar a termo sem recursos technicos facéis, outra um livro do porte dos Serões, Escobar procurou ter a lembrança daquelle periodo de trabalho heroico conservando carinhosamente, como até hoje, a barraquinha construída sob linda palmeira, de onde Euclides dirigia a reconstrucção da ponte e offercendo-lhe, em nome dos amigos que alli deixava, um tacheometro, que era, do mesmo passo, symbolo de gratidão.

Maior, porém, que esta lembrança, que Euclides deixava em S. José do Rio Pardo e a que dali levava era a amizade intima, carinhosa, providente que adquirira nos tres annos de convivencia diuturna.

De lá foi Euclides para Lorena e depois Santos e começou a odysseia da publicação dos Serões. Estabeleceu-se entre ambos uma correspondencia affectuosa, de que infelizmente só podemos conservar uma parte. Pouco tempo esteve elle na Commissão de Saneamento de Santos, incompartilhando-se em pouco e pedindo demissão immediatamente. A sua situação, descolocado de momento, assume a

seus olhos aspecto assustador. Escobar que o visita em Guarujá encontra-o desesperado. Jorram-lhe da pena, por esta época, as paginas de "Um velho problema", inserto nos Contrastes e Confrontos, que começa pelo direito de roubo consuetudinário da Borgonha, defendido até por S. Thomaz de Aquino... onde se trata com mão de mestre, a questão social. Difficil perceber através da superficie tranquilla de uma questão de doutrina os tumultos que lhe iam no fundo.

Nesta situação moral agravada por circumstancias permanentes de sua vida, que só o crime mais tarde revelou de todo, foi a amizade fraterna e carinhosa de Francisco Escobar, que lhe esteve presente para restituí-lhe a calma, mostrando-lhe passagem a condição em que se achava. Infelizmente baldou-se outra tentativa com que procurou resolver a crise dolorosa de sua vida, embora com o tacto e a delicadeza que quiz empregar.

De Santos vai Euclides para a Amazonia.

Regressa e aminda-se, de novo, a correspondencia entre os dois amigos. Nos tumultos de sua vida agitada Euclides não o esquece. Certa vez reclama-lhe a presença: "Muitas vezes imagino ver-te apparecer de surpresa nesta vivenda de philosopho, em que entrarás como um irmão".

Joubert que se requintava na amizade não escolheria expressão de mais ternura.

A cada momento reclama do amigo opinião sobre o que faz e o que escreve. Vêem-se de raro em raro. Não se esquecem nunca. Nos seus ultimos dias dolorosos reclama Euclides, na attitude discreta e ponderosa, que sempre manteve, a presença do affecto ausente e necessario. Aquella amizade serena e boa, que lhe valera tantas outras vezes, nada pôde nesta, a mais necessaria...

"Quem definirá um dia esta maldade obscura e incognoscible das coisas que inspirou aos gregos a concepção indecisa da "Fatalidade?" escreveu Euclides em um dos seus ultimos dias...

* * *

Analysta amargo e subtil, dando á especie humana apenas 3.000 annos e imaginando um obito a cada segundo, chegou a avaliar em cerca de 100 bilhões os que



viveram neste período, do qual apenas 1 milhão logrou elevar-se acima de um nível comum, dando um infimo rendimento que se conserva a mesmo avaliado na sua idade provável.

Assim tem sido e talvez assim não fosse, fora outro o aproveitamento das capacidades.

E, nos Estados Unidos, em que o homem tem valor económico, como capital que é, as escolas vocacionaes vão procurando aproveitar o máximo de cada qual. Foi talvez esta circumstancia que permitiu a efficiencia do exercito americano, que fez a gloria de Pershing. Diante da figura desaproveitada pelo tudo que nos poderia dar de Francisco Escobar, uma terra de pensionados, jubilados, apresentados e reformados, fica-se a pensar o que poderia ser a acção de uma cultura como a sua, na organização de um Museu, na direcção de uma Bibliotheca, na investigação de um archivo.

E levou a vida toda a mourear para sustentar-se nos sobre-saltos de dias incertos e instáveis. Como a sua figura, da mais nobre elevação intellectual e moral, ha de ficar na historia do nosso pensamento com Luiz Bonilhet ou Maxime du Camp para Flaubert e seu grupo, intimo que foi das mentalidades maiores do seu tempo, Euclides da Cunha e Ruy Barbosa, é obrigação de seus amigos, com a autoridade que aqui não ha, senão sinceridade e saudade: Monteiro Lobato, Amador Amaral, Plínio Barreto, Martins Fontes, Baptista Pereira, seu velho companheiro Vlademiro Silveira que lhe escreveu este elogio justo: "Francisco Escobar, esse asombro de engenho, de cultura e de bondade", traçar-lhe a personalidade destacada.

Quando se fizer este perfil definitivo, nos seus diversos aspectos, teremos a figura suave de Amiel, mais suave ainda que aquella que nos descreveu Renan.

"Des moralistes et des publicistes de second ordre ont été plus remarquables que lui; des écrivains cent fois moins instruits ont laissé plus de trace dans notre histoire littéraire; une foule de natures médiocres ont peut-être rendu plus de service à la cause du vrai et du bien que cet ami passionné de tout idéal".

Em seguida o sr. Edgard de Mendonça fez a leitura de algumas cartas de Euclides da Cunha a Francisco Escobar, com-

mentando-as e esclarecendo alguns de seus topicos, reveladores todos da intima amizade que uniu os dois grandes espiritos.

Lorena, 14-5-902.

Escobar,

Saudo-te e a todos os teus.

Estive em S. Paulo onde não te encontrei, verificando depois que havia marcado o principio de Junho para a tua ida. Pretendo levar-te as primeiras paginas, já definitivamente impressas, do meu livro.

Mas não faltas. São raros os bons companheiros, nestes tempos maus — e bem sabes que eu não dispenso os rarissimos que possuo.

Ao chegar de S. Paulo tive, em casa, dolorosissima surpresa: o Quidinho queimado, o rosto em chaga, victimado por uma bronca! Imagine lá o meu espanto e a minha dor.

Felizmente (se posso dizer tal coisa) não ficou elle cego e creio que se vae restabelecendo graças aos nossos cuidados de todos os instantes e como semente em duas partes, a queimadura attingia fundamentalmente os tecidos, não ficará transfigurado.

Sempre planeiei estar ahí no dia 18, 1.º anniversario da ponte. Mas estarão você, o Alvaro, o João Moreira, o Jovina. Encaminhem-se para lá nquelle dia, paguem uma cerveja (barbante) ao velho Matheus e recordem-se por um minuto do amigo agradecido ausente. Será uma bella commemoração. Neste pais de snobismo reles não desejo outras. Mande-me dizer depois os episodios principais da festa.

E' possível que tome, afinal, a resolução de ir para a Polytechnica, onde ha bons companheiros e poderei encontrar os elementos de vida que faltam nesta convivencia estúpida com as dezenas de empreiteiros que me rodeiam. Comunicar-te-ei qualquer resolução que tome definitivamente a respeito.

Não sou mais extenso porque tenho de attender a todo o instante ao doentinho que exige agora toda a nossa attenção.

Adieu. Lembranças a todos e dispõe do amigo velho

-- Euclides

Lorena, 22-5-902.

Escobar,

Desculpa-me este papel: procurei de-

balde a caixa de cartas, e não quero demorar por mais tempo a resposta à tua última e às impressões que me causou.

Magnifico! A comemoração do aniversário da minha ponte (ahi não estar ella num dos trechos deste incomparavel Parahyba) não poderia ser melhor. Convi-ria em que eu nunca imaginei que lá apparecessem algumas centenas de individuos, que com os foguetes, as bandeirolas velhas, o assovio dos moleques, os taboleiros de doces, são a materia prima do que nesta costa d'Africa da America se chamam manifestações!... Não! sempre desejei aquillo: dois ou tres amigos que alli chegassem e se lembrassem durante algum tempo de mim. Illudi-me apenas num ponto: os "numerosos" quatro amigos de que falei antes, reduziram-se a dois: você e o Lafayette. Mas estes... Estou satisfeitissimo.

O Quidinho está restabelecido.

Deves ter visto pelos jornaes que talvez esteja em breve, em pleno mar, a cata do logar para um presidio. Adoravel commissão! Calcula lá, se podes, o enorme prazer com que vou desempenhar!... e se pudesse escolher tambem os presidenciaes...

Adens, meu velho Escobar. Abraça-me o Lafayette. Recommenda-me a todos os teus. Olha um pouco o velho Mathews. E creia no

Euclides".

Lorena, 19-10-902.

Escobar.

Respondo à tua carta, agora recebida.

Pilberico sonho, o teu... Ministro! Ministro da Viação este teu pobre amigo! Só mesmo em sonhos... Mas queres saber de de uma coisa? Prefiro ser realmente ministro nos breves minutos de um sonho, occupando a imaginação de um amigo, do que o ser, de facto, nesta terra onde não ha mais altas e baixas posições... Minado tudo.

Tenho passado mal. Chamas-te-me a attenção para varios descuidos dos meus "Serões"; fui le-o com mais cuidado — e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada pagina o meu olhar flaga um erro, um acento importante, uma virgula vagabunda, um (!) impertinente... Um horror! Quem sabe se isto não irá destruir todo o valor daquelle pobre e estremecido livro? Manda-me dizer dahi algo a respeito. Imagina

que lá encontrei "à facão'te, "à pranchadas", "braço a braço", "tempos a tempos", etc., etc. Não te posso dizer como fiquei. Por fim — abrindo ao acaso, depois do jantar — uma pagina, encontrei isto: "Não illudio à historia"... Não te descrevo o que houve! Quer isto dizer que estou à mercê de quanto meninote erudito brume as esgrimas; e passível "a ferula brutal dos terríveis grammatiqueiros que passam por ahí os dias a remexar preposições e a disciplinar pronomes! Felizmente disseram tambem que Victor Hugo não sabia francez... Vou escrever ao Laemmert para reduzir tanto quanto possível a 1.ª edição, se houver tempo.

Afinal egoisticamente falei-te só no que me dizia respeito. Desculpa-me; e escreve-me logo. Quero que venha dahi, de longe, partindo dessa boa alma de velho companheiro, uma palavra que me anime um pouco.

Adens. Recommenda aos teus

o velho amigo

Euclides.

Lorena, 10-8-1902.

Escobar.

Saúdo-te e a todos os teus.

Venho do Rio onde fui, celeremente, de um nocturno a outro, para conversar com o Laemmert e saber o dia em que, afinal, ficará prompto o meu encaiporado livro. Felizmente os frios allemães receberam-me num quasi enthusiasmo e, quebrado o antigo desalento, quasi prevêem um successo áquellas paginas despretenciosas.

Apresso-me em dar-te a noticia porque foste o meu melhor collaborador neste erno de S. José do Rio Pardo e peço-te transmitil-a ao Augusto, dizendo-lhe que o nosso contrato sem escripturas tem a garantia da minha palavra, que às vezes parece ser palavra de rei.

— agora um grande, um sério, um reservadissimo favor. Tão reservado que te peço que não o bosquejes nem mesmo junto ao ouvido da tua filhinha mais nova.

Lá vac: constou-me (não preciso dizer quem foi o desalmado), que ha no encontro direito, lado do Pompeu, da ponte, uma frincha descendo por todo elle até em baixo. Imagina como fiquei, e quanto cabelo branco vac-me nascendo dentro desta anciedade...

Pensei seguir logo até ahí. Infelizmente não posso agora. Por isso escrevo-te.



Quero que, — como a tua cautela habitual, sempre ninguém o percebe, — ob-serves aquillo, e indique-me, num esboço qualquer, o lugar, as dimensões aproximadas da coisa, e se é viável, e se ameaça augmentar, ou se é um recalque commum nessas obras. Não és engenheiro, mas que diabo — também estas coisas não são tão transcendentales...

De qualquer modo aguardo a tua resposta contando os dias. Esta chegará ahí na 2.ª ou 3.ª á tarde. Poderei ter, aqui, a resposta 6.ª ou sabbado. Não faltes — sobretudo se tiveres de confirmar meus presentimentos.

Adéus, meu velho amigo e creia sempre no

Euclydes.

(Rio, 1908).

Escobar.

Desculpa-me o longo silencio. Extincta a minha commissão o ministro não me dispensou, encarregando-me da organização de uma mappax. Assim vivo enleado entre os velhos traços dos velhos cartographos, os sujeitos mais desleaes e des-honestos que andam pela Geographia; — e no meio desses tratantes, que traçam rios e alevantam montanhas á ventura, consuante a esthetica dos desenhos, vou atravessando uns dias fatigados e tristes.

Muitas vezes imagino ver-te apparecer, de surpresa, nesta vivenda de philosopho, em que entrarás como um irmão...

Realmente porque não vens, ao menos por oito dias, contemplar um pouco as transformações do Rio?

Conversaremos longamente — e então — monotonicamente remascando velhas phrases e um velho pessimismo — eu te diria do grande desprezo, crescente, asserbador, que ando sentindo pelas coisas deste palz...

Nuns cavacos tragicos, esculpellariamos algumas duzias de politicos, dando largo curso á nossa hilla vingadora de revolucionarios. Vê se te resolves.

Felizmente continuo a olhar para o ministro a quem tenho servido nesta terra — com a mesma admiração e sympathia. E até com assombro: é lucido, é gentil, é trabalhador, e traça na universal chateza destes dias uma linha superior e firme de estadista. Ninguém poderá substituí-lo. Conheço, pela metade as questões que nos occupam no extremo norte, mas esta meia noção basta-me a garantir-te que a substi-

tução de Rio Branco por quem quer que seja será uma calamidade. Ha um balalhamento tal nas pretensões dos nossos vizinhos: incidem neellas tantos vicios historicos e tantas duvidas geographicas; accumulam-se tantas perfidias nos accórdos, convenções e tratadas que vêm de Santo Ildefonso até hoje, — que o desatracar taes mendas requer conhecimentos de longo curso, difficilmente adquiridos. Não sei quem possa tel-as da noite para o dia nem como um simples decreto de nomeação possa apparellhar quem quer que seja com semelhante requisitos. Sei que os litigios em andamento são gravissimos e capazes das maiores e mais dolorosas surpresas para nós. Imagina um caso unico; um quinto da Amazonia opulentissima que de uma hora para outra, por um desgarrão de estadista canhestro, ou capricho de um arbitro, vá passando para as mãos dos peruanos.

Não sei se o futuro presidente cogitou destas coisas. Por mim não vou além desta brevissima expansão com um amigo. De facto tratá-las publicamente, num debate franco, fôra uma infelicidade. A turba dos aduladores improprio para taes lutas os sinceros e os dignos; os actos mais nobres são passíveis das interpretações mais deploraveis. A opinião está envenenada; e quem quer que se abalance á luta desinteressada por uma idea arrisca-se aos mais deprimentes conceitos. Dahi a minha mudez. Asalta-me o terror de ser emparceirado a não sei quantos villões que toda a gente conhece e toda a gente respeita.

Em paz, portanto, esta ruide penha de caboclo ladino. Ou melhor, que vá aliando as primeiras paginas de "Um paraíso perdido" o meu segundo livro vingador. Se o fizer, como o imagino, hei de ser (perdoá-me a incorrigivel vaidade) hei de ser para a posteridade um ser enigmatico, verdadeiramente incomprehensivel entre estes homens.

E adeus. Escribe-me a correr.

Lembranças aos teus — e dispõe do velho amigo

Euclydes.

Rio, 31-12-907.

Escobar.

Ando incorrectissimo contigo, e isto provém da minha vida atropelada. Imagina que tenho passado 40 vezes pelo "Jornal" e ainda não fiz a tua assignatura! Depois de amanha — infallivelmente.

Um editor português reuniu uns vinte artigos meus, espagou-lhes o título "Contrastes e Confrontos", pediu um prefácio ao Bruno, e arranjou um livro que dentro de 15 dias aqui chegará. Não será bem um livro, mas agradeço ao Joaquim Leitão (o tal desalmado) o pensamento. Tais artigos são uma espécie de filhos naturais do espírito, mais desenhados, talvez, porém às vezes mais dignos do nosso amor.

Hei de mandar-te um exemplar.

Tinha muito que te contar...

Mas escrevo-te às 11 e 3/4 e não quero ouvir as doze pancadas derradeiras deste

1907 em que trabalhei extraordinariamente e vi pular na minha frente quanto felizardo vadio há por esses Brasis! Ainda bem! Quero sentir bem fundo o agulhão dos máximos desapontamentos, e, se estes foram bem cruéis — talvez consiga alguma coisa em 908... ou 2000.

2.000 = Posteridade: afinal o único prêmio certo e digno (embora não sentido) dos verdadeiros lutadores.

Agora, a ti um grande e sincero abraço do amigo, com os votos para que as máximas felicidades te rodeiem e a todos os teus. Vale.

Euclides da Cunha

A CARICATURA EM PERNAMBUCO

SEUS COMEÇOS

Assim como na Europa da idade média, a caricatura achou sua melhor expressão plástica na pedra de satyros malignos escaecando-se ao lado de ingenuas bochechas de anjos e "grotesqueries" às vezes obscenas surgindo ao pé dos Joões e dos Pedros, mancos e doces — parece que em Pernambuco, no ocre ou na branca franciscana de cal de paredes de igreja, appareceram riscadas a carvão, a taes ou ponta de carvão, os primeiros kalungas satyricos.

Sendo as igrejas, nos primeiros agrupamentos coloniaes, os pontos de affluencia ou antes de confluencia publica — era natural que lbe procurassem o branco das paredes os anonymos registradores do comico e do ridiculo. E assim começaram, provavelmente, em Pernambuco, mais de tres seculos antes das folhas caricatas, a caricatura publica.

Digo publica, porque os kalungas à penna em folhas de papel — estes começaram com o primeiro canhão em mão inquieta de menino. Falamos Antonil, referindo-se ao segundo seculo colonial, de pequenas que surripiavam papeis de escriptura de engenhos, deixados pelos paes nas caixas das senhoras, para "pintar caretas".

Especie de pre-historia da caricatura de jornal ou revista foram pois, as garatuja de parede. E é facil de imaginar certos kalungas e caretas que teriam surgido nas paredes das igrejas — no primeiro e no segundo e no terceiro seculo colonial.

Os bigodes do Xumburgo — formidaveis bigodes em tuílas — tiveram decerto sua epocha na caricatura de parede. E é provavel que os caricaturistas anonymos tenham collaborado com os senhores de engenho para a expulsão de Pernambuco, em 1666, do governador portuguez.

O nariz semita de Papa-Robolo, o ventre falstaffiano de Frei Madraço, o olho cego de Garrafuz, a barbilha flamenga do principe Mauricio, algum traço grotesco de Luiz do Rego Barreto — serviram provavelmente de assumpto à satyra selvagem ou brutalmente vingadora ou glorificadora ao seu geito das caricaturas de parede. Pelo menos a isto nos levam a crer a intuição e a imaginação.

Historicamente, é que a caricatura somente começou entre nós a sua obra de satyra, de commentario a vida e de documentação social — já quase dez annos depois de independente o paiz.

Dom Pedro I si muito soffreu da imprensa das "calangrões", sahio do Brasil quasi impune da caricatura. Perdeu assim a caricatura politica no Brasil uma das physionomias mais caricaturescas que já nos passaram pela historia: aquella formidavel bocca em bico de prognathos e as bochechas de quem asopra corneta, tão characteristics do imperial senhor. Em compensação seu angusto filho — que Deus haja — soffreria horrores da caricatura. Horrores não tanto de traço — pois caricaturista nenhum do Segundo Imperio parece ter chegado ao verdadeiro traço de caricatura.



tura — como de posições e atitudes ridículas.

Foi o primeiro jornal caricato de Pernambuco "O Carcondão". Surgiu em 1831. Era um in-quarto. Registra-o Alfredo de Carvalho nos "Anais da Imprensa Pernambucana", como "a primeira tentativa de jornal caricato em Pernambuco".

Trazia "O Carcondão" vinhetas rudes. Vinhetas primitivas. Obra ingenua de recorte a canivete em pau de cuja — não permitindo ao traço sinão o mínimo de plasticidade.

Tendo surgido esse "O Carcondão" em 1831, há uma coincidência a destacar: é que surgiu num anno celebre para a historia geral da caricatura. No anno da definitiva alliança da caricatura com jornalismo — obra realizada principalmente por Philipon e por Gavarni.

Exactamente em 1831 appareceu em Paris "La Caricature", realizando de vez o feliz connubio da caricatura com o artigo de jornal, para o fim commum da satyra politica e social. Logo depois appareceu "Le Charivari". Estava de pé o jornalismo caricato — do qual se desenvolveria um genero especial e interessantissimo: a caricatura da vida erotica.

Reunião de caricatura e jornalismo, era — um pretendia selo — o nosso "O Carcondão", com as suas vinhetas recortadas em entrecasca de cajazeira. O que dá a Pernambuco o direito a um lugarzinho na historia geral dos jornalismo caricato.

Mas "O Carapuceiro", do Padre-mestre Miguel do Sacramento Lopes Gama e o jornal que victoriosamente poderia ter entre nós realizado a alliança do jornalismo e da caricatura. Lendo-o, a impressão é quase a de falhear um jornal caricato, tão forte é a suggestão pictorica — grotescamente pictorica — das palavras vivas, picantes e ás vezes cheias de côr.

É pena que nos não tenha ficado no "O Carapuceiro" a expressão verdadeiramente plastica do ridiculo da epocha — ao lado dos commentarios, ás vezes de um selvagem humor medieval, do Padre-mestre. Tinha Lopes Gama como ninguem no Brasil a noção caricaturesca das cousas e das figuras; seu sentido da vida era antes de tudo o da "grotesquerie". Elle proprio escreveu em 1839, referindo-se ao Pernambuco desse tempo — pitoresco Pernambuco de negros de libré, de frades esmoreiros, de senhores de engenho de chambre de chita

e pernas nuas, de sinhazinhas de saia preta com três ordens de babado, de gomenhos, de gomenhas, de gabelleirinhas francezas, de novenas do Poço, de presepjos do Menino Deus: "Por toda a parte e em cada canto, vemos caricaturas que fallão, que correm, que hehem, que andão, etc, etc." E mais adiante: "até em alguns corpos Legislativos se encontrão boas caricaturas". Aliás, nos corpos legislativos, ainda se encontram boas caricaturas. Excellentes caricaturas. Basta photographal-as.

É em traços de caricatura, e numa tinta rutilantemente vermelha — tinta viva e que salta aos olhos — que o caricaturista verbal do "O Carapuceiro" apprehende e destaca flagrantes do seu tempo. Flagrantes tão deliciosamente caricaturescos, que a sua redacção a imagem seria simples processo de cobrir ou decalcar. O que bem poderia ser feito por um caricaturista de hoje.

Note-se o relevo plastico, em toda a sua "grotesquerie", deste flagrante do gomenho Caranzinha, fixado pelo padre-mestre: "barbas de mouro lhe circundão a carinha de tauzia... um lençol preto de sarja ou de gorgorão lhe cinge o pescoço, e se chama gravata... branqueja e rutila a estufada camisa, com seus botões de brilhante... as calças esticadas, repxadas pelos indispensaveis estropes, tohem a este figurinho o curvar as pernas, o ajoelhar, etc... a sobrecasquinha não lhe passa das verilhas... as meias são pedacinhos d'alcatifa ou de pelle de surucutu, e os lustrados capatinhos são de couro de canina... os humeros erguidos como as azas dum frango molhado".

Tudo isto é deliciosamente caricaturesco. E deliciosamente caricaturescos são outros retratos comicos de figuras de sua epocha que nos traça o pungentissimo critico social: o frade elegante "que traja como o mais pitalegrete gomenho, não dispensando a gadelha a humma banda, a estradinha da Liberdade, o nacassar e a corninha escondida ou de todo tapada"; a moça eguia que sabe "volumar as reguias ancas de tal geito, que nunca as teve assim, em outras eras, a senhora mais gorda, e bojuda"; a velha "toda casquilha, toda dengosa, toda gomenha, e com presumpções de amantistica que ainda procura ser requestada".

Essa noção caricaturesca das cousas, tão aguda no padre Lopes Gama, não n'a revelariam os caricaturistas da era lythographica — do meado do Segundo Imperio. Os quaes

nos dão antes a idéa de desenhistas academicos desgarrados no desenho grotesco. O sr. Manoel Caetano Filho, desenhista e caricaturista de talento, notava-me uma dasa tarde, ao folhearmos na Bibliotheca Publica — essa caricatura de bibliotheca! — collecções de "A Cigana", "O Diabo a Quatro" e outras revistas que foram no Recife especie de echo provinciano das de Agostini e Henrique Fleuss, do Rio — a correcção academica dos desenhos, apenas de leve caricaturescos, de V. Cruz e J. Neves, com a sua minucia de detalhes e a sua preocupação de regras de proporção e de jogo de luz. Eram desenhista sem a aptidão para a caricatura: incapazes de obter effeitos de ridiculo pelo só prestigio do traço.

Em compensação vamos encontrar na primeira revista illustrada que teve Pernambuco, na phase lythographica — "O Monitor das Famílias" — desenhos involuntariamente caricaturescos. Na vista da Sala do Docel no Paço Imperial do Recife, por occasião do beija-mão de 2 de Dezem-

bro de 1859 — as figuras que desfiliam perante o imperador são caricaturas. Caricaturas involuntarias — mas caricaturas. E o mesmo é certo das de chapéu armado ou chapéu alto que em botes e canoas recebem Dom Pedro II no Caes do Collegio. São kalungas verdadeiramente ridiculas.

De interesse para os começos historicos do jornalismo caricato em Pernambuco são ainda as vinhetas nos periodicos, illustrando-lhes os titulos ou symbolizando-lhes os programmas "A Bussola da Liberdade" foi dos primeiros jornaes a trazer essas vinhetas permanentes no titulo. Interessam-nos particularmente, para os propósitos deste pequeno ensaio, os periodicos que traziam vinhetas caricatas de certo sabor local, como, por exemplo, "O Carapuceiro", onde o titulo apparecia sempre encimado por uma caricatura: um individuo a distribuir carapuças — chapéus, coróas, barretinas, mitras.

Gilberto Freyre

("Diario de Pernambuco", Recife)

BAGATELAS

Monteiro Lobato cumpriu a palavra. A's oito horas, telephonou:

— Desça, que passarei ahí, dentro de cinco minutos.

— Mas não desço — respondi-lhe. Você sobe, tomamos café juntos e proseguimos.

— Não. Isto váe ser feito á maneira de um rapto: o "chauffeur" diminhe a marcha do auto, eu abro a portinhola e você pula...

— Porque isso?!

— A Policia, menino! A perseguição aos autos particulares... Estes, não podem parar em quasi todos os pontos do "Triângulo".

Descei e esperai. A visita a S. Paula intellectual, em companhia de Monteiro Lobato e Menotti del Picchia encheu-me as medidas. S. Paula é mesmo a capital intellectual do Brasil, não ha duvida. Nesta capital do Brasil intellectual, a empresa de Monteiro Lobato é o que ha de mais importante. Um mundo de machinas: planas, linotypes, monotypes, de polychromias, de gravação, de tudo. Um mundo. Contou-me elle um caso que demonstra a efficiencia das officinas da Empresa Graphico Editora Monteiro Lobato: A primeira edição

de *Narrando a Verdade*, do general Abílio de Noronha, foi de cinco mil exemplares e exgotou-se num dia. No outro choveram os pedidos de tal modo que Monteiro Lobato resolveu tirar, immediatamente, nova edição.

Deu início á tarefa ás 7 1/2 do outro dia e, ás 19 1/2, dez mil exemplares estavam promptos para a venda...

Só Monteiro Lobato vende mais livros do que todos os livreiros cariocas reunidos! *Juca Malota* e *Mascaras*, de Menotti del Picchia, não param nas prateleiras.

As officinas estão lançando obras na proporção de uma por dia, e a menor secção que ha no estabelecimento é a de *stock*.

Não vão pensar que o meu entusiasmo advém do facto de eu ser agora paulista. Não. A cousa aqui é mesmo grandiosa.

Aliás, sou paulista, mas não sou bairrista — si isto é possível...

L.

("Jornal de Petropolis", Petropolis)

A CRISE DO LIVRO

Respondendo a um inquerito que "O Jornal" do Rio iniciou sobre a crise do livro, o sr. Ronald de Carvalho, que é uma das mais scintillantes intelligencias do actual momento litterario, expreendeu conceitos admiraveis e prec'sos sobre as causas da depreciação do livro em nosso paiz.

A resposta da juvenil e eminente autor da "Pequena historia da litteratura brasileira" vale muito pela sinceridade, pela logica das observações e brilho incontestado dos conceitos.

O pensamento do sr. Ronald de Carvalho vai aqui resumido:

"Se alguma coisa tem sempre estado em crise, no Brasil, é justamente o livro brasileiro. Os nacionaes escrevem. Os autores nacionaes escrevem, geralmente, para os mil leitores que lhes esgotam a primeira edição das obras apparecidas. Satisfeita a curiosidade passageira desses hãndeirantes benemeritos, succede-se a penumbra das prateleiras silenciosas. Que serie de fongos annos esperaram os romances de Machado de Assis para serem reeditados? E os livros de Nabuco, de Sylvio Romero, de José Verissimo, quantos d'elles ainda se acham, apesar do tempo e da fama, na casa do primeiro milhar? Gonçalves Dias, Alencar, Castro Alves, Casimiro de Alencar, Aluysio de Azevedo, Raymundo Corrêa e Bilac, os romancistas e os poetas mais populares entre nós, não alcançaram ainda as cinquenta edções que uma simples novella de Hugo Wast facilmente obtem na Argentina.

Dos ensaios de critica, de sociologia, de historia ou de philosophia nem vale a pena falar. Os volumes de João Francisco Lisboa, de Varnhagen ou de Tobias Barreto, a cada geração que surge, são disputados nos sebos e nos leilões particulares por meia dúzia de abnegados especialistas. Toda a larga produção litteraria da nossa vida colonial, as chronicas, os roteiros, os diários de viagem, cheios de observações sobre o nosso ambiente social e politico, sobre os nossos costumes e as manifestações do nosso caracter, toda essa fecunda somma de preciosos dados para os que desejarem sondar o problema brasileiro permanece quasi desconhecida.

A causa principal dessa crise perma-

nente do livro no Brasil está na pessima educação intellectual que recebemos, desde a escola primaria até as academias superiores.

Dizer por exemplo, que o livro máu vence o bom na concorrência, é apenas apontar superficialmente o phenomeno, sem penetrar a essencia d'elle. Em qualquer paiz, as aventuras do Caballero Audas ou os versos de Paulo Gerady serão mais saboreados que os romances psychologicos de um Joyce, de um Proust ou a poesia de um Whitman. Mas ha sempre uma elite que salva as obras originaes, desenvolvendo-se e polindo a sua instrução no contacto dellas. Essa elite, formada por technicos e peritos de toda especie, por sabios, professores, criticos, intellectuaes, jornalistas, amadores cultos, colleccionadores estudiosos, essa elite, alimentada pelos salões, pelas universidades, pelas revistas, pelos cursos periodicos de conferencias, pelos diários de grande autoridade não existe no Brasil. E não existe porque nos falta, realmente, um aparelhamento digno das possibilidades do nosso povo. Passamos pelos livros sem que os livros passem por nós. Esforçamo-nos apenas para adquirir attestados de exames. Os exames attestarão a nossa sabedoria. A ignorancia gera o desinteresse. Ora, affirmar que desconhecemos as questões mais elementares da nossa vida publica é até sem saborido *logar-commun*.

De todo o nosso rapido ensinamento secundario guardamos apenas duas noções precisas, uma geographica e outra lyrica, a saber:

1.º) somos um dos paises mais extensos do globo;

2.º) somos o paiz mais rico do mundo. Com isso nos contentamos. Morremos doutores, funcionarios, deputados, senadores e magistrados convencidos tranquilamente dessa verdade. Essa illusão maravilhosa das nossas riquezas adoça-nos a vida e a morte. Que importa, pois, deante de tanto esplendor, a analyse de alguns homems teimosos, cujas opiniões só servem para esfriar o infantil optimismo com que fomos educados?

Se pertencemos às classes dirigentes, herdando a omniaciencia dos nossos maio-

res, nascemos formados no conhecimento profundo e irrecusável do Brasil. Chegamos, de improviso, a todas as posições e governamos o nosso povo, lendo os constitucionalistas americanos, os historiadores ingleses, os esthetas alemães e os criticos e romancistas francezes. Lemos tudo isso em francez mas não importa. Podemos citar Hamilton, Carlyle, Macaulay, Winckelmann e Renan. Sobretudo Renan. Não nos sobra occasião, portanto, para folhear os livros nacionaes. Uma referencia a Nabuco, mesmo feita de outiva, classifica-nos para logo mestre na litteratura brasileira.

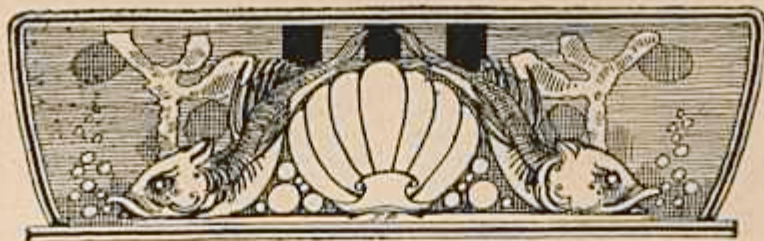
Se pertencemos às classes dirigidas menos felizes da fortuna, escusacia-nos o tempo e não são bastantes os nossos recursos materiaes e intellectuaes para conhecermos os nossos problemas basicos. O jornal verrinoso substitue o livro, mesmo o livro

vulgar e a revista illustrada torna-se um regalo irremediavel.

O problema do livro no Brasil, parece-me, não é uma questão de editores e livreiros, de volumes pornographicos concorrendo com obras de pensamento puro, de escolas antigas e modernas, de boa ou má critica literaria. O problema do livro no Brasil é uma questão de cultura fundamental, de intelligencia nos processos de ensino, de mais estudo das nossas coisas e menos theorias infecundas sobre coisas estranhas. Não serão, por certo, os editores, mesmo os de maior desinteresse, que poderão inventar um publico verdadeiramente generoso e recompensador para os autores nacionaes. Escrever no Brasil é um heroismo. Por esse lado estamos ainda nas guerras da independencia".

("Estado do Paraná", Curytiba)





DEBATES E PESQUIZAS

MINHA VIDA

Eu nasci em 1861. Isto constitui um facto histórico importante, mas referente a um grande período na história de Bengala. Talvez ignoreis que temos nossos lugares de peregrinação naquellas paragens em que os rios se reúnem em confluência; esses rios, que, para nós, constituem os sym-bolos do espirito vital da natureza e que, em suas conjunções, representam o em-blema da conjunção dos espiritos, da con-junção das ideias. Precisamente naquelle tempo, tinham-se encontrado na vida de meu pai as correntes de tres movimentos distintos.

Um desses movimentos era religioso e tinha sido iniciado por um homem de alma grande e intelligencia gigantea, que se cha-mava Rajah Rammohan Ray. Tal movi-mento era revolucionario, porque visava tornar a abrir o canal da vida espirital, obstruido desde muitos annos atraz pelas areias e escombros das doutrinas solennes e materialistas, baseadas em praticas eter-nas desprovidas de significado espirital.

Em consequencia desse facto, originou-se uma grande luta com os orthodoxos, que desconfiavam de qualquer ideia vivida, que fosse dinamica. Essa luta tem a sua ana-logia no moderno Occidente, onde os afor-tunados se arreceiam do idealismo, porque crêem em certas coisas a que chamam ri-quezas e que podem ser entesouradas em cofres de ferro, postas em segurança em bancos e vigiadas por guardas armados. As ideias produzem movimento e todo o mo-vimento é considerado como uma ameaça contra a segurança do armazem.

Quem adhere a um velho passadô tem tambem seu orgulho na antiguidade das suas accumalações, na sublimidade das muras que os rodeiam e que foram consagrados pelo tempo. Põem-se nervosas e de mau humor quando algum grande espirito, al-gum amante da verdade rompe o seu cer-cado e o inunda com a luz solar do pen-samento e o sopro da vida.

Estava isso occorrendo na epocha em que eu nasci. Sinto-me orgulhoso ao dizer que meu pai era um dos grandes chefes da-quelle movimento, por causa do qual foi excommungado e teve que desafiar as in-dignidades sociais. Eu nasci nessa atmos-pheria preñhe de novos ideaes, que, ao mes-mo tempo eram velhos, mais velhos ainda que as demais coisas de que aquelle seculo se sentia orgulhoso.

Houve, mesmo assim, outro segundo mo-vimento, igualmente importante. Certo grande homem, Bankin Chatterjee, que, em-bora muito mais idoso do que eu, foi meu contemporaneo e viveu o sufficiente para que eu o pudesse ver, foi o primeiro explo-rador da revolução litteraria que sobre-veiu em Bengala por aquelle tempo.

Nossa expressão pessoal deve encontrar sua liberdade não só na ordem espirital das ideias, como na manifestação litteraria das mesmas. Mas nossa litteratura havia tulerado a desaparição de sua personali-dade creadora. Carecia de movimento e en-contrava-se encadeada por uma rethorica tão rigida como a morte. Bankin Chatterjee era sufficientemente bravo para ir de en-

centro à orthodoxy, que crê na segurança das pedras sepulchraes e naquella perfeição que só é patrimonio do inanimado. Aquelle homem levantou de nosso idioma o peso morto das fórmulas ponderadas e, com um toque da sua vara magica, fez surgir a nossa litteratura do seu secular lethargo. Que visão de belleza nos revelou esta litteratura quando despertou, na plenitude de sua força e de sua graça!

Porém ainda existia outro terceiro movimento em marcha dentro de meu paiz, durante a epocha a que me venho referindo e este se chamava nacional. Não era completamente politico, mas começava a encontrar eco no espirito de nosso povo e tratava de afirmar sua personalidade propria. Era uma voz de indignação ante a humilhação constante accumulada sobre nós por um povo que não era oriental e que tinha especialmente naquella tempo, o costume de dividir rigidamente o mundo humano entre os bons e os maus, de accordo com o que era similar à sua vida ou o que della era distincto.

Este desdenhoso espirito de separação estava a lastimar-nos perpetuamente e causava grande damno ao nosso mundo de cultura. Engendrava nos homens jovens de nosso paiz a desconfiança de todas as coisas que haviam chegado até elles como herança do passado. As antigas pinturas indias e outras obras de arte faziam rir nossas estudantes, que imitavam o riso de seus mestres europeus.

Embora de pouco tempo para cá nossas proprias mestres hajam trocado de espirito, seus discipulos não recobriram, sem embargo, de todo, a confiança no merito de nossa tradição artistica. Tiveram um largo periodo de estímulo no desenvolvimento do appetite, mediante copias de terceira ordem de quadros francezes, oleographias reles vilmente baratas, pinturas que são o producto da mechanica exactidão de uma matriz estereotypada e ainda consideram como symptoma de cultura superior o desdenhar as obras de criação oriental. Analogo espirito de repudio nascido de suprema ignorancia, foi cultivado em muitos outros ramos de nossa cultura.

Deveis saber, amigos meus, que quando classicaes as coisas como modernas ou antigas, commetteis um grave erro si ajustais unicamente ao vosso calendario de datas. Não vos recordaes que as flores da primavera representam o

primeiro albor da vida na terra? E que são por isso symbolos do morto e do que se deve destacar? Si continuas a espicar a chronologia, em vosso afan pelo moderno, substituireis essas flores naturaes por outras feitas de trapos, pelo simples facto destas terem sido fabricadas hontem...

Mas os jovens modernos da India inclinavam as suas cabeças e diziam que a verdadeira originalidade não reside no descobrimento do ritmo do essencial no coração da realidade, mas sim em coisas que são completamente insignificantes: — nos labios espessos, nas faces tingidas e nos collos nus dos quadros importados. Este criterio era a resultante do hypnotismo exercido sobre as mentes de uma geração mais jovem, disposta a vender a propria alma pelas coisas baratas, que lhe vinham até a porta, trazidas de longe por um povo de voz aspera e braço forte. Achavamo-nos intimidados por esse povo, acceptavamos o seu veredicto e diziamos "sim".

Quando eu nasci, iniciava-se precisamente a reacção e alguma gente principiava a tratar de oppor-se à maré. Este movimento tinha seus caudilhos em minha propria familia, em meus irmãos e primos, empenhados em evitar que o espirito popular fosse escarnecido por quem o deveria alentar.

Havia que se encontrar uma base, que fosse universal, que fosse eterna; era mister descobrir as coisas que possuem um valor perduravel. O movimento nacional iniciou-se declarando que não cabia desculpa em nosso repudio ao passado. Não era por isso um movimento reaccionario, sinão revolucionario, pois proclamava, com notavel valentia, a necessidade de recusar-se e oppor-se com a maior altivez a tudo o que si ficasse, seria mero emprestimo à nossa cultura.

Estes tres movimentos mantinham-se em pé e nos tres tomaram parte activa os membros de minha familia. Fomos excommungados por causa de nossas opiniões heterodoxas sobre a religião e, graças a isso destructivamos a liberdade dos parias. Tivemos que edificar nossa propria energia de espirito. Tivemos que edificála desde os alicerces e começar por inquirir si aquelles alicerces eram solidos.

Os homens não podem crear alicerces, porém podem construir uma superstructura. Ambas as coisas devem ir juntas: — o dar expressão a uma nova vida e o descobrir

nella os fundamentos que possam existir dentro do coração do próprio povo. Os que crêm que a vida consiste no cambio, porque o cambio implica movimento, devem sempre recordar-se que em todos os cambios é sempre necessario um fio de união fundamental, já que, a não existir este, a permuta, vasia de sentido, só produzirá conflictos e collições. Esse fio de unidade não deve proceder do exterior, mas sim de nossa propria alma.

Como antes disse, eu nasci e me criei em uma atmosphera gerada pela conjuncção de tres movimentos igualmente revolucionarios: Nasci em uma familia, que devia viver a sua propria vida e que me induziu, desde a mais tenra infancia, a procurar em meu proprio criterio o guia para minha propria expressão. O meio de expressão era, indubitavelmente, a minha lingua materna. Mas a linguagem que pertencia ao povo requeria ser modulada de accordo com as necessidades que, como individuo, sentia eu.

Nenhum poeta deve tomar de emprestimo o meio de se fazer ler a nenhum armazem de respeitabilidade. Não só deve possuir as sementes proprias, como deve lavrar o terreno que lhe pertence. Cada poeta possui o seu proprio e singular instrumento de linguagem, não porque a linguagem, considerada como tal, represente um producto do seu esforço, mas porque o uso individual que delle faz o transforma em um vehiculo especial de sua propria criação, graças ao magico toque da vida.

As raças humanas têm a poesia no coração, sendo-lhes necessario dar, tão longe quanto seja possível, uma expressão perfeita de seus sentimentos. Para isso, devem contar com um intermediario pathetico e sensível, um intermediario que possa chegar a converter-se no symbolo da epocha. Todas as grandes idiomas experimentaram e estão experimentando ainda trocas incessantes. As linguas que resistem a este espirito de transformação estão sentenciadas á morte e não produzirão grandes colheitas de ideias, nem de literatura. Quando as formas permanecem estacionarias, occorre de duas, uma: — ou o espirito acceta por debilidade sua prisão dentro dellas, ou se rebella. Todas as revoluções consistem na luta do de dentro contra a invasão do de fóra. O espirito, que é soberano, deve ter consciencia de sua propria dignidade vital, para resistir á domi-

nação do externo e encontrar liberdade no mundo que perpetuamente cres para si proprio.

A historia da existencia de nossa terra encontrava-se em um dos seus grandes capitulos, quando essa irresistivel força interior, residente no homem, encontrou modo de manifestar-se dentro do systema das coisas, exhalando triumphante seu gyro de turbulencia, impossivel de ser annullado do exterior pela enorme brutalidade de um gremio.

Quão desamparado parecia então aquelle movimento! E, sem embargo, não se encontra proximo de prevalecer? Em nossa vida social a resolução estala e destróe mesmo assim, quando alguma auctoridade se concentra em arranjos superficiaes e ameaça escravizar, para seus particulares designios, o poder que reside no interior de nós mesmos.

Quando uma organização, que é uma machina, se converte em um poder central, politico, commercial, educativo e religioso, obstrue a livre corrente de vida interior no povo e endereça e explora esta, para augmentar sua propria pujança. Hoje, essa concentração de poder se está multiplicando amplamente no exterior e o grito do espirito humano opprimido fluctua no ambiente, que, por sua vez, luta para se libertar da rede de algemas e cadeias que o obsesionam sem sentido.

A revolução deve vir e as homens devem arrastar o villipendio e as dissensões, especialmente daquelles que necessitam proceguir commodamente, que julgam que a alma está antiquada e que collocam sua fé no materialismo e no convencional. Esses devem ser tomados de surpresa, porque são filhos desmedrados, que pertencem ao passado morto e não aos tempos modernos; ao passado, que teve sua epocha na remota antiguidade, quando predominava o esforço physico e o criterio do volume sobre o espirito humano.

O dominio puramente physico é mechanico e as machinas modernas estão exaggerando nossos corpos e entendendo e multiplicando nossos membros. As creanças modernas se delectam ante qualquer coisa enorme, que represente um poder material desordenado e dizem: — Dá-me esse brinquedo e não lhe ajuntos sentimento algum que possa perturbá-lo. Ao dizerem isto não se dão conta de que estamos voltendo áquella idade antediluviana que se caracte-

ria-se pela produção de formas físicas gigantescas, desprovidas de todo espírito interno.

Todos os grandes movimentos humanos no mundo se relacionam com algum grande ideal e diz-se que essa doutrina do espírito se organizou durante uma centúria, que hoje se encontra moribunda, que nós não resta ainda confiar nas forças exteriores e nos fundamentos materiais. Mas eu, por minha parte, respondo que essa doutrina está fora de uso e antiquada desde muito tempo. Foi refutada na primavera da vida, quando a mera apprehensão foi varrida da face do mundo e substituída pela acção do homem, trazido não ao seio da criação, do homem com seu corpo indefeso, porém

com o seu espírito e a sua mente indomáveis.

A insidenciosa das coisas materiais é muito antiga. A revelação do espírito no homem é moderna. Eu me encontro ao lado della porque sou moderno. Já expliquei como nasci dentro de uma família que se rebelou, que teve fé em sua lealdade para com um ideal interior. Si quizerdes repudiá-lo, meus senhores de favela. Porém eu, por minha parte, tenho direito, como revolucionário, de manter minha bandeira de liberdade espiritual ante os altares de vossos ídolos, que são o poder material e a accumulção.

Rabindranath Tagore

(Trad. de Revista de Revistas)

FRUCETA

Quando o regional, depois de fatigante viagem, chegou à Villa do Descampado, para a visita de inspecção à escola da afamada professora d. Enedina, foi um acontecimento.

Solha-se de antemão que chegaria o inspector, por um viajante passado escoteiro, madrugadinho pelo povoado. E foi por isso, que ao apertar-se à porta da pensão, lá estava, entre outras pessoas importantes do lugar, o sr. capitão Simpliciano Pereira, respeitado chefe político, para lhe segurar as redens da Morena, viajante lerda de aluguel, de ancas sovasdas da retransa.

O regional apeiou-se triumphante, equilibrando-se mal nas pernas bambas, sem polainas.

D. Enedina Soeiro, já sua conhecida de outras escolas, apresentou-o aos circunstantes e, depois de uma rápida palestra, à porta do hotel, sobre a carestia, a guerra no Rio Grande e o augmento do ordenado, recolheu-se o cangado funcionario, a raspar a barba de cinco dias e a tomar o seu banho de bacia de rosto.

No dia seguinte foi a visita à escola e a professora estava radiante. O chefe, o pharmaceutico, o vigário, todas as pessoas gradadas do lugar, lá estavam igualmente interessadas em attestarem o alto grão de

adiantamento dos alumnos, alcançado em poucos mezes pela esforçada cathedra.

Realmente o exito fôra completo, o regional estava satisfeito...

A professora quiz ir além, quiz mostrar mais. Chamou um pirralho apresentando cinco annos e escreveu no quadro negro a palavra: — FRUCTA.

— Leia, Zinha, disse-lhe.

O menino, muito amarellinho, o ventre enorme, sobre as pernas muito finas, baixou mais a cabeça, levantou os olhos tímidos e depois de um momento:

— Numsei, fessora.

Numa das ultimas carreiras, outro alumno, inquieto, ralava-se de impaciencia, queria tambem mostrar o seu adiantamento.

— Eu sei, eu sei, d. Enedina.

— Diga então, Pedro.

Pedro teria sete annos, era um negrinho, vivo como um grão de azoague, preto como um pedaço de carvão. Levantou-se, deu dois passos no corredor das carteiras, relanceou na sala toda os seus olhos muito vivos e muito brancos, depois, impertigado, apontando com o indicador direito o quadro negro, soletrou pausadamente:

— F, r, u—Fru, c, t, u—ta... — Fru-ceta...

Riri



A AGONIA DO VERSO

Por mais que os espiritos modernistas se esforcem por insuflar um novo sopro de vitalidade ao verso anêmico dos nossos tempos, sente-se que esse esforço não conseguirá debellar a aguda crise que ameaça os destinos da Poesia.

Como que está prestes a cumprir-se o vaticínio sinistro do seu desaparecimento, feito, melancolicamente, ha decennios, pela argucia clinica de alguns criticos, dados aos azares dos prognosticos...

O materialismo da época, desprezando o sentimento poetico, começou a ver, apenas, no verso uma especie de lirico ocioso e ingenuo da imaginação.

A seu turno o natural nervosismo, resultante da alarmante intensidade da vida pratica, postergou a antiga serenidade da estrophe classica, reclamando novas formulas, muito mais animadas e rhythmos novos, dotados de uma agilidade, quasi frenetica, produzindo, dest'arte, uma crise de desequilibrio, uma violenta reacção no systema organico do verso.

E o sentimento de indisciplina que, depois da guerra, começou a devastar, além da organização social, todos os dominios do pensamento, repelli, desde logo, as normas rigidas dos compendios de metrica, os codigos administrativos da Poesia.

Foi assim que se decretou, em principio, uma especie de sentença de morte para o soneto, género em que prepondera, irrisantemente, o gosto de uma ordem, quasi militar, com o arranjo symetrico das anas quatorze filhas, estendidas em attitude de parada, nos dias de festa nacional...

Surgiram, então, numa congerie des-nortezante, as composições, rimadas ou não, que lembram, pela diversidade da forma, da medida e do rythmo, um mostruario de caixeiro viajante, das nossas possibilidades e até impossibilidades, no que se refere á poetica.

Isto quanto á forma. Quanto á idéa, ou essencia, proclamaram que teria ella de ser muito menos cerebral e emotiva, muito menos clara e harmonica, contentando-se em viver a vida fluida e obscura do sub-consciente, ou mesmo do inconsciente, porque a função da arte, consoante o novo credo, não é crear, é suggerir, apenas.

Pretende-se operar, assim, na hierar-

chia psychica, uma inversão de valores, de modo que o raciocinio logico e o pensamento definido cedam lugar a simples associações de idéias e aos imprevistos das suggestões...

O processo é commodo, mas, em que pese diz-o, até hoje não produziu obra que se recomende á critica nem ao gosto do publico.

Ao invés disto, o que tem conseguido é acirrar a animosidade já existente no espirito da maioria conservadora e da collectividade, mais ou menos burgueza, contra a poesia e a literatura em geral.

Nem se diga que isso pouco importa, porque o verdadeiro artista despreza o *profanum vulgus* e só as elites da mentalidade é que podem decretar a consagração ou o repudio de uma obra de arte.

A verdade é que, em questão de esthetica, o publico é, ainda, o melhor juiz, e a manifestação literaria que lhe não merecer o apreço, é porque trahiu o sentimento universal da belleza, estando, portanto, fadada ao esquecimento e ao despreso, ou, quando muito, se primar pela technica, á vida escissa e antipathica das florilegios, como diria o Sr. Agrippino Grieco.

Isso, portanto, de se menoscabar a repulsa da maioria a creações artisticas, é um erro de visão critica, oriundo de uma especie de espirito de classe das mentalidades orgulhosas do seu talento, mais ou menos incompreendido...

Seja, porém, como fór, o que ninguém, de boa mente, contesta é a crescente angustia do publico em relação á poesia.

Os livros de versos, mesmo dos melhores autores, empoeiram-se, amentoados e esquecidos, nas estantes-tumulos das livrarias. Os editores, em geral, recusam-se a publical-os por conta propria, certos de que se acham, de vespera, do insucesso e do prejuizo.

A propria critica recebe-os a contragosto, e com prevenção, limitando-se a noticiar-lhes o apparecimento, em meia duzia de linhas displcentes e insipidas.

Isto tudo indica que a poesia entrou em declínio, é uma arte sem publico, consequentemente, uma arte ameaçada de desaparecer.

Comprehendendo o phenomeno, e para conjurar a ameaça, os ultimos templarios do verso tentaram, quanto possivel, dar-lhe um pouco da amplitude da prosa, que, ainda hoje, se acba em pleno esplendor da saude, a vêr se, d'estarte, lhe insuflam um sopro novo de vitalidade.

Mas, a despeito dos balões de oxygenio do modernismo, e dessa especie de transfusão de sangue novo, a poesia agoniza, lenta e desesperançadamente...

E' isso porque a suppressão da medida e do rythmo antigos, a inobservancia dos sedicões canones fundamentais, a absoluta liberdade nas composições, a bizarra escolha dos motivos não são, ainda, o bastante para combater-lhe o grave estado de depauperamento que a arruina.

O de que ella precisa é, ao lado da carne moça, uma alma igualmente moça. Renovada na fórma, urge que se lhe dê uma correspondente juventude de espirito. A ve-

lhice d'alma está-lhe prejudicando a mocidade do corpo...

Renovar o espirito. Mas, como, se contra isto se insurge o influxo de dois mil annos de literatura, que esmagam o pensamento latino, e dos demais povos cultos?...

Esse o grande problema, o formidavel obstaculo, que ainda não está vencido, e nem sabemos se poderemos vencer!

Bem hajam, entretanto, os espiritos piedosos e abnegados que nesta hora de angustia da poesia e de agonía do verso, ainda lhe dedicam o melhor da sua emoção e da sua energia d'alma para livra-los do aniquillamento final!

Quando se fizer a historia desse momento artistico, elles serão abençoados, na sua dedicação e no esforço que fizeram para salvar um pouco da belleza e do sonho, na terra...

Raul Machado

("Gazeta de Noticias", Rio)

A MORTE DA ESTRELLA

Num afastado recanto dos Vosges, onde ha montanhas de neves eternas Eva Lavallière, a deliciosa e pequena Lavallière dos theatros dos "boulevards" de Paris — está agonizando...

Telegrammas chegam até aqui dizendo os meios artisticos e elegantes da Cidade Luz diante da dolorosa expectativa.

Conheci Eva Lavallière no auge de sua carreira, quando trabalhava no Théâtre des Nouveautés, ao lado de Brasseur, Guy, Prince e Max Dearly.

Era, no momento, o quadro comico mais notavel da Europa.

Prince e o seu nariz arrebitado, familiar ao mundo inteiro através do cinema; Brasseur com as suas enormes sobranceiras e a sua sadia comicidade; Max Dearly irrepreensivelmente elegante e fantasista; Guy, bonachão e sorridente; e no meio deste quadro de artistas notabilissimos, a pequena Eva Lavallière, miudinha e irrequieta, com os seus cabellos curtos — naquella época aquelles cabellos causavam sensação —, pulando, dançando, rindo, chorando, como um minúsculo bonequinho feito mulher!

Do repertorio da "estrella", Eva Lavallière era a "estrella" maxima.

Paris enchia-se de cartazes com o seu nome. E nesses cartazes cada letra era

maior, muito maior do que a pequena Eva toda inteira, em carne e osso!

Assim vivia Eva em plena gloria, a gran de gloria de Paris, quando conheceu Fragson.

Fragson era um artista curiosissimo. Era cançonetista. Mas um cançonetista de linha. Muito elegante, muito moço, muito sympathico, elle mesmo compunha as musicas que cantava e elle mesmo se acompanhava ao piano, ao seu piano, piano que vivia como o seu dono, entre Paris e Londres.

Fragson, que detalhava as suas canções com a mesma facilidade em francez como em inglez, havia realizado esses milagre — ser o idolo ao mesmo tempo de duas platéas tão diversas: a fria e azula de Londres e a alegre e maliciosa de Paris.

Só, no palco, com o seu inseparavel piano, a orchestra muda Fragson enchia, quasi, um espectáculo inteiro. Datam dahi as canções que elle celebrou: "Je connais une blonde"... "Je sais que vous êtes jolie"...

Lavallière e Fragson um bello dia se encontraram, vizinhos e irmanados pela mesma gloria. Eram dignos um do outro. Eram todos os dois queridos do mesmo publico e filhos do mesmo successo. Amaram-se...



Por um daquelles tristes dias chuvosos de Paris, em que toda a natureza parece chorar a morte de alguma coisa, Fragon e Eva tinham os seus corações em primavera... E elles não sentiam a chuva, não sentiam o frio, não sentiam o inverno que se approximava!... Tinham dentro de si o grande sol e a grande canção — o amor!

Mas naquella mesma noite de inverno, em que juntinhos elles se tinham jurado tanta coisa Fragon cahia morto, assassinado pelo seu proprio pae!

Um assassinato até hoje apenas explicavel pelo amor excessivo do velho Fragon pelo seu filho e o seu ainda mais excessivo amor ao "whisky", como bem inglez que era!

Lavallière não teve uma queixa, não teve um grito. A vida é muito differente do palco...

Apenas, na sua grande dôr, resolveu renunciar a tudo — à sua gloria, ao seu nome, aos applausos, ao seu publico...

Resolveu retirar-se a um convento. Fez-se freira.

E é agora, mais perto de Deus do que dos homens, lá no apagado cantinho dos Vosges, ambiente de pureza, onde até as montanhas são brancas, que Lavallière espera a morte...

E ella, que no theatro tinha sabido representar tantas vezes o amor, na vida quando elle chegou realmente, ella não o soube sentir senão uma unica e verdadeira vez...

Pobre, pequena Eva!

Ainda te vejo enchendo o palco com as tuas diabruras e o teu corposinho de boneca de carne!

Eras dessas creaturas que não deviam morrer!

Eras dessas creaturas que quando as vemos, vivas e palpitantes no palco, não queremos acreditar que a morte tambem tenha sido feita para ellas!...

Benjamin Costallat

VICENTE DE CARVALHO

(Historia anecdótica das nossas relações)

Um collega me disse:

— Aquelle é Vicente de Carvalho.

Foi em 1916. Eu cursava a Academia. Atravessava o Viaducto do Chã para ouvir o dr. Veiga Filho expor um ponto de Philosophia de Direito. Como o sol lami-nasse de ouro o céu e como a manhã fosse um esplendor, em vez de pensar em Kant, em Spencer, em Ihering, eu tinha a alma cheia de versos. Vicente, com seu frack discreto, sua barbicha em triangulo, estatua-va-se sob a ponte metallica como um cyclope, enchendo para mim, com seu vulto, a cidade e o mundo! Eu seguia fascinado.

O Poeta. Eu admirava Vicente com uma admiração totemica, de zulu apavado que adora um fetiche. Lera os "Poemas e Canções" como os sacerdotes hindus lêem os livros védicos, ritualmente.

Segui-o pelas ruas democraticas e bu-lhentas, importunando-o com uma curiosidade que acabou por affligir-o. Vi que se voltou varias vezes, cenho duro, barba hispida, irritado com a inquietante constancia da minha presença. Fosse eu menos criança e elle me tomaria por um segredo.

A gloria!... Vicente tinha mais que

pensar, dentro da ciranda dos seus negocios de jurista e de industrial empreendedor e activo. Na rua era um mortal organizado para a sua victoria utilitarista, com um alto senso de que é bem peor ter "apuros de dinheiro" que "apuros de linguagem". Que lhe importava a admiração errante e anonyma do louro fedelho que eu era, a rythmar meus versos pelas systoles e diastoles do meu coração de dezenove annos, erente como um sudra, sonhador como um arabe? Eu hoje comprehendo a psychologia indifferente e pragmatista do mestre, sonhado o poema de um vapor novo e alcetroado, a serviço de cabotagem para a sua companhia de navegação, ou a victoria de uma reivindicção vultosa, com tanto por cento fixado no contracto do cliente arteiro, porque — basta de sonhos! — é mistér ser pratico neste seculo de aguias e de plutocracia! Para erguer seu sonho bastava-lhe o recolhimento nocturno no seu castello miraculoso, durante as ariscas horas em que embalava, com a cadencia dos seus maravilhosos alexandrinus, o somno eterno da "Pequenina Morta".

A vida — demónio implacável de olhos verdes — lhe mostrava a família vasta, a querer o conforto e o bem estar que seu amor paterno sonhava; hostil às letras a cidade egoísta e cosmopolita, não seleccionava os valores pelo génio; classificava-os commercialmente pela bolsa. E como o grande romantico tinha, ao mesmo tempo, o senso real das coisas, a golpes de talento amoldava sua honesta fortuna mostrando que o artista não o ilide e que a mão que plasma a belleza ajunta, quando quer, o seu quinhão de ouro...

Essa é a outra face miraculosamente lúida da sua excepcional personalidade. Vicente de Carvalho foi exemplo intelligente do homem e do artista.

Em publicara "Moysés", enviara meu poema ao mestre, que m'o agradeceu na effusão medida e meditada de um cartão laconico. Publiquei o "Juca Mulato". No-vu agradecimento.

Quando lhe falei pela primeira vez, foi na Villa Kirial. Lembrou-me da sua figura magra, de linhas satanicas, recostada mu-

ma cadeira de vime, na sacada cheia de artistas.

— Menotti Del Picchia? Muito prazer... O senhor é o unico poeta brasileiro que possui um cartão meu...

— Estou desvantado com a honra, mas peço licença para avivar a memoria do mestre: possuo dois cartões seus. Um sobre o "Moysés", outro sobre o "Juca Mulato"...

— Dois? — retrucou Vicente surprehendido da sua prodigalidade. — Pois eu não tinha essa ideia. Imaginei que lhe tivesse enviado apenas um cartão...

Os presentes entredelharam-se. Eu ignorava completamente o justo, mas excessivo orgulho do grande poeta. Depois conheci-o melhor, mais intimamente. E vi a alta consciencia intima que elle tinha do seu valor. Ninguém lh'o disputava. E como sempre fui dos que o amaram, procurei sempre exaltá-lo, porque Vicente de Carvalho foi, é e será sempre um dos maiores poetas da minha patria!

Menotti del Picchia

("A Tribuna", Santos)

O IMPERADOR E A ABOLIÇÃO

No Brasil, chegaram a representar os escravos a quarta parte da população, eram os unicos trabalhadores agricolas e residia na agricultura a fonte principal da riqueza publica.

Mais ardua e complicada do que em nenhuma outra parte tornava-se, pois, aqui a decisão da materia que envolvia interesses vitaes.

Entretanto, sob o governo de D. Pedro II, o problema foi solvido com uma habilidade, uma prudencia, uma firmeza, uma elevação, sufficientes, por si sós, para lhe angariar o respeito e a admiração geraes.

Obtida, em 1850, a repressão do trafico, graças á energia do ministro Eusebio de Queiroz, a quem o Imperador dava toda força, sempre cogitou este de ir gradualmente alcançando a emancipação total dos captivos.

Não lhe permitiam acção directa e decisiva as determinações constitucionaes.

A pacificação do paiz custara largos esforços e pesados sacrificios.

Eta preciso não reabrir agitações, descontentando, prejudicando poderosa classe, influente no Parlamento e na opinião.

Sem embargo, o Imperador estimulava as libertações espontaneas dos senhores de escravos e os resgates feitos pelas associações emancipadoras, ou pelas confrarias religiosas, conferia recompensas, titulos, condecorações aos que redimiam captivos.

A 3 de Maio de 1866, a Ordem dos Benedictinos declaron livres os filhos dos escravos por ella possuidos, (eram 1.600). O Imperador foi em pessoa ao Mosteiro de S. Bento desta cidade felicitar por esse acto ao Abade Geral, a quem deu um presente.

No caracter de Imperador, tinha D. Pedro II o usufructo de certo numero de escravos, chamados — escravos do Estado.

Tratava-os, não como captivos, porem como protegidos, pagando-lhes salario.

Fazia-os, hem como os filhos dos meismos, frequentarem escolas por elle fundadas.

Quanto aos escravos de seu proprio dominio, dos quaes podia dispor, libertava-os todos.

Durante a guerra do Paraguay, facilitou a libertação dos escravos que pediam assentar praça no exercito.



Na fazenda imperial de Santa Cruz, previa a educação de grande numero desses manumettidos que partiam para a guerra.

A sua custa, libertou tambem as mulheres e filhas delles, cujo numero ascenden a varios milhares.

Todos estes factos constam do livro *D. Pedro II*, de B. Mosse, escripto mediante dados fornecidos pelo Barão do Rio Branco, sinão redigido por este.

Muitos decretos, firmados pelo Imperador, melhoraram a situação dos escravos e varias medidas indirectas foram adoptadas pelo seu governo a fim de incentivar as manumissões.

Para poupar ao Brasil os males que a abolição immediata e sem indemnisação produzira nos Estados Unidos, onde, em consequencia disto — cerca de 700.000 homens perderam a vida numa das mais terribes luctas civis ainda registrada na Historia e enormes quantias improduttivamente se dispenderam, sem falar nas formidaveis destruições, causadas pela guerra, o Imperador promoveu a emancipação gradual, com razoavel indemnisação aos proprietarios de escravos, a quem a lei garantia.

Nesse sentido, accitou elle o projecto formulado em 1866 por Pimenta Bueno, mais tarde marquez de S. Vicente.

Submettido o projecto a uma secção do Conselho de Estado, entenderam ella que só se devia tratar da questão, durante a guerra do Paraguay.

No correr desta, entretanto, respondendo a uma mensagem da Sociedade franceza para abolição do captivismo, declarou D. Pedro II que, mal as circumstancias o permittissem, o seu governo se occuparia daquelle medida, reclamada pelo espirito do christianismo.

Em 1867, o ministerio Zacharias enviou todo o Conselho de Estado sobre o projecto emancipador de Pimenta Bueno e nomeou uma commissão para redigir-o definitivamente, a fim de ser levado ao Parlamento.

A maioria do Conselho opinou, que isso se fizesse, após o restabelecimento da paz.

Terminada a guerra, o gabinete no poder oppoz-se á iniciativa immediata da reforma, de sorte que só em Agosto de 1870 se principiou na Camara dos Deputados a cogitar seriamente do assumpto.

Coube ao ministerio de 7 de Março de

1871, presidida pelo Visconde do Rio Branco e no qual occupava a pasta do Imperio o conselheiro João Alfredo, a gloria de conseguir, depois de reuñidissima campanha nas Camaras e na imprensa, a lei de 28 de Setembro de 1871, notavel monumento legislativo, que por si só teria supprimido no Brasil o maldito instituto que a metropole nos legara.

A despeito da forte opposição dos interessados em manter o *status-quo*, o movimento abolicionista precipitou-se.

Desde 1879, começou-se a reclamar uma data fixa para a abolição total, a qual deveria ser 1890, anno do jubileu do Imperador.

Passou a propaganda das ruas para o Parlamento.

Em 1883, expondo a Camara o seu programma, disse o presidente do Conselho Lafayette:

"Entre as questões que mais preoccupam a attenção do paiz sobreleva, pela sua gravidade e pelos effeitos economicos e sociaes, a lei de 28 de Setembro de 1871 organizou um mecanismo simples e effizaz por meio de cuja acção, dentro de um prazo, que não será longo o elemento servil estará extinto em todo o Imperio. Mas pergunto-vos: não será possível adoptar alguma medida, no sentido de auxillar, de facilitar a acção da lei de 28 de Setembro?"

E suggeriu estas providencias: localização do elemento servil nas provincias, augmento dos recursos do fundo de emancipação e criação de um imposto especial sobre o proprio elemento servil.

Sucedendo, a 6 de Junho de 1885, ao Conselheiro Lafayette, declarou o Conselheiro Dantas, no seu discurso inaugural:

"Chegamos a uma quadra em que o governo carece intervir com a maior seriedade na solução progressiva deste problema, trazendo-o francamente para o seio do parlamento, a quem compete dirigir-lhe a solução. Neste assumpto, nem retroceder, nem parar, nem precipitar."

E lembrou, entre outras medidas, augmento do fundo de emancipação, uma contribuição nacional que chamasse a commover para a abolição toda a massa contribuinte e a libertação dos escravos que houvessem attingido a idade de 60 annos.

Nesse sentido, foi apresentado um projecto que, depois de viva agitação, dissolução da Camara, queda do ministerio Dantas, substituido pelo Conselheiro Saraiva, e este



pelo barão de Cotegipe, se converteu na lei de 28 de Setembro de 1885.

O Imperador prestara ao gabinete Dantas todo o possível apoio constitucional.

Sabiam os abolicionistas que o monarcha lhes consagrava a maior sympathia.

Decretada sem indemnização a liberdade dos sexagenários escravos, a propriedade servil perdeu todo fundamento jurídico: de dia a dia, cresceu a corrente abolicionista, reclamando a fixação do proximo termo da escravidão.

Em 1884, as provincias do Amazonas e do Ceará realizaram a total emancipação dos escravos ainda nellas existentes.

Victor Hugo felicitou o Imperador por esse facto, augurando que, antes do fim do seculo, a escravidão teria desaparecido da terra, mas, infelizmente, no Oriente ainda perdura.

Em seguida á libertação integral no Amazonas e no Ceará, muitos proprietários de escravos entraram a manumittil-os espontaneamente e em consideravel escala.

Em S. Paulo, como sempre, a região das grandes iniciativas, a propaganda ganhou vasto impulso, não obstante os valiosos interesses ligados á escravatura pela lavoura do café.

Começaram os escravos a abandonar as fazendas, procurando o trabalho livre, sem que as autoridades pudessem contê-los.

No Parlamento, mais de um projecto se apresentou, marcando para breve a abolição completa.

Nestas circumstancias, foi chamado ao governo o maior collaborador ministerial do Visconde do Rio Branco, na campanha de 1871, o Conselheiro João Alfredo, que, submettendo ás Camaras, a 8 de Maio de 1888, o projecto de abolição immediata, viu-o sancionado, depois de passar por todos os tramites legais, pela Princesa Imperial Regente, cinco dias após, a 13 de Maio do mesmo mez.

O Imperador achava-se no Egypto, no curso da sua primeira viagem ao Velho Mundo, quando lhe chegou a noticia da sancção da lei de 28 de Setembro de 1871.

Testemunharam as pessoas do seu sequito a extraordinaria alegria que essa noticia lhe causou.

Encontrava-se gravissimamente enfermo em Milão, em Maio de 1888.

Os medicos desesperavam de salvá-lo; recebeu os ultimos sacramentos.

Mai podia falar, em estado de fraqueza extrema.

Mas a Imperatriz julgou de seu dever communicar-lhe que já não havia escravos no Brasil.

Ouvindo-a o moribundo reanimou-se.

Pediu que se repetisse a communicação, dizendo em seguida:

"Rendamos graças a Deus! Telegraphem sem demora a Isabel, enviando-lhe a minha benção, com todos os meus agradecimentos á Nação e ás Camaras."

Depois, voltando-se, com voz mais frte exclamou: "Grande povo, grande povo!"

E lagrimas correram-lhe pelas faces lividas.

Essa reacção foi-lhe salutar.

Accusou logo melhoras, que se accentuaram rapidamente, permittindo-lhe regressar ao Brasil.

No discurso que proferiu em Buenos Aires, na imponente manifestação popular commemorativa da abolição do captiveiro, disse o ex-presidente da Republica Argentina D. Bartolomé Mitre:

"O povo argentino saúda no illustre soberano D. Pedro II o principal promotor da grande reforma. Elle legará á posteridade na abolição da escravidão, decretada em seu nome pela Princesa Imperial Regente, a herança mais gloriosa, a mais fecunda do seu reinado longo e prospero. O reconhecimento dos brasileiros elevou já a estatua de seu pai, Dom Pedro I, o libertador dos dois povos, com a constituição liberal do Imperio em uma das mãos e nos labios de bronze o grito retumbante do Ypiranga que, em 1822, annunciou ao mundo o nascimento de uma nova nacionalidade. A posteridade reconhecida elevará a estatua de D. Pedro II, tendo, em uma das mãos a proclamação da liberdade dos ultimos escravos do mundo e lançando com a outra, no abismo do passado, suas cadeias para sempre quebradas."

Joaquim Nabuco, no seu livro — *O Abolicionismo*, — proclamou:

"A parte que cabe ao Imperador em tudo quanto se executou em prol da causa da liberdade foi muito grande; foi essencial."

Negar essa gloria ao Imperador, — escrevem mais tarde o mesmo Joaquim Nabuco — seria commetter uma espoliação historica.

Afonso Celso

("Jornal do Brasil", Rio)

A COLONISAÇÃO JAPONESA

O sr. Padua Salles é destes amigos que a gente vê todos os dias e por isso não se lembra de entrevistá-lo. Diariamente nos encontramos e trocamos ideias, no Banco do Commercio e Industria, do qual é presidente. O antigo ministro da Agricultura do sr. Rodrigues Alves é um homem de tacto, polido, gentilissimo, que hoje, aqui, em S. Paulo, vac. pouco a pouco, substituindo o venerando e respeitavel sr. Antonio Prado na direcção das grandes empresas nacionais de iniciativa paulista, como o Banco do Commercio e Industria, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, etc.

Hontem, aconteceu falarmos do problema da imigração amarella e vi, com particular interesse de reporter, que o sr. Padua Salles não partilha da opinião de quasi todo o mundo, hoje, no Brasil, contra a imigração nipponica.

Aliás, elle não é o unico, aqui, em S. Paulo, a sustentar semelhante ponto de vista. O dr. Ramos e Silva, um dos mais ouvidos e mais intelligentes colonizadores da Noroeste, desbravador daquella zona sertaneja, proprietario de immensas latifundios nella, vac. mesmo um pouco mais longe; como filho do Norte, elle julga que o japonês é o colono ideal, para o Nordeste; e pensa, levado por observações proprias, que, se é verdade que o nipponico imigrado não cruza, tambem não é menos verdade que o outro, aqui nascido, já se asimila commoço, infiltra-se no nosso sangue, nelle diluindo a sua robusta personalidade oriental.

Devo accentuar, como testemunho informativo, que, ha duas semanas, em Sorocaba, no funicular que vac. para a represa da "Light", de tres pequenas japonezas, aqui nascidas, que ali encontrei, duas eram portadoras de nomes brasileiras — uma, lembrou-me até que se chamava Amelia — e todas tres não sabiam dizer palavra da lingua de seus paes, conforme me asseverou a mais velha.

O dr. Padua Salles aborda o problema japonês, no Brasil, collocando-se numa grande altura moral e espirital:

— "Não participe, disse-me elle, de qualquer preconceito racial contra a imigração nipponica. O japonês é um ottimo imigrante e ainda melhor colono.

Veja as regiões ingratas de São Roque, Sorocaba, terras abandonadas, pelas quaes ninguém quasi se interessa. Admire as culturas de batatas, tomates, cebolas e feijão, que este povo laborioso tem ali semeado, ultimamente.

"A superioridade de um colono não reside na cor da sua pelle, mas sim na nobreza dos seus sentimentos, no alto teor das suas qualidades de character, na sua capacidade para criar condições de vida honesta e util ao paiz onde se estabelece. Quando olho para um individuo, não, me preocupa muito se é amarelo ou branco: o que me interessa é a linha moral da sua alma. A esthetica, que os fundadores e os continuadores de nacionalidades devem procurar, é a belleza do character e limpeza daquellas virtudes, que dignificam e ennobrecem o homem aos olhos do seu Criador.

"Onde este verteu, como dizia o grande poeta inglez, a luz da belleza moral, a est' alma eu me associo, por uma adherencia inevitavel. Ordem, trabalho, disciplina, respeito às leis, temperança, tudo encontro nas colonias amarellas do Brasil. Que mais queremos nós do que o exemplo vivo do methodo, da paciência, da sobriedade, que esta raça vive quotidianamente a nos offerrecer, como que estimulando-nos a imital-a?

"O meio efficiente de selecção não é o decorrente de decretos prohibindo a entrada deste ou daquelle typo de imigrantes, senão a mesma selecção natural, pelas qualidades de adaptação de cada um ao paiz para onde veio. A lei federal americana, de que tanto se fala, agora, entre nós, sobre imigração, não se restringe só aos japonezes, como se supõe. Ella abrange os colonos oriundos de todos os paizes, inclusive da Europa, visto como o objectivo principal dos americanos é impedir o desemprego no territorio nacional.

"Mas, mesmo que a lei federal americana articulasse uma medida especial contra os nipponicos, não seria este o caso para nós imitarmos a Norte-America. Os Estados Unidos se desenvolvem de leste para oeste, ao longo de uma mesma latitude, ao passo que nós, geographicamente,

nos expandimos do norte para o sul. Como pretendemos possuir uniformidade de raça, nós, que temos todas as diferenças de meio e de clima, dentro do nosso território? Haverá quem pense em colonizar a Amazonia com imigração européa? Tome o exemplo do município de Iguape, insalubre, devastado pelo impudismo, que os amarellas, que ali se estabeleceram, affrontaram corajosamente, criando um alto nível de prosperidade naquella região.

"Quando se me fala de um colono, a primeira pergunta que formula consiste em saber se elle se identifica com a terra, se

a esta se adapta, se se assimila ao meio physico, não degenerando os seus descendentes nella. Se a esta pergunta os factos se incumbem de responder favoravelmente, considero o colono bem vindo á nossa terra hospitaleira, regida, felizmente, por uma constituição politica, a qual não cria as barreiras, que o preconceito racial está procurando levantar aos povos ordeiros e pacíficos do Oriente."

Assis Chateaubriand

("Rio Jornal", Rio)

A' MARGEM DOS LIVROS

Venho de concluir, deslumbado, a leitura do "Espirito moderno", do Sr. Graça Aranha. Fecho o livro e, antes de coordenar as minhas impressões, recordo mentalmente o que desse escriptor, tão discutido no Brazil, têm dito alguns dos espiritos mais eminentes da Europa:

Barrés confessou ver nelle um dador magnifico de bellezas, assignalando as qualidades divinatorias do sociologo que, antes de qualquer outro em terras americanas, previra, no "Chanaan", os perigos da ambição tedesca. Escrevendo de mais longe (insistia Barrés), o nosso patriota dispuzera de melhor perspectiva para prever a luta que, em 1914, se desencadearia entre duas philosophias, duas religiões, duas concepções do Estado, duas fórmulas de direito e duas estheticas. O orgulho cultor do "eu", o prophetia, o pensador e o doutrina-dor do nacionalismo da sua terra accrescentava dever mesmo ao romancista brasileiro uma comprehensão mais larga desse problema francez. Partido de homem tão altivo, não pôde haver maior elogio.

Boutroux reconheceu no Sr. Graça um benfeitor da alma brasileira, que elle, revelando-a aos demais, revelou a si mesma. Sentiu-o apaixonado de tudo quanto ennobeece o espirito. Conhecendo e comprehendendo as literaturas nordicas da Europa, elle permaneceu inalteravelmente latino. E', por excellencia, o homem da claridade, senhor da harmonia e da perfeição classica.

Louis Dimier, pensador e escriptor catholico, encontrou no "Chanaan", não obstante um ou outro trecho desesperan-

çado, o poema verde da esperanza brasileira, encontrou uma doçura e um esplendor de linguagem inextinguíveis, a par de uma saberosa ironia em torno ás antinomias hegelianas em que se comprazem certos herões do volume.

Gaston Riou proclamou que estimar o Sr. Graça é um privilegio da intelligencia e que, ao percorrer-lhe os livros, os francezes acham novas razões para amar a França, em vindo como um estrangeiro de tanto talento a uma.

Valery Larbaud, que já declarara ter lido e relido o "Malazarte", obra de luz, de alegria e de sã belleza, vem agora de referir-se ao Sr. Graça no prefacio á traducção franceza de um livro de Ramón Gómez de la Serna ("La veuve blanche et noire", Paris, 1924), citando o nome do autor da "Esthetica da vida", ao lado do nome de Bergson, a proposito de uma referencia a Flaubert.

Paul Adam, consoante testemunho de Maublanc, admirava-o, e Guglielmo Ferrero é um dos seus maiores amigos europeus.

Mas, sem esquecer o successo do "Chanaan", um dos pontos culminantes da nossa graphia literaria: o entusiasmo do vibrante Nabuco, o rumoroso debate que a parte internacional do livro provocou em nosso parlamento, a polémica nos jornaes, o caudaloso roda-pé de Gaston Deschamps a transbordar por duas paginas do "Le Temps", de Paris, as traducções para o francez, para o allemão, para o hespanhol e, com um prefacio de Ferrero, para o inglez, — não esqueçamos, especial-



mente, que o "Chanaan" continua a ser lido aqui, e por gente que sabe effectivamente ler, repetindo-se as edições desse livro admirável, que não é lavagem para suínos e sim manjar para delicados.

Nunca será demasiado frisar que o "Chanaan", é, no terreno das idéas, um dos nossos livros universaes. Euclides da Cunha fez ver o brasileiro em si mesmo, em luta consigo mesmo; o Sr. Graça, sempre universalista, fez ver em luta com o estrangeiro e, assim, convertem um problema de sociologia humana aquillo em que Alencar, com muito lyrismo verbal, mas sem dons de psychólogo, vira apenas, compondo o "Guarany", um motivo de sentimentalidade romantica.

Exito não menor teve o "Malazarte", peça allegorica a que Maucclair dedicou um longo estudo, de que vamos dar em seguida as linhas essenciaes. Em "Malazarte" — elucida o critico francez — o Sr. Graça extrahia de um motivo regional, de um typo popular, uma criação humanissima, um typo em que muitos humanos se reconhecem. O heróe é um demónio sarcástico, amigo de enganar os demais, vindo no vicio e na virtude simples effeitos de antithese oratoria, achando a dor uma covardia, collocando-se, em summa, além do bem e do mal. Tem um pouco de Ulysses e das personagens dos contos da Renascença italiana ou das velhas farsas gaullezes, mas é tambem o diabinho, o sacy, o capeta das nossas flares. É figura de "folklore" e figura de romance realista. Possui as esprezças dos crioulos de Molière e ha nas suas phrases um pouco da espuma do sahonete de Figaro. É um desses typus ertimos que florecent, não raro simultaneamente, em varias literaturas, pertencendo à mesma familia de espiritos ironicos.

De uma sombra de lenda fez assim o Sr. Graça um symbolo, um drama philosophico e um poema lyrico, em que audacia e subtilidade se conjugam na mesma composição soberba. O mytho alinha uma vez como que se mudou em realidade historica, um vago esboço dos poetas ignorantes do povo enriquece-se, illumina-se de imprevisas intuições moraes, e um artista superior amoeidou admiravelmente o ouro enterrado na imaginação popular. Elle lançou uma ponte de lianas, flexivel e resistente, entre o irreal e o real, entre a abstracção e a verdade psychologica.

Haverá na obra um certo immoralismo, o que não quer dizer propriamente immoralidade, nem mesmo amoralidade... Talvez o Nietzsche da "gaya sciencia" se reconhecesse na alacridade interior do nosso patricio ao querer fornecer à symbolica universal o nosso symbolo, o symbolo brasileiro que é Malazarte.

Entre as demais personagens da peça, Dionysia tem algo de fada, de sercia e é ao mesmo tempo a nossa mãe-água, a nossa para! é uma figura tambem reveladora da vintude desse poeta sem rimas de dar à sua obra o sabor do Brasil, de apossar-se nas produções pittorescas do paliz, tão desdenhadas até agora pelos nossos poetas em verso.

Obra "rica e complexa", sumptuosa pelos tecidos e pelas pedrarias que a cobrem, mas muito significativa, no seu sentido occulto, para os europeus, pelo que encerra de novo como informação moral, pela forte mentalidade brasileira que revela. Se quasi tudo ahí quer dissolver-se em luz, as idéas vivem como seres animados. Obra de meditação e de acção, conclui Maucclair, obra que é "a flor de uma experiencia e a quintessencia de uma raça".

Mas no "Malazarte" ainda ha uma zona de sombra, ha a tristeza de Eduardo sacrificado pela esprezça do amigo e pela volubildade da amante; ha o homem que proclama ser tudo separação e dor e, sentindo o temor de tudo, não sabe como reunir-se ao Todo universal. Preconceitos de familia, preconceitos sociaes, velhas cargas de atavismos e tradições, impedem-no de agir.

Já na "Esthetica da vida", que não é uma obra de affabulação mas parece ter personagens e uma acção humana intensa, tanta personalidade existe nos pensamentos que nella se agitam, todos os vãos temores desaparecem. O homem ahí faz-se um com o universo.

Enchem a "Esthetica" as idéas de dynamismo universal que são tambem o elemento vivificador do "Espirito moderno". O Sr. Graça rompeu definitivamente com o espiritalismo requintado, subtilizado, de certos constructores de cidades nas nuvens. Sempre conciso e lucido, sem nada de iluminado ou de histrião, avesso à lagomachia germanica, elle proclama que o homem não pôde viver sem uma philosophia da alma, mas tambem não o pôde sem uma

philosophia da natureza. E nada de imobilizar-se; parar é estagnar-se, é apodrecer. Tudo tende para a energia como as plantas para a luz. Tudo deve agir sobre si mesmo e sobre os demais. "Quod non agit, non existit".

Os últimos livros do Sr. Graça representam o mais bello esforço aqui realizado para ligar a philosophia à sciencia e ambas à vida. Mas, um tal esforço culmina no "Espirito moderno", onde elle continua a espalhar as suas idéas, patenteando o gosto socratico da discussão, persuadindo sem violentar, isto é, exercendo a mais perigosa das pressões, que é a pressão suave. De resto, ninguém mais à altura da sua tarefa que esse homem amigo de ver as forças em luta, sempre à cata da verdade essencial, da verdade objectiva, que esse homem que não sente prazer em duvidar, só estimando de Renan o estylo e detestando-lhe os sophismas, e vendo, afinal, no sorriso vitalicio de Anatole France a careta estereotypada de um profissional do scepticismo.

No "Espirito moderno" ha a mesma unidade infrangível dos seus livros anteriores. Depois de um prefacio claro em que, sem charlatanice, o Sr. Graça concentra as proprias idéas, em synthese lucida, como que procurando pô-las, não sem alguma dose de bonhomia, ao alcance de todos, vêm as conferencias com que elle conduziu o movimento de renovação espirital entre nós, seja falando da arte moderna aos paulistas, seja falando do espirito moderno aos membros da Academia de Letras, nessa memoravel noite de 19 de junho de 1924, que foi, em relação ao nosso meio, algo como a noite do "Hernani" em França.

Mesclando-se a um grupo de moços e batendo-se pela liberdade litteraria, contra a immobildade das regras academicas, o Sr. Graça provou ainda uma vez, em que pese aos seus detractores, não ser apenas um humanista amavel, um dilettante cauteloso. Enquanto outros, menos dotados, quasi se afogam numa pequena banheira, elle é o agíl nadador dos mares da idéa em acção. Não é um espectador da vida, mas um integrado na luta commum.

Comprehendem-no quantos meditaram o seu discurso na Academia, em que frein a sua ansia de libertação às praias do falso classicismo, a vontade de acabar com os compromissos em relação ao estreito espirito de grã que, além de victimar os membros do cenaculo, já ia invadindo

tantos moços de intelligencia e sensibilidade finas, na sedução de uma premiação em dinheiro ou até, futuramente, de um "fauteuil" de repouso com cem mil réis por semana, chá e torradas, no douto gremio... Visível é o seu horror às artes poeticas, às classificações arbitrarías, às etiquetas e nomenclaturas do academismo, a tudo quanto converte o homem livre em animal de rebanho.

Hoje, só a belleza torna o mundo intelligível aos seus olhos. Não dará à vida uma interpretação puramente mecanica ou geometrica e nas coisas não verá simples quantidades mathematicas ou simples forças chemicas. Só comprehende o mundo como uma continua criação de belleza, como uma obra de arte eternamente renovada.

E para seduzir, para attrahir companheiros ao combate, tem o Sr. Graça o dom de pensar em imagens que o faz um colorido animador de abstracções, um grande artista plastico do pensamento. Sua philosophia não se oppõe à sciencia; longe disso: completa-se na sciencia. Mas elle bem sabe que não pôde existir uma interpretação apenas scientifica do universo, que, sem uma esthetica correspondente, a ethica fracassa; sabe que as concepções mais espirituas tendem a adquirir sangue e nervos na imagem, parecendo que nada do que é totalmente abstracto consegue perdurar em nossa memoria.

Exulte-se, particularmente, a continuidade logica de contemplação e acção simultanea, que vem do primeiro dos seus escriptos até o ultimo. Esse é o traço essencial do seu espirito: a sua tendencia para a synthese definitiva, caminhando da multiplicidade para a unidade, da diversidade para a identidade.

Desde a sua passagem pela escola de Recife, onde, aliás, não se deixou escravidar ao monismo e ao materialismo historico então em voga, elle, é, por excellencia, o homem das nobres actividades, convicto de que a força nada vale sem o pensamento. Desinteressado, enquanto os outros correm atrás da moeda ou das mulheres, o Sr. Graça se deixa ficar inebriado na algebra das bellas equações philosophicas, para elle uma especie de musica silenciosa. Mas, energico a valer, o mundo, de qualquer fórma, se lhe afigura a projecção da vontade humana; energia de Sthendal ou energetica de Ostwald, "virtù"



dos filhos da Renascença ou desejo de força de Nietzsche, tudo encanta esse artista que nasceu para viver no tempo em que se amava a voluptuosa do perigo, em que o gosto da vida era augmentado pelo prazer de affrontar a cada instante a morte.

Coragem para vencer o terror cósmico, — eis a essência da sua obra. A esse propósito, dirão que nelle ha ainda muitos resíduos metaphysicos. Pois que haja, e não resíduos apenas, mas muita metaphysica! Acaso alguém já conseguiu matar esta senhora tão detestada pelos materialistas? Não é ainda possível conciliar, e com proveito, physica e metaphysica? Acreditamos nada haver de útil nas especulações desse genero, se habilmente conduzidas. Sem querer remontar a Leibnitz, quando affirmava que as leis da mecanica e da mathematica só podem ser, em ultima instancia, explicadas pela metaphysica, não vemos hoje o renascimento dos estudos metaphysicos na Europa? Não se fundam revistas e revistas votadas a uma tal especialidade? Isto sem falar na revivencia dos estudos thomistas, de um lado, e, de outro lado, do interesse despertado pelos mais recentes philosophos hindús; sem falar no metaphysicismo de Richet e Geley e no ultimo livro de Jules de Gaultier, consagrado exactamente à "sensibilidade metaphysica".

As conferencias do Sr. Graça representam a parte basica do "Espírito moderno", embora não sejam menos interessantes os estudos seguintes, consagrados às razões do nosso idealismo, ao mysterio da unidade brasileira e às multiplas almas que formam a alma do nosso povo.

Uma agua-forte do Proust mental fixa o que existe de engenhoso na sua arte, arvore cuja fronde vira na luz dos nossos dias, mas cujas raizes, mergulhando no cemiterio das letras classicas, parecem nutrir-se da seiva de muitos antepassados, ou sejam os memorialistas franceses à Salt-Simon e os psychologos à Stendhal; arte que, se é quasi sempre

magistral, tem, não raro, algo de simplesmente photographico ou stenographico, numa reproducção muito literal da vida, numa composição desconexa de quem nem sempre soube seleccionar e, logo, unificar.

O moralismo de Dostoevsky e a sua tendencia para o sermão laico, coisa, aliás, muito peculiar aos russos, todos mais ou menos evangelisadores messianicos, dados a exergar na vida, acima de tudo, um facto moral, é bem indicado numa vigorosa pagina de ethica literaria.

A formação do pangermanismo, a concepção do Estado omnipotente, do Estado entidade suprema, do Estado-deus, oriunda dos excessos ideologicos de Hegel e Fichte, a vontade de imitar Roma instigada pelos historiadores à maneira de Mommsen, o sonho telesco do "Weltimperium", tudo isso é explicado numa interpretação originalissima.

Commovidas paginas sobre Barrés falam na alegria de sentir, que a França e a cultura latina não morrem, de que é preciso não olhar muito para os tumulos, de que devemos ter sempre presente em nós um pensamento de renovação, a certeza de que ha um perpetuo "in fieri" nos espiritos como na natureza.

E que dizer do estylo do Sr. Graça Aranha? E' o estylo translucido de quem acha, que todo escriptor tem obrigação de ser claro, que a obscuridade é sempre uma deslealdade do raciocinio. E' a linguagem de um prosador rico e fogoso, linguagem eminentemente lyrica e que ás vezes chega a diluir-se em musica. A superior qualidade do talento do autor reflecte-se na belleza das nobres metaphoras, sendo que elle talha sempre as suas idéas em optimos estofos. Sua prosa sem dissonancias é certamente a mais pura melodia de syllabas que os nossos ouvidos possam ouvir presentemente em nossa terra.

Apripina Grieco

("Gazeta de Noticias", Rio)

AS PEDRAS PRECIOSAS

O mais duro, o mais simples e o mais bello de todos os mineraes é o diamante.

Os povos do Oriente o conhecem ha 4.000 annos e os cartaginezes iam pro-

cural-o na India para vendel-o aos etruscos.

A natureza dessa pedra, presentida por Newton, foi descoberta por Lavoisier.

O diamante é carbono puro e, se sua origem permanece desconhecida, sabe-se que tem uma idade compreendida entre 400 e 500 milhões de annos.

O seu brilho, a sua limpidez e as propriedades dispersivas, que elle adquire pelo corte, ás quaes se junta, muitas vezes, uma phosphorescencia notavel, fazem delle o rei das pedras preciosas.

O diamante possui, além disso, a propriedade de se tornar visivel na escuridão, pelo seu intenso fulgor, quando o aproximam de uma preparação em que entre a força do radium. Esse caracter, que a sciencia nos revela, permite reconhecer a authenticidade da pedra em casos de certas difficuldades.

Um ligeira nuance, quando ella é pura e viva, lhe communica, como se sabe, um valor incestimavel.

Cita-se o diamante azul, fatal áquelles que o trazem, e que foi comprado, por tres milhões, por Luiz XIV; o diamante vermelho, rubi de Paulo I; o diamante rosa do principe da Riccia; o diamante verde, da corôa de Saxa.

Poder-se-iam citar dois outros diamantes verdes, recentemente encontrados na Africa do Sul, dos quaes, o menor, que pesa 5 karats, é avaliado em 25.000 dollars, e um outro diamante, de uma soberba nuance branda, achado na mesma região e estimado em um milhão de francos, se bem que pesando 20 karats.

Segundo Thugutt, essas colorações se-rão devidas á presença, no diamante, de carbono colloidal, sufficientemente disperso.

A natureza nos fornece o diamante:

1.º, como diamante propriamente dito;

2.º, como "boart", diamante ennegrecido, cujo pó serve para talhar o prece-dente;

3.º, como carbonato, que se emprega no trabalho do porphyro e na perfuração de pedras mais duras.

Os paizes onde se acha o diamante são: a Africa do Sul, o protectorado inglês do Sudoeste africano, a Guyana inglesa, o Congo belga e a Angola, a India, o Brasil, Bornéu, Sumatra, Australia, etc.

As jazidas mais ricas são as da Africa do Sul. A sua produção attingiu o seu maximo em 1913, com 5 milhões de carats.

Esta produção baixou, consideravel-mente, desde a guerra e as dez minas

actualmente exploradas fornecem quasi um milhão de karats de diamantes brutos.

As jazidas são constituídas: 1.º, por allu-viões cuja produção é fraca (18.000 karats); 2.º, por massas cylindricas, ver-dadeiras chaminés cheias de uma substancia rochosa, a terra azul do Cabo, onde se acham disseminados os diamantes com um certo numero de outras gemmas (to-pazios, granadas, agatha, etc.).

Essas chaminés diamantíferas são ex-ploradas, seja a céu aberto, por desaggre-gação da rocha, a golpes de mina, seja subterraneamente, como Kimberley, por meio de galerias semelhantes ás de minas de oleo, com a differença que estas pô-dem ser illuminadas a fogo n.º. Os poços dessas minas têm profundidades que va-riam entre 100 a 900 metros.

Instalações electricas permitem tratar, diariamente, 5.000 toneladas de mineral com uma apuração média de 1.100 gram-mas, ou sejam 5.500 karats de diamantes. As jazidas do Sudoeste africano fornecem, annualmente, 400.000 karats.

As do Congo belga e da Angola, des-cobertas recentemente, produziram 500.000 karats em 1923 e constituirão o campo diamantifero mais vasto do mundo.

Cada leito do rio é, de um certo modo uma mina de diamantes, e basta espur-gar o do limo superficial para se proceder á extracção.

A Guyana inglesa, com as suas jazidas, também descobertas recentemente, mas afastadas de qualquer centro importante, produziu 200.000 karats em 1922.

As jazidas da India não são quasi mais exploradas e, contudo, certas minas da Golempa poderiam ainda fornecer bellas pedras. Nessas jazidas, o diamante é acompanhado de berillos, topazios e ame-thystas.

As jazidas do Brasil fornecem, sobre-tudo, diamantes para uso industrial (car-bonatos e "boarts").

As de Bornéu produzem saphyras, rubis e topazios; as de Sumatra dão platina e ouro; as da Australia, que cobrem uma superficie de 400 hectares e são exploradas numa espessura de 3 a 30 metros, encen-ram, com o diamante, a granada, o aircão; o iridium e o ouro.

O diamante tem sido encontrado na China, no Canadá, em Arkansas (E. Uni-dos) e na Europa, no Ural mas, em pe-quenas quantidades.

AS CARICATURAS DO MEZ

O MESTIÇO E O GALLO GAULEZ

« Os chronistas francezes durante os jogos de foot-ball com a França não se cansaram de dizer que os nossos jogadores eram mestiços ».

(NOTICIARIO)



O MESTIÇO — Conheceu, papudo?!...

(D. QUIXOTE — RIO)

MAIS UMA VEZ...



..a velha Europa curvou-se...

(A NOITE — RIO)

AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ



O INGENUO — Parece que já estive e privei com v. excia. em algum lugar.
O NOVO RICO — Você não se lembra que fui seu copeiro?

INDICE DO VOLUME XXVIII

Anatole France, Perillo Gomes	1
A chimica mineral no dicionario do sr. C. de Figueiredo, Affonso D'E. Taunay	5
Obscuro — O cavaleiro, José Oiticica	13
Uma conferencia, Mario de Andrade	15
As danças, Guilherme de Almeida	24
O primeiro reinado, Haddock Lobo	26
O voto secreto na Argentina, Julio Navarro Manzó	49
Os mysteriosos thesouros da Ilha da Trindade, Frederico Villar	60
Bibliographia	67
Debates e pesquisas	82
Notas do exterior	92
As caricaturas do mez	95
A Russia sovietista e a politica internacional, Oscar Siegel	97
A chimica organica no novo dicionario da lingua portugueza do sr. Candido de Figueiredo, Affonso d'E. Taunay	109
A melancholia, Rodrigues de Abreu	118
O Triangulo, Estado autonomo, Mariz e Barros	120
Casa de ouro, Almachio Diniz	122
Educar-se para educar, Francisco Venancio Filho	133
Abaixo as escolas!, Antonio Salles	139
Cronica parisiense, Sergio Milliet	144
Capitulos de uma biographia perdida de Caxias, Eudoro Berlinek	146
Bibliographia	150
Resenha do mez	162
Debates e pesquisas	181
Notas do exterior	188
As caricaturas do mez	191
Oscillações da taxa de fecundidade durante o cyclo bandeirante, Oliveira Vianna	193
O cubismo e o sorriso da Joconda, René Thiollier	202
Poemas, Mario de Andrade	209
O heroe, Julio Scheibel	211
Affonso XIII, Abel Juruá	217



Innocencia e Maria, Argeu Guimarães	220
Sonetos, Yaynha Pereira Gomes e A. Cesar Godoy	228
Cronica parisiense, Sergio Milliet	231
Capitulos de uma biographia perdida de Caxias, Eudoro Berlinck	234
Bibliographia	239
Resenha do mez	243
Debates e pesquisas	262
As caricaturas do mez	286
No alto mar, Paulo Setubal	289
Uma decada fecunda, Oliveira e Sousa	296
A chimica organica no novo dictionario do sr. Candido de Figueiredo, Affonso d'E. Taunay	301
Chronica parisiense, Sergio Milliet	310
Cabellos ao vento, Pedro Ferraz	312
Classicos e cabotinos, Silveira Bueno	318
Mealhas etymologicas, Francisco Luiz Vieira	324
As reliquias de Tut-Ankh-Amon, Pery Campos	327
Bibliographia	340
Resenha do mez	348
Debates e pesquisas	369
As caricaturas do mez	386



Nutrition

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

DIABÉTICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a função
digestiva pelo uso do

GLYCOSURINA



heraico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

**PAU FERRO - SUCUPIRA
JAMELÃO e CAJUEIRO**

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua

Ultimas Edições da

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

III

DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25\$000, enc.	30\$000
MOLESTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoncio de Queiroz, broch. 25\$ enc.	30\$000
A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Enc.	20\$000
DA FALLENCIA, Almachio Diniz, broch.	20\$000
CONCRETO ARMADO — Theoria e Pratica, segundo as prescripções allemãs, Dr. Raul Gomes Porto	20\$000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch.	12\$000
DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch.	8\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch.	8\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch.	5\$000
CONVERSAS AO PE DO FOGO, Cornelio Pires, broch.	5\$000
NARRANDO A VERDADE, General Abilio Noronha, broch.	5\$000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch.	5\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch.	5\$000
A MORENINHA, J. M. Macedo, broch. 2\$000, enc.	4\$000
CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart.	4\$000
O BRASIL E A DOUTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch.	4\$000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA, Ribeiro Couto, broch.	4\$000
MENINA E MOÇA, Bernardim Ribeiro, broch. 1\$500, enc.	3\$000
O CRIME D'AQUELLA NOITE, Menotti Del Picchia, broch.	3\$500
FRIDA MAYER, Vivaldo Coaracy, broch.	4\$000
QUINZE NOITES, Yaynha Pereira Gomes, broch.	4\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.	3\$000
O DEVER DE MATAR, Oscar Wilde, enc.	2\$000
MANUAL DE GYMNASICA, Victorino Fabiano, broch.	3\$000
DODÓCA, Dolores Barreto, para crianças, cart.	5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO



SYPHILIS!!!

Abortos! Chagas! Invalidez!
Rheumatismo! Eczemas!

UM HORROR!!!

A syphilis produz Abortos, enche o corpo de Chagas, destrói as Gerações, faz os filhos Degenerados e Paralyticos. Produz Placas, Queda do cabelo e das unhas, faz as pessoas Repugnantes! Ataca o Coração, o Bazo, o Fígado, os Rins, a Bexiga, a Garganta, produz o Rheumatismo, Purgações dos ouvidos, Eczemas, Erupções da pelle, Feridas no corpo todo, a Cegueira, a Loucura, enfim, ataca todo o organismo. Elimina a Syphilis de casa porque não havendo Saúde não ha Alegria.

ELIXIR 914

É o melhor depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Bôba.

AINDA MAIS !...

O ELIXIR 914

não é só um grande Depurativo como um energico preparado contra a Syphilis, porque contém Hermophenyl o qual destrói os microbios do sangue. É o unico sal que deve ser usado por via gastrica pela sua acção bactericida e porque não ataca o estomago nem os dentes, não produz erupções, ao contrario, secca e faz desaparecer as feridas. Não contém arsenico nem iodureto, sendo inoffensivo ás creanças.

O que o doente sente com o uso do **ELIXIR 914:**

Appetite, regularidade dos intestinos, melhorando os que soffrem de prisão de ventre. Desapparecimento de todas as manifestações syphiliticas especialmente do Rheumatismo e affecções dos Olhos; finalmente a saúde em pouco tempo.

ATTESTADOS:

É o unico Depurativo que tem attestados dos Hospitaes, de especialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphilitica.

CASAMENTOS:

Não se case sem primeiro tomar 6 vidros de **ELIXIR 914.**

É o mais barato de todos os Depurativos porque faz effeito deado o 1.º vidro.

Não deixe para amanhã, **ELIXIR 914.** comece hoje mesmo a tomar o

Vende-se em todo o Brasil e nas Republicas do Prata.

NOTA: -- Enviaremos GRATIS um livrinho scientifico sobre a syphilis e doenças do sangue, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos a GALVÃO & Cia. -- CAIXA 2-C. -- SÃO PAULO.

NOVIDADES

Dr. Waldemar Ferreira

DAS SOCIEDADES POR QUOTAS

Dr. Azevedo Marques

DA HYPOTHECA

Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)

PSYCHOLOGIA DOS CIUMES

A PERSONALIDADE SENTIMENTAL
COMO NASCE O AMOR

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
tem no prélo as seguintes obras juridicas:

Dr. Martinho Garcez

MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CIVEIS
E COMMERCIAES
CODIGO CIVIL EXPLICADO

Dr. Eduardo Espindola

DIREITO DE FAMILIA
PARECERES

Dr. Alfredo Bernardes da Silva

PARECERES

Dr. Diogo Carlos de Menezes

DICCIONARIO JURIDICO

Melchisedeck Jehovah de Brito

MANUAL DE JURISPRUDENCIA MILITAR

Instituto dos Advogados Brasileiros

LIVRO DO CENTENARIO

Henry George

PROBLEMAS SOCIAES

Pedidos a

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — Caixa, 2-B — S. PAULO



LIVROS ESCOLARES

<i>Ednardo Carlos Pereira</i> — GRAMMATICA EXPOSITIVA — Curso elementar	3\$000
Curso superior	8\$000
GRAMMATICA HISTORICA	10\$000
<i>A. de Sampaio Doria</i> — COMO SE ENSINA	3\$000
COMO SE APRENDE A LINGUA — Curso elementar	3\$000
Curso medio	3\$500
Curso complementar	6\$000
O QUE O CIDADÃO DEVE SABER.	3\$000
<i>Thales de Andrade</i> — SAUDADE	3\$000
<i>A. de Almeida Junior</i> — CARTILHA DE HYGIENE	2\$000
<i>Othoniel Motta</i> — LIÇÕES DE PORTUGUEZ	7\$000
O MEU IDIOMA.	6\$000
<i>Monteiro Lobato</i> — FABULAS.	2\$500
NARIZINHO ARREBITADO	2\$500
<i>B. M. Tolosa</i> — CARTILHA DE ALPHABETIZAÇÃO.	2\$500
<i>Mello e Cunha</i> — ALGUMAS REGRAS DE CALCULO MENTAL	1\$500
<i>Miguel Milano</i> — SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES — HYGIENE.	3\$500
<i>Edgard Vieira</i> — FACTORAÇÃO ALGEBRICA.	4\$000
<i>João Gomes Junior</i> — CANTIGAS DA MINHA TERRA	3\$000
CADERNOS DE PROBLEMAS PARA O ENSINO PRIMARIO — Caderno de Problema (1.º anno)	1\$000
<i>Fausto Lex</i> — A PESCA	2\$500
<i>Joaquim Pereira de Camargo</i> — LIÇÕES DE TACHYGRAPHIA	8\$000
<i>Leonardo Pinto</i> — CONJUNÇÕES	2\$500
LOCUÇÕES ADVERBIAES FRANCEZAS	4\$000
CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS DA LINGUA ITALIANA	4\$000
<i>Alduino Estrada</i> — ESTRADA LUMINOSA	3\$000
<i>Henrique Geenen</i> — COMPENDIO DE PSYCHOLOGIA	10\$000
<i>Ernani M. de Carvalho</i> — TRATADO DE CORRESPONDENCIA COMMERCIAL	15\$000
<i>Olavo Freire</i> — CHOROGRAPHIA DO BRASIL	12\$000

PEDIDOS A —

Cia. Graphico-Editora



Monteiro Lobato

PRAÇA DA SÊ N. 34

S. PAULO - CAIXA 2-B